



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUCIANA CRISTINA BORGES DE ARAÚJO

**O LUGAR DE REFERÊNCIA E A FRAGILIDADE DAS INSTITUIÇÕES: no caso
NE1**

Recife
2019

LUCIANA CRISTINA BORGES DE ARAÚJO

**O LUGAR DE REFERÊNCIA E A FRAGILIDADE DAS INSTITUIÇÕES: no caso
NE1**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

A663l Araújo, Luciana Cristina Borges de
 O lugar de referência e a fragilidade das instituições: no caso NE1 /
 Luciana Cristina Borges de Araújo. – Recife, 2019.
 121f.: il.

 Orientador: Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
 Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em
 Comunicação, 2019.

 Inclui referências e apêndices.

 1. Telejornal – NE1. 2. Lugar de Referência. 3. Rede Globo Nordeste.
 I. Pereira Júnior, Alfredo Eurico Vizeu (Orientador). II. Título.

302.23 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-137)

LUCIANA CRISTINA BORGES DE ARAÚJO

**O LUGAR DE REFERÊNCIA E A FRAGILIDADE DAS INSTITUIÇÕES: no caso
NE1**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 24/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Vizeu Pereira Júnior (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (Examinador externo)
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem que entrei no PPGCOM! A sensação é que o tempo no mestrado passou muito rápido porque foi um dia desses que eu estava na sala da minha casa, sozinha, pulando de felicidade ao ver meu nome na lista final dos aprovados na seleção. Nunca esquecerei desse dia!

Me programei para não sair de casa no dia 28 de novembro de 2016. De instante em instante, eu ia para o computador para ver se a lista já tinha sido divulgada. A ansiedade me corroía! E ao sair a bendita lista dos aprovados e ao ver meu nome, foi uma loucura. Eu pulava sozinha na sala, eu gritava alto e chorava ao mesmo tempo, eu agradecia a Deus, eu ligava para o povo pra dizer a boa nova. Enfim, foi um dia para ficar pra sempre em minha memória.

Para alguns pode parecer genérico, mas começo meus agradecimentos a Deus; pois sem a fé que deposito nele, nada disso seria possível. E foi essa fé que me fortalece até hoje que me impulsionou a correr atrás do meu sonho e acreditar na minha capacidade.

Fazer a pós-graduação em comunicação, nessa instituição e ter o orientador Alfredo Vizeu era o que eu mais desejava. Então, resolvi correr atrás para tornar esse objetivo realidade.

Esta corrida durou cinco anos, me despencando do bairro de Piedade, de ônibus, algumas vezes surgia uma carona, até a universidade. Investindo tempo e grana, tanto para as passagens de ônibus para chegar à universidade, como em cópias de livros, inscrições em congressos e tudo que envolve participação quando se tem um artigo aceito. E não me arrependo! Ao longo desse tempo, na condição de aluna ouvinte, Deus providenciou em colocar no meu caminho pessoas maravilhosas que torceram por mim e me ajudaram. ELE sabia que essa jornada não seria nada fácil. E não foi! Foi muito desafiadora e ao mesmo tempo prazerosa.

E nesse período, ouvi de muitas pessoas que “mestrado não era para mim”, “que procurasse outra instituição”, enfim, ouvi de um tudo que é possível imaginar. Mas, optei por não absorver esses comentários e continuei seguindo em frente, correndo atrás do meu sonho. Enquanto eu me esforçava para tornar o meu sonho realidade, Deus foi providenciando em colocar pessoas, como costume dizer, rochedas em meu caminho, porque muito possivelmente sem elas eu não seria muita coisa, para não dizer que não seria nada. E ao longo desse tempo, elas foram chegando, me ajudando, seja lendo o projeto, indicando

leituras para melhorá-lo, incentivando a enviar trabalhos para congressos ou simplesmente, torcendo para que tudo desse certo.

E essa torcida tem início com minha família. Eu sou uma privilegiada e fui agraciada por uma família composta de gente muito simples, mas guerreira. E começo por minha mãe Sônia Borges, que desde de criança me dizia: “o melhor marido são os estudos!” Mas, foi do jeitinho dela, muitas vezes não muito gentil, que ela nos educou e nos preparou pra vida. Mainha é o meu exemplo de mulher guerreira! Minhas irmãs Ana Carolina e Silvana Borges, por estarem sempre junto comigo, me apoiando, me ajudando a catar os meus caquinhos quando eu não passava na seleção do mestrado, mas sempre ao meu lado. Meu marido, amigo, companheiro, parceiro Vinicius, que muitas vezes enxugou minhas lágrimas, mas foi fundamental para que eu seguisse atrás do meu sonho e meu querido cunhado, Nuno Amaral, que mesmo distante geograficamente, estava na torcida.

Tenho enorme gratidão à minha segunda família que desde o início também torceram e vibraram de felicidade comigo. São eles: Dona Cícera, Claudinete, minha mãe de criação Claudineide Cabral, Cirneide Vieira, Bruno Thauã, José Gomes de Freitas Júnior, Everaldo Silva, Zé, Magnólia. Eles sabem o quanto me esforcei para realizar meu sonho. Eles viram meu fracasso e meu sucesso! Eles sabem da minha caminhada.

Nessa corrida, conheci pessoas maravilhosas, que moram no meu coração, que conheceram de perto meu esforço e dedicação e que foram importantes demais para mim depois que entrei no programa, os funcionários da secretaria do PPGCOM, José Carlos Gomes, Cláudia Badaró, Eluciane Diniz e Roberta Bacelar. Amo todos eles!

Ao pessoal da empresa terceirizada que fica responsável pela limpeza do CAC: Dona Luíza, Solange, seu Bernardo e seu Marcos, com quem convivi durante a pós-graduação e torceram por mim. Vão observando o quanto de gente boa Deus foi colocando na minha vida. Nesse percurso tive a torcida de uma família linda! Pra ela, não há tempo ruim! Minha gratidão para Rita, o véio Santana, Rogério, Darly, Jamile e Márcio. Que muitas vezes compreenderam o meu sumiço, mas mesmo assim estavam torcendo por mim.

Não poderia faltar minhas ex-chefas: Mabel Maria (a quem chamo carinhosamente de Meibol), Jaimar Chedid (que a chamo de chefe até hoje quando nos encontramos) e Irina Terezo (gata ou gatona, é assim que a chamo). Com esse trio maravilha e competente tive a oportunidade de aprender muito sobre assessoria de imprensa.

Aos meus ex-alunos, da turma de Assessoria de Comunicação 2017.2, com quem tive a oportunidade, no meu estágio docência, de aprender muito com eles. Foi uma experiência

linda! Foi ali, em sala de aula, interagindo com a turma, que encontrei o meu lugar no mundo. Foi naquele momento em que aprendi a ser mais humana.

Devo estender minha gratidão ao meu querido professor de inglês Ricardo França, que há muito está comigo e tem sua parcela de contribuição; assim como Manoel, Aparecida, Leomar, Simone, Carmem que estiveram sempre comigo.

Aos meus queridos Nizinha, Berg e Jhone Anderson da copiadora que há muito acompanharam meu esforço e dedicação para entrar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Sou grata também a Giovana Mesquita, Ana Paula Lucena, Natália Raposo, Laerte Cerqueira, Elane Gomes, Jocélio Oliveira, Flora Leite, Kellyane Alves e Ana Paula Bandeira que tanto me ajudaram, torceram e vibraram quando souberam da minha aprovação.

Márcio Bonfim, que desde do meu antigo projeto, foi sempre muito colaborativo e atencioso. E que também esteve torcendo por esse momento; além de nos ter dado o prazer de uma tarde de muito aprendizado com minha turma de alunos.

À prof. ^a. Dr.^a. Ana Carolina Rocha Temer, por ter participado da minha banca de qualificação e por contribuições importantes para este momento.

Sou grata ao meu orientador Alfredo Vizeu, com quem aprendi muito sobre jornalismo. Aprendi a lutar por um jornalismo mais ético e que muito gentilmente me emprestou uma biblioteca linda. Hoje, tornou-se meu amigo.

Aos meus queridos João, Elizabete, Patrícia e Cremilda pelos momentos de descontração no lanche após a orientação.

À Jô Mazzarolo, Bio Antero, Giselli Teixeira, Letícia Garcia, Leonardo Burgos Rose Maria, Iraquiton Xavier, Marjorye Cavalcanti, Simone Graf e toda equipe, que diariamente esforçam-se para oferecer o melhor aos telespectadores do telejornal NE1.

Ao meu mestre no muay thai, Aldir Barbosa, pelas palavras de incentivo não apenas no treino, mas, e principalmente, para a vida. Nos últimos meses me encontrei nessa atividade física e que tem colaborado bastante para manter a calma e o foco.

E a “turma da bagaceira”, composta por João, Renata, Brenda, Beatriz, Vitória, Pedro e Maria Laura. Assim foi batizada a turma da van que voltava da universidade para a zona sul, um trajeto que durava em média 1 hora e meia, e ao som do mais variado para deixar a nossa volta para casa um pouco mais animada.

Por falar em trajeto pelo Recife, devo acrescentar duas pessoas que podiam estar onde estivessem, mas davam seu jeito e me buscavam ou levavam; Miguel e Adilson. Meus

amigos! Sempre conversávamos sobre um tudo, gargalhávamos no carro e desta forma eu chegava ao meu destino. Obrigada, meninos!

Então, caro leitor, a corrida atrás do meu sonho foi longa, um pouco cansativa, mas prazerosa. Durante o percurso, conheci pessoas que só acrescentaram em minha vida acadêmica e pessoal. Sempre que olho para a arquibancada da minha vida, lá estão elas sempre animadas, gritando palavras de encorajamento e aplaudindo. Posso assegurar-lhes que valeu muito a pena! Nunca desista do seu sonho! Nunca e por nenhuma fração de segundo duvide de sua capacidade! Uma coisa é certa: tudo em nossa vida não acontece por acaso, pois não é por acaso que estamos aqui. Então, persistam, insistam e torne seus sonhos realidade!

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve por objetivo analisar como os jornalistas constroem o telejornal local NE1, da Rede Globo Nordeste, tornando-o um “lugar de referência” para a sociedade. Para isso, traçamos um percurso teórico visando a construção desse lugar de referência; tendo como base conceito da televisão atuando como um meio de segurança e familiarização ampliando esse mesmo conceito e seguindo o caminho do jornalismo como um “lugar de orientação” dentro da sociedade, onde as pessoas “recorrem para o bem e para o mal.” Nós expandimos ao trazermos em nossa análise seis dos doze “dispositivos didáticos”, elaborados por Laerte Cerqueira (2018) para afirmar que o telejornal atua como um espaço que orienta seu público. Para o desenvolvimento deste trabalho, nós realizamos a observação participante, nos dias 20 e 21 de novembro de 2018; acompanhada de entrevistas semi-estruturadas com três editores de texto e fizemos anotações em um diário de campo, contendo as observações e falas. Considerando que o jornalismo é uma atividade relevante para a sociedade, a análise evidencia que a rotina de trabalho dos editores influencia na relação de confiança do público com o telejornal; e foi possível verificarmos que os jornalistas, de maneira inconscientes, constroem o noticiário como lugar de referência, a partir do momento que fazem uso de alguns recursos, tais como: arte, descrição de fala, aproximação, por exemplo, com o objetivo de tornar a reportagem compreensiva para o espectador; e a partir do momento em que *fake news* tornam-se recorrentes, a sociedade serve-se de jornalismo que não confabule com irrealidades.

Palavras-chave: Telejornal – NE1. Lugar de Referência. Rede Globo Nordeste.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how journalists build the local television news program NE1, Rede Globo Nordeste, making it a "place of reference" for society. For this, we draw a theoretical route aiming at the construction of this place of reference; based on the concept of television acting as a means of security and familiarization, broadening this concept and following the path of journalism as a "place of orientation" within society, where people "turn to good and evil." we expand by bringing in our analysis six of the twelve "didactic devices", elaborated by Laerte Cerqueira (2018) to affirm that the news acts as a space that guides its audience. For the development of this work, we performed participant observation, on November 20 and 21, 2018; followed by semi-structured interviews with three text editors and we made notes in a field diary containing the observations and speeches. Considering that journalism is a relevant activity for society, the analysis shows that the editors work routine influences the public trust relationship with television news; and it was possible to verify that journalists, unconsciously, construct the news as a reference point, from the moment they make use of some resources, such as: art, speech description, approximation, for example, with the objective of making the comprehensive reporting for the viewer; and from the moment fake news become recurrent, society uses journalism that does not collude with unrealities.

Keywords: News – NE1. Place of Reference. Rede Globo Nordeste.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	A origem do lugar de segurança	43
Figura 2 -	Entrada ao vivo: Compaz Santa Terezinha	77
Figura 3 -	Sala onde encontram-se o devedor, representantes do Procon/ Recife e da instituição que está disposta a negociar	77
Figura 4 -	Repórter entrevistando o secretário- executivo do Procon/Recife	79
Figura 5 -	Imagem do buraco no loteamento São João/São Pedro, em São Lourenço da Mata	83
Figura 6 -	Repórter entrevistando morador do loteamento	84
Figura 7 -	Moradores marcando data no calendário para o retorno da equipe de reportagem	84
Figura 8 -	Apresentador lendo a cabeça de matéria sobre a saída dos médicos cubanos das regiões do agreste e sertão do Estado	86
Figura 9 -	Arte informando sobre a quantidade de vagas no edital lançado pelo Ministério da Saúde	86
Figura 10 -	Arte informando o salário e período de inscrições	87
Figura 11 -	Arte informando quem pode candidatar-se	87
Figura 12 -	Arte informando a segunda convocação	87
Figura 13 -	Print da rede social que informou a seleção e vagas disponíveis	90
Figura 14 -	Imagem de milhares de pessoas na fila	91
Figura 15 -	Imagem do interior do galpão	91
Figura 16 -	Print da rede social com a equipe responsável pela contratação	91
Figura 17 -	Apresentador fazendo as escaladas com os três repórteres em pontos distintos	93
Figura 18 -	Entrada ao vivo no bairro da Madalena	94
Figura 19 -	Repórter explicando as mudanças no trânsito	95
Figura 20 -	Arte para explicar as alterações no trânsito do bairro da Madalena	97
Figura 21 -	Repórter entrevistando um morador	97
Figura 22 -	Apresentador lendo a cabeça da matéria	98
Figura 23 -	Apresentador chamando a repórter	99
Figura 24 -	Imagem utilizada para recontextualizar	99
Figura 25 -	Imagem da entrevista com o “empreendedor.”	100
Figura 26 -	Imagem borrada da entrevista com a mãe do “empreendedor.”	101

Figura 27 -	Imagem de uma das pessoas que fazia parte da equipe	101
Figura 28 -	Imagem de uma das pessoas que fazia parte da equipe	102
Figura 29 -	Imagem da entrevista do delegado do município	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Os saberes da prática jornalística	61
Quadro 2 –	Dispositivos didáticos e suas características	64
Quadro 3 –	Características dos dispositivos encontrados	73

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A CONSTRUÇÃO DO REAL E O TELEJORNALISMO	18
2.1	JORNALISMO E SOCIEDADE	18
2.2	CONSTRUÇÃO DO REAL NO JORNALISMO	23
2.3	TELEJORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DO REAL	29
3	O MUNDO DOS JORNALISTAS	32
3.1	A ROTINA DOS JORNALISTAS	32
3.2	AS PRÁTICAS DOS JORNALISTAS	35
3.3	AS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS	38
4	TELEJORNALISMO E O LUGAR DE REFERÊNCIA	42
4.1	A CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE SEGURANÇA NO TELEJORNALISMO: OBJETO TRANSICIONAL E SEGURANÇA ONTOLÓGICA	42
4.2	CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE REFERÊNCIA NO TELEJORNALISMO: LAÇO SOCIAL E COMUNIDADE IMAGINADA	46
5	TELEJORNALISMO E CONHECIMENTO	52
5.1	JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO	52
5.2	FUNÇÃO PEDAGÓGICA NO TELEJORNALISMO	56
5.3	OS DISPOSITIVOS DIDÁTICOS	59
6	UM OLHAR SOBRE O TELEJORNAL NE1	66
6.1	OS PRIMEIROS PASSOS PARA A METODOLOGIA	66
6.2	A METODOLOGIA	69
6.3	OS PRIMEIROS PASSOS PARA AS ANÁLISES DAS MATÉRIAS	72
6.4	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE REFERÊNCIA NO NE1	75
7	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	116
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O EDITOR 1 DO NE1	117
	APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O EDITOR 2 DO NE1	119
	APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O EDITOR 3 DO NE1	120
	APÊNDICE E – DECLARAÇÃO PARA REDE GLOBO NORDESTE	121

1 INTRODUÇÃO

Em edição mais recente, os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016¹ repetem a prevalência da televisão, pelo terceiro ano consecutivo e o telejornal como a principal fonte de informação do brasileiro. Na pesquisa, o segundo meio que chegou mais próximo da televisão em termos de informação, foi a internet.

Diante dos resultados apresentados pelo relatório, entendemos que o telejornal permanece como um espaço onde as pessoas depositam confiança, o que foi confirmado pelos entrevistados.

Nesse contexto, pode-se considerar que é através do telejornal que a maioria da sociedade brasileira se mantém informada sobre o que acontece global e localmente, considerando o jornalismo como uma instituição central na orientação das pessoas que buscam nele informações do mundo que as cercam.

Esse reconhecimento de que as notícias ocupam um espaço importante para a sociedade foi o que nos motivou a estudar como os jornalistas constroem esse lugar legitimado, esse “lugar de referência” no telejornal local NE1.

Esse conceito “lugar de referência” no telejornalismo foi definido por Vizeu e Correia (2008). Os autores basearam-se nos Estudos Culturais Britânicos de Roger Silverstone (1994). Vizeu e Correia (2008), ao analisarem que a televisão é considerada como um “lugar de familiaridade e de tranquilidade” no cotidiano das pessoas, os autores observaram que Silverstone (1994) trabalhou com dois conceitos, são eles: o conceito de “segurança ontológica” de Anthony Giddens (2009) e os conceitos de objeto transicional e espaço potencial, ambos estudos de Donald Winnicott (1975).

A partir dos estudos de Silverstone (1994), da televisão sendo um “lugar de segurança”, Vizeu e Correia (2008), iniciam seus questionamentos sobre esse conceito e o expandem. Os autores basearam-se nos conceitos de “laço social” de Dominique Wolton (1996) e “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2005), para chegarem a hipótese do conceito do telejornalismo como “lugar de referência”. Vizeu e Correia (2008) citam que o telejornalismo não se constitui como um lugar de segurança, mas como um lugar de referência.

Vizeu e Correia (2008, p. 19), desenvolveram o conceito de “lugar de referência” baseados em três pilares: o telejornalismo como um lugar de construção do real, neste caso, o

¹ Disponível em: http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

telejornal atua na organização do mundo, visto que ele interpreta a realidade; o reconhecimento do conhecimento do telejornalismo no contexto de sua *práxis* (FREIRE, 2011). E por fim, o terceiro pilar que está vinculado a produção do conhecimento construído através das notícias, que por sua vez é apresentada para o público de maneira didática para que o objetivo seja alcançado, que é a compreensão. E essa forma de conhecimento acontece da seguinte maneira: informar por meio de um diálogo durante o processo de construção do real e isso ocorre de maneira didática. Essa maneira didática de apresentar as notícias, nos foi apresentada por Cerqueira (2018), que as denominou de “dispositivos didáticos” no telejornalismo.

Para desenvolver os “dispositivos didáticos”, Laerte Cerqueira (2018), fez um levantamento nas obras de Paulo Freire (1980; 1994; 1984; 1976), que deram subsídios para o autor afirmar que “os dispositivos didáticos do telejornalismo, [...], são ações dos telejornalistas e profissionais que participam do processo de produção que visam tornar a história mais clara[...].” (CERQUEIRA, 2018, p. 21).

Tendo em vista essa discussão conceitual, nossa pesquisa está alicerçada nesses principais arcabouços teóricos, pois foi a partir deles que analisamos o processo de construção do lugar de referência no telejornal NE1. Nossa escolha por esse noticiário veiculado na hora do almoço pela Rede Globo Nordeste, que é uma emissora ligada ao Grupo Globo², deveu-se ao fato de ser um telejornal com o maior índice de audiência³ e por não ter um estudo acadêmico onde fosse verificado como os jornalistas constroem o lugar de referência nesse telejornal.

Para a realização desse trabalho, fizemos a observação participante, acompanhamos as rotinas produtivas da redação durante os dias 20 e 21 de novembro de 2018, com observações no diário de campo, realizamos entrevistas abertas semiestruturadas com três editores de texto, as quais foram gravadas com o uso do aparelho celular.

Para fins de entendimento geral, esta dissertação está dividida em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, vamos tratar sobre o conceito de construção do real e como ele pode ser visualizado na rotina de telejornais locais, a exemplo do NE1. Realizamos um mapeamento teórico e abordamos o modo como o noticiário contribui para a construção social da realidade, uma vez que o jornalista assume o papel de “intérprete da actualidade” (CORNU, 1994, p. 332) sempre procurando se aproximar da verdade dos fatos.

² A Globo Nordeste é uma cabeça de rede, assim como outras cabeças de rede pelo Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Brasília).

³ Não fomos autorizados a divulgar.

No segundo capítulo, destacamos o mundo dos jornalistas, com suas rotinas e práticas. Desenvolvemos os conceitos de “comunidade interpretativa” difundida por Zelizer (1993) que enxerga os jornalistas como comunidade que compartilha os valores-notícia. Utilizamos também como referência os estudos de Bauman (2003), pois ele justifica o conceito de comunidade, como sendo algo bom e que propiciam segurança para os integrantes.

Analizamos a argumentação proposta por Traquina (2008), afirmando que os jornalistas formam tribos para colaborar com a ideia de que os jornalistas não são comunidade.

Observamos também a argumentação proposta por Bourdieu (1997), que por sua vez, diz que os jornalistas possuem “óculos” quem enxergam certas coisas e não outras; que acaba por dialogar com Gislene Silva (2014) que diz que os valores-notícias fazem parte da cultura jornalística. Por fim, lançamos mão do texto de Breed (2016), que aborda as relações de trabalho e o controle das redações, pois para ele, o diretor de redação é quem determina as diretrizes do que os jornalistas devem fazer e acaba estabelecendo alguns eixos temáticos (autoridade institucional, sentimento de obrigação, desejo dos repórteres em subir de posição dentro da organização, ausência de grupo, o prazer da atividade e a valorização da notícia) para relatar os constrangimentos organizacionais, que podem fazer com que os jornalistas permaneçam conformados.

No terceiro capítulo, trouxemos as discussões teóricas sobre a construção do lugar de referência no telejornalismo, que inicia-se com Roger Silverstone (1994), que articulou com dois conceitos, o de “segurança ontológica” e “objeto transicional” e “espaço potencial”, de Anthony Giddens (2009) e Donald Winnicott (1975) respectivamente, e conseguiu estabelecer que a televisão pode ser considerada com um lugar de segurança.

A partir dos estudos de Silverstone (1994), Vizeu e Correia (2008) analisam o conceito de “lugar de segurança” a partir dos estudos e conceitos de “laço social” de Wolton (1996), “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2005) e chegam ao conceito de “lugar de referência”. De modo que o telejornal para Vizeu e Correia (2008), não é um lugar de segurança, mas um lugar de referência. É através do telejornal, que as pessoas entram em contato com o real, com o mundo que as cerca. O fato das pessoas acreditarem no que foi veiculado, nos remete ao que Schutz denominou de “atitude natural” (SCHUTZ, 2012, p. 84), pois os homens e mulheres depositam confiança que é essencial para sua sobrevivência no mundo da vida.

Com esse esclarecimento, chegamos ao quarto capítulo, onde abordamos a relação do jornalismo como forma de conhecimento, desde os primeiros estudos do jornalismo como forma de conhecimento com o trabalho de Tobias Peucer, analisado por Sousa (2004) entre

outros estudiosos da área. Abordamos também o telejornalismo e sua função pedagógica, tendo como aporte teórico o que foi proposto por Cerqueira (2018). Este capítulo é importante para a compreensão do papel do jornalismo como a profissão que interpreta os acontecimentos do nosso cotidiano.

E, por fim, no quinto capítulo, comprovamos que os resultados obtidos pela observação participante e entrevistas aberta e semiestruturas com os três editores de texto do telejornal NE1, provam que os seis dos doze “dispositivos didáticos” (CERQUEIRA, 2018) encontrados nas reportagens que foram ao ar nos dois dias da observação participante, colaboram para a construção do lugar de referência no telejornalismo.

Com isso, demonstramos como os jornalistas constroem o telejornal NE1 como sendo um lugar de referência que serve para orientar seus telespectadores sobre os principais acontecimentos na Região Metropolitana do Recife.

2 A CONSTRUÇÃO DO REAL E O TELEJORNALISMO

O fato do jornalismo interpretar a realidade cotidiana, ele também sofre influências dessa realidade social. Realizamos um mapeamento teórico e abordamos o modo como o noticiário NE1 contribui para a construção social da realidade.

2.1 JORNALISMO E SOCIEDADE

Na rotina de uma redação, a todo instante chegam informações oriundas das mais variadas fontes. Cabe aos jornalistas, priorizar àquelas que são atuais e que há relevância para seu público. É dessa maneira, apurando os fatos e reescrevendo-os e interpretando-os, que o jornalismo contribui para a construção social da realidade; ou seja, o jornalismo não reproduz o real, ele interpreta o mundo social e, dessa forma, procura aproximar-se da verdade dos fatos.

Num breve mapeamento, observamos que desde os primórdios do campo jornalístico ele influencia e é influenciado pela realidade social cotidiana. E com isso, iremos trazer algumas reflexões sobre o jornalismo e o construtivismo. Ou seja, é apurando os fatos e reescrevendo-os e interpretando-os, que o jornalismo contribui para a construção social da realidade.

Em seu trabalho sobre o construtivismo, Corcuff (2001) afirma que “as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos” (CORCUFF, 2001, p. 26). Para o autor, o mundo social é construído a partir das construções passadas. As formas sociais passadas, são apropriadas e reproduzidas e transformadas nas interações face a face ou telefônicas, por exemplo. O resultado desse legado e esse trabalho cotidiano que são reproduzidos e abrem-se sobre um novo campo de possibilidades no futuro. Isto é, em nosso cotidiano é constituído por acontecimentos exteriores e interiores ao sujeito. As realidades sociais são objetivadas e interiorizadas.

Se por um lado, elas remetem a mundos objetivados, como por exemplo, as palavras que utilizamos, não precisamos criar novas todas as vezes em que vamos nos dirigir à alguém; seguimos regras sem ao menos nos darmos conta e também, fazemos parte de algumas instituições (religiosas, políticas, culturais, educacionais e etc.) que continuarão a existir se, por algum motivo, sairmos dela.

Por outro lado, as realidades sociais são também interiores ao sujeito porque tocam nossas preferências estéticas e decisões (valores morais) e que são apreendidas através do

nível de parentesco, normalmente com os familiares. São eles que encarregam-se de nos dar a consciência do nosso papel na sociedade, assim como, nos transmitem os conhecimentos que nos conduzirão para a vida. Para Corcuff (2001, p. 29), “Os elementos são, novas formas de *realismo* [...]”. Nessa perspectiva, a realidade social pode e deve ser percebida como construída pela sociedade e não como “dado”, “natural”.

Corcuff (2001), procurou traçar os caminhos percorridos por Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, ambos construtivistas, mas levando em consideração as nuances entre eles, assim como, apontando suas semelhanças; sempre sobre o que é dado, o que é considerado como natural, e também, com a reconstrução da realidade.

Baseados na perspectiva de Corcuff (2001), o construtivismo é uma nova forma de realidade que se diferencia das formas tradicionais que questionam o pressuposto como real. De acordo com essa interpretação, o construtivismo resgata o sentido da própria experiência humana, onde os homens e mulheres são seres sociais e, por isso, contribuem para a construção da realidade social.

Em trabalho publicado, Castañon (2005) afirma que o *construtivismo* transita por disciplinas como psicologia, educação, sociologia e filosofia da mente, mostrando que há correntes que não usam o conceito em seu sentido estrito porque dissolvem o sujeito epistêmico.

Castañon (2005) estrutura suas observações a partir do construtivismo de Piaget, destacando que a questão central para Jean Piaget é o problema do conhecimento. O autor afirma que “Piaget desenvolveu um modelo de desenvolvimento cognitivo construtivista, ricamente sustentado por dados empíricos, que apresentava o sujeito como o artífice principal, através da sua ação no mundo, de suas próprias estruturas cognitivas” (CASTAÑON, 2005, p. 39). Segundo o autor, Piaget concentrou-se nos estudos das etapas do desenvolvimento do pensamento das crianças de 0 a 2 anos e através dessa análise, Piaget demonstrou que a criança tem sua capacidade de produzir conhecimento para atingir à compreensão e interpretação do mundo real.

O termo construtivismo, portanto, surge na psicologia e ganha espaço para discussão a partir de Jean Piaget, que por sua vez defendia o sujeito como parte na construção de suas estruturas cognitivas. E o construcionismo social, que tem em Kenneth Gergen seu mentor, designou como sendo um movimento que tecia crítica à psicologia social. Castañon (2005), afirma:

Gergentraçou os fundamentos críticos e o panorama dessa abordagem da Psicologia Social, que se baseia em três grandes pressupostos: O primeiro é que a realidade é dinâmica, não possuindo qualquer tipo de essência ou leis mutáveis. A segunda é que o conhecimento é somente uma construção social, baseado em comunidades linguísticas. A terceira é que o conhecimento tem consequências sociais, e que são estas que devem determinar se ele é válido ou não (CASTAÑON, 2005, p. 39).

Castañon (2005) aponta para o construtivismo radical como sendo uma abordagem não-convencional ao problema do conhecimento, que parte do pressuposto que o conhecimento não é nada mais do que uma construção que fazemos com base nos dados subjetivos de nossa experiência. Viveríamos somente no mundo que construímos. O autor conclui que o construtivismo radical está vinculado ao próprio construtivismo radical.

Um outro autor que colaborou para a perspectiva do construtivismo foi Vygotsky (2005). Ele parte do princípio de que as características individuais do sujeito são formadas a partir das constantes interações com os mundos físicos e sociais no qual o indivíduo faz parte. Para o autor (2005), “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual.” (VYGOTSKY, 2005, p. 24).

A magnitude da obra de Vygotsky, está localizada em uma nova psicologia. A princípio, por causa do seu trabalho de formação de professores, o objetivo era entrar em contato com crianças com problemas congênitos para encontrar uma alternativa que pudesse ajudar na reabilitação dessas crianças; e com isso, ele enveredou na compreensão dos processos mentais humanos, que seria, mais adiante, o cerne de sua pesquisa.

Para Vygotsky (2005), em suas experiências foi possível descobrir que as crianças são ativas e, por isso, sentem-se à vontade para terem iniciativas que diante de obstáculos permitem escolher várias alternativas para a resolução dos seus problemas. Dentro da abordagem de Vygotsky, o homem constitui-se através de suas interações sociais e por conta disso, o homem que transforma e é transformado nas relações produzidas dentro de uma cultura visto que podem construir o conhecimento baseado em seu entendimento.

Foi necessário traçarmos, de forma breve e de modo geral, o “construtivismo social” de Corcuff (2001) para demonstrar como ocorre a perspectiva construcionista no jornalismo.

Seguindo nessa mesma linha de investigação, ou seja, procurando demonstrar como ocorre a perspectiva construcionista no jornalismo, vamos avançar e esboçar algumas perspectivas sobre o jornalismo construtivista, que será melhor compreendido adiante.

Precisamos ir às origens, neste caso, iniciamos com a sociologia do conhecimento com Berger e Luckmann (2009), antes de entrarmos nas teorias do jornalismo para compreendermos o campo jornalístico. Lembrando que Berger e Luckmann (2009), ao

trabalharem com a construção social da realidade não dedicam-se ao jornalismo; eles conceituam a construção social da realidade baseando-se em autores da sociologia do conhecimento, tais como: Karl Marx, Alfred Schutz, Émile Durkheim, Max Weber e Herbert Mead.

Para os sociólogos: “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 35).

No caso do jornalismo, temos que levar em consideração que o profissional ao trabalhar com a realidade, a partir da perspectiva de Berger e Luckmann (2009) é a realidade da vida cotidiana a qual participamos e interagimos com os outros; o jornalismo entra em contato com os fatos, faz uso das técnicas e regras próprias da redação para obter as informações. E acaba assumindo uma postura semelhante ao das instituições tradicionais, como o da família ou da escola, porque é exatamente nesse ambiente em que os jornalistas assumem mecanismos vinculados ao processo de socialização.

Nessa perspectiva construtivista, a realidade é construída pela sociedade ressaltada por Berger e Luckmann (2009), “essa realidade equivale à qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos “desejar que não existam”), e definir “conhecimento” como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas.” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 11).

Por mais que reflitam uma realidade existente, os jornalistas e as matérias por eles produzidas interferem na construção das circunstâncias e no modo em que a realidade é percebida. Os jornalistas, dessa forma, são participantes da construção da realidade. Os jornalistas assumem uma postura relevante na sociedade visto que eles mantem os rituais para auxiliá-los.

Para os sociólogos Berger; Luckmann (2009, p. 35-6) “[...] é possível tomar esta realidade como dada, tomar como dados os fenômenos particulares que surgem dentro dela, sem maiores indagações sobre os funcionamentos dessa realidade [...]” Explicando de forma breve, pode-se dizer que os autores pretendem nessa obra esclarecer que é no cotidiano, no qual o sujeito está inserido, queo indivíduo define a sociedade e compreende as ações humanas e, de certa forma, interage socialmente, construindo, dessa maneira, o mundo social. Vale ressaltar que Berger e Luckmann (2009), partem da sociologia do conhecimento e buscam retratar, como os sentidos subjetivos são capazes de criar fatos objetivos que irão interferir na subjetividade dos indivíduos.

Para contribuir com a construção da realidade, o jornalista necessita selecionar as pautas, entre várias que chegam à redação, para posteriormente estruturar o acontecimento em pilares, como por exemplo, a linguagem, para dar forma e que seu objetivo seja alcançado, que é a compreensão do seu público. Dessa maneira, o discurso jornalístico torna-se relevante para a sociedade compreender o mundo que a cerca.

Isso posto, o construtivismo é composto por um grande arcabouço teórico, que varia tanto de autores como de seus respectivos pontos de vista. Por isso, a necessidade de esclarecermos o construtivismo no jornalismo.

A maneira como o jornalismo norteia o cotidiano, está atrelada às regras, normas e linguagem do campo jornalístico. É sabido que o jornalismo é um campo de conhecimento e que, como todo e qualquer campo, seja literário ou artístico, por exemplo, é regido por regras, rotinas, linguagens, que também abarcam as questões políticas, ideológicas e econômicas. Na perspectiva de Bourdieu, campo está atrelado a exteriorização do processo interno das instituições, nesse caso, o jornalismo. Para Bourdieu (1997):

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Isso posto, Bourdieu (1997) sustenta que os jornalistas no exercício de sua profissão selecionam e enquadram as realidades do dia a dia em função de categorias que lhe são próprias. Para o autor, “Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado.” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Com isso, estamos desenvolvendo algo essencial para o jornalismo, que é a seleção e construção do que é relevante para a sociedade, prática essa que faz parte da atividade jornalística. Como foi visto, o jornalismo colabora para a construção da realidade social.

Esse entendimento de Bourdieu (1997) só fortalece a perspectiva do jornalismo construtivista. No dia a dia da redação, o jornalismo constitui a realidade e por ela é constituído, ou seja, ocorre um processo de retroalimentação.

Diante do exposto, buscamos na obra, “A Construção da Notícia”, de Miquel Alsina (2009), que nos traz as noções de “mundo real”, “mundo de referência” e “mundo possível”, com o intuito de melhor compreendermos o construtivismo no jornalismo. No contexto da

reflexão sobre a prática jornalística, o autor não aprofunda o desenvolvimento acerca desses mundos.

Segundo Alsina (2009), “o jornalista é o autor de um mundo possível que se manifesta em forma de notícia. Na construção da notícia, estão presentes três mundos distintos e que estão inter-relacionados, são eles: o mundo “real”, o mundo de referência e o mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 303). Faz-se necessário nos apropriarmos desses mundos que Alsina criou para compreendermos melhor a atividade jornalística.

Nessa dinâmica, o “mundo real” é o mundo dos acontecimentos, dos fatos, e, assim sendo, está dotado de sentido. É nesse mundo que estão dispostas as fontes em primeira mão aos jornalistas. Para dar sentido aos fatos, os jornalistas adotam um modelo interpretativo a partir de um mundo de referência (as construções culturais e as práticas jornalísticas). A partir daí, enquadram o acontecimento dentro de uma narrativa jornalística para serem compartilhadas. O mundo possível nasce da junção do que é construído pelo jornalista (no mundo real) e o mundo de referência. O resultado é que o jornalista determina o acontecimento que irá reconstruir.

Os respectivos mundos assumem as transformações e atuam de modo determinado. No mundo real opera a verificação, a apuração dos fatos que são construídos e confrontados com novos fatos. O mundo de referência abrange a verossimilhança, ou seja, está ligado às construções culturais e as práticas jornalísticas e adaptam seu ponto de vista às determinações da empresa. O mundo possível, por sua vez, está vinculado a veracidade, a busca incessante da verdade. O jornalista deve fazer com que pareça verdade o mundo possível que ele mesmo construiu.

O fato do NE1 estar imerso no ambiente social, ele contribui para a construção social da realidade; não agindo como mero reproduzidor do real; o telejornal procura aproximar-se da veracidade dos fatos. O jornalismo, desta forma, contribui para a construção social da realidade, mas também é constituído por essa mesma realidade.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO REAL NO JORNALISMO

Partindo do pressuposto que nem sempre a perspectiva construtivista, foi a perspectiva dominante dentre as teorias do jornalismo no século XIX, visto que a teoria do espelho foi a primeira a surgir no campo jornalístico.

Essa teoria, inspirada no positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798 – 1857) foi aceita como verdadeira porque pregava a objetividade no jornalismo; de modo que

as notícias são como são porque a realidade assim as determina. De acordo com a teoria do espelho, escreve Traquina (2005), “o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de *informar, procurar a verdade*, contar o que aconteceu, *doa a quem doer* (TRAQUINA, 2005, p. 147).

A teoria do espelho teve início no século XIX e continuou no século XX, nesse período houve dois fatos marcantes: o primeiro foi a comercialização do jornalismo através do desenvolvimento do governo e da sociedade e segundo, o jornalismo passou a ser visto e encarado como uma profissão, que compromete-se com a responsabilidade e veracidade dos fatos.

Com o advento do novo jornalismo, houve uma separação entre o que é notícia e opinião. As agências de notícias da França e dos Estados Unidos, foram as que mais apoiaram essa nova forma de fazer jornalismo. Foi a partir desse momento, que surgiu o conceito de objetividade, que não se opõe a subjetividade e é um reforço na convicção dos fatos. Para Traquina (2005), “é a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2005, p. 146). Para o autor, é padrão o jornalista ter como função relatar a veracidade dos fatos sem emitir seu posicionamento.

Em meados da década de 1950, surge a teoria do “*gatekeeper*” que foi introduzida no jornalismo por David Manning White. Nessa teoria, cabe ao jornalista selecionar a notícia que deve ou não entrar em um jornal (TRAQUINA, 2005; WOLF, 2005; WHITE, 2016). De acordo com os defensores dessa teoria, o jornalista seleciona as notícias de acordo com critérios pessoais. Para Gomis (1991) “Estas decisiones se toman de una manera rápida e intuitiva” (GOMIS, 1991, p. 90). Dessa maneira, o jornalista acaba por ser o responsável pelas notícias que passarão pelo portão (*gate*).

A terceira teoria, a *teoria organizacional*, teve Warren Breed como mentor. Essa teoria, segundo Traquina (2005), insere o jornalista numa perspectiva na qual o profissional está submetido às regras e normas da empresa. Para Warren Breed (2016, p. 213), “o *publisher* (proprietário) estabelece a política informativa, a qual é, seguida pelos membros do corpo redacional” e é, por este motivo, que os repórteres novatos aprendem a política editorial “por osmose”; pois a política editorial nunca lhe será passada, o novato descobre e interioriza. Para Traquina (2005),

O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores

para evitar os retoques dos seus textos (trabalho suplementar para a organização) e as reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a manutenção ou não do seu lugar, a escolha das suas tarefas, e a sua promoção – quer dizer, nada menos do que a sua carreira profissional (TRAQUINA, 2005, p. 158).

O argumento da teoria organizacional é que o fator econômico influencia no trabalho jornalístico, uma vez que o jornalismo é visto como um negócio e, desta forma, o fator ideológico da empresa precisa estar equiparado a economia, que nos meios de comunicação, as receitas são oriundas da publicidade.

Em meados da década de 1960, surgiram, em diversas universidades europeias, protestos que foram sustentados por ideologias marxistas e gramscilianas, que colocaram em xeque alguns paradigmas defendidos pelos integrantes das universidades. O resultado mais importante foi que o jornalismo passou a interessar-se pelas implicações políticas e sociais na profissão, assim como, a função social das notícias, surgindo a parcialidade no jornalismo. Para Traquina (2005), “A própria teoria democrática influencia fortemente a definição social da postura profissional dos profissionais do Quarto Poder. A objetividade e a parcialidade, são conceitos que a maioria dos cidadãos associa ao papel do jornalismo.” (TRAQUINA, 2005, p. 162). Entretanto, para ter um contraponto com Traquina, Herman e Chomsky (2003) argumentam que na mídia norte-americana, por estar presa aos interesses do governo e da elite política, as notícias acabam por ser uma forma de propaganda. Para eles (2003),

Nos países em que as alavancas do poder estão nas mãos de uma burocracia estatal, o controle de monopólio que a mídia exercer, frequentemente complementado pela censura oficial, torna claro que a mídia é utilizada para os fins de uma elite dominante. [...]. Um modelo de propaganda traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder são capazes de filtrar as notícias adequadas para serem impressas, marginaliza as opiniões contrárias e permite que o governo e os interesses privados dominantes transmitam suas mensagens ao público.[...].

A dominação da mídia pela elite e a marginalização dos dissidentes resultantes da operação desses filtros ocorre tão naturalmente que o pessoal da mídia de notícias, frequentemente atuando com completa integridade e boa vontade, é capaz de se convencer de que escolhe e interpreta “objetivamente” as notícias com base nos valores profissionais dessas notícias (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 62).

Se pensarmos na *teoria da ação política*, na versão direita, os jornalistas são instrumentos que colaboram para manter o sistema capitalista; enquanto, se forem vistos na versão esquerda, os jornalistas são vistos como quem põe em xeque o capitalismo. Essa teoria só comprova aos estudos dos autores Herman e Chomsky (2003), que estudaram a produção de notícias nos jornais americanos. Ainda com os autores, eles apontam cinco fatores que colaboram para a perpetuação da elite dominante sob o jornalismo.

Os ingredientes essenciais de nosso modelo de propaganda, podem ser classificados conforme os seguintes itens: (1) o porte, a concentração da propriedade, a fortuna dos proprietários e a orientação para lucro das empresas que dominam a mídia de massa; (2) a propaganda como principal fonte de recursos da mídia de massa; (3) a dependência da mídia de informações fornecidas pelo governo, por empresas e por “especialistas” financiados e aprovados por essas fontes primárias e agentes do poder; (4) a bateria de reações negativas como forma de disciplinar a mídia, e (5) o “anticomunismo” como religião nacional e mecanismo de controle (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p.62).

Diante do exposto, pode-se afirmar que Herman e Chomsky (2003) tecem críticas a respeito da *teoria de ação política*, pois para eles a imprensa além de ter um papel ideológico possui interesse econômico, e por isso, de forma discreta, torna o profissional subordinado aos anseios ideológicos, políticos e econômicos; fato que justifica-se pelo pagamento, em forma de salário.

Em um trabalho importante sobre o modo de produção rotineira das notícias, Stuart Hall (2016), faz uma observação pertinente sobre o poder da mídia e suas ideias assim como, as suas ideologias e práticas; e para isso, ele traz os conceitos de definidores primários e secundários. Para Hall (2016), a mídia não se restringe a produção de notícias, entretanto, é através do enquadramento e de sua relação estreita com o poder, que fica subordinada aos definidores primários; subentendidos por fontes credíveis como, por exemplo, as instituições políticas. Desse modo, ainda com o autor, a produção de notícias precisa de fontes que tenham credibilidade e os jornalistas precisam agir dentro da “imparcialidade”, “equilíbrio” e “objetividade”; de modo que os definidores primários estabelecem uma interpretação primária, que tem por função nortear toda a ação impondo, desta forma, os termos de referência. Segundo Hall (2016),

Os argumentos *contrários* a uma interpretação primária são obrigadas a inserirem-se na *sua* definição de “o que está em questão” [...] a definição primária estabelece o *limite* de todas as discussões subsequentes através do seu *enquadramento do problema*. Este enquadramento inicial fornece então os critérios segundo os quais todas as contribuições subsequentes são rotuladas de “relevantes” para o debate, ou “irrelevantes” – fora questão (HALL, 2016, p. 316 – 317).

Devido a relação estreita da mídia com grupos de poder, cabe a ela exercer a função de definidores secundários fato que justifica-se porque ela apenas reproduz o que as instituições sociais importantes aspiram, ocupando, assim, a posição de subordinada à sua relação estruturada com o poder.

Mas, para que essa relação ocorra, é necessário que o jornalismo faça uso de sistemas, sendo a linguagem o mais importante; pois é através desse sistema de expressão que a

informação chegará ao público. Para João Pissarra Esteves (2011) “[...] a linguagem constitui-se, também, como um sistema de expressão muito mais sofisticado; com ela, a nossa capacidade de referenciação da realidade que nos rodeia tornou-se mais detalhada e precisa.” (JOÃO PISSARRA, 2011, p. 70).

Isso significa que, no processo de reprodução ideológica há a necessidade, do uso da linguagem para que o acontecimento seja transformado em notícias e que estas cheguem ao público, assim como, é verdade que diferentes jornais façam uso de diferentes linguagens.

Sabe-se que o cerne do jornalismo é mediar a realidade e a teoria construtivista vai de encontro com a realidade trazida pela teoria do espelho. Isso ocorre porque há uma divergência ideológica entre ambas as teorias. Traquina (2005) nos explica que a perspectiva construcionista rejeita a teoria das notícias como espelho, por algumas razões, sendo elas:

é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem refletir essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Segundo, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível e por fim, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico, as limitações orçamentais, a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (TRAQUINA, 2005, p. 168 - 169).

A perspectiva da teoria do espelho, de que as notícias refletem a realidade, apesar de corresponder ao senso comum das redações, não leva em consideração o trabalho simbólico do jornalismo e reduz a profissão como técnicas a serem seguidas, como responder as perguntas básicas: Quem? Quando? Como? O que? E por quê? Dentro desse contexto, Schudson (2010, p. 14) com *O ideal da objetividade*, defende que os jornalistas substituíram a crença nos fatos pela lealdade às regras e procedimentos criados no mundo em que os fatos eram postos em dúvidas.

Tuchman (2016) considera que os jornalistas acreditam que podem suavizar as pressões, como por exemplo, os prazos; os possíveis processos de difamação, ao argumentarem que isso é fruto do seu trabalho objetivo. Para a autora, “os jornalistas 1) apresentam versões diferentes de uma mesma realidade; 2) apresentam provas suplementares para fundamentar um “fato”; 3) utilizam aspas para indicar que o repórter não está a dar uma versão dos acontecimentos; 4) apresentam os “fatos mais importantes” primeiro; e 5) separam cuidadosamente os “fatos” das opiniões através da utilização do rótulo “notícia de análise” (TUCHMAN, 2016, p. 129).

Ainda com a pesquisadora, que acredita que a objetividade no jornalismo acaba por proteger o profissional dos riscos da sua atividade.

Daria a impressão de que os procedimentos noticiosos exemplificados como atributos formais das notícias e jornais, são efetivamente, estratégias através das quais os jornalistas se protegem dos críticos e reivindicam, de forma profissional, a objetividade, especialmente porque a sua experiência profissional não é suficientemente respeitada pelos leitores e pode até ser alvo de críticas (TUCHMAN, 2016, p. 129).

No entanto, Traquina (2005), entende que as notícias são um produto da realidade social e, por isso, é determinante para o jornalismo:

a ideologia jornalística defende uma relação epistemológica com a realidade que impede quaisquer transgressões de uma fronteira entre realidade e ficção, [...]. O ethos dominante, os valores e as normas identificadas com um papel de árbitro, os procedimentos identificados com o profissionalismo, faz com que dificilmente os membros da comunidade jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade [...] (TRAQUINA, 2005, p. 149).

Tuchman (1983) argumenta que a sociedade, por um lado, ajuda a formar a consciência e, por outro, mediante uma apreensão intencional dos fenômenos do mundo social compartilhado, os homens e mulheres constroem e constituem os fenômenos sociais coletivamente. Para João Esteves Pissarra (2011):

A realidade de senso comum (ou da vida quotidiana) assume um caráter prioritário face a qualquer outra, atendendo à necessidade da sua permanente evocação no quadro das relações sociais: impõem-se, assim, à consciência dos indivíduos com um forte sentido de urgência, de forma muito intensa e massiva. [...]. Podemos assim concluir que esta forma peculiar da realidade assume o estatuto de “a realidade” (da vida social), em resultado da sua excepcional força estruturante da experiência humana (JOÃO PISSARRA, 2011, p. 67).

Nessa perspectiva, Mar de Fontcuberta (2010) defende que o jornalismo por colaborar na formação da opinião pública assemelha-se aos poderes legislativo, executivo e judicial devido a sua tamanha importância. Para a autora “os meios de comunicação foram considerados construtores, e não meros espelhos, de uma realidade que os admitia como únicos referentes.” (2010, p. 14). Daniel Cornu (1994), também comunga das ideias de Fontcuberta. Para o autor, a leitura que o jornalista faz da realidade está vinculado à cognição, ou seja, à maneira como o profissional interpreta o acontecimento. Cornu (1994), defende que “a actividade jornalística supõe que seja feita uma primeira leitura da actualidade. Esta

compreende, antes de qualquer relação dos factos, um trabalho de interpretação.” (CORNU, 1994, p.333).

Após entendermos que o processo de construção da realidade se dá no bojo da sociedade, sob a perspectiva construtivista, vamos refletir esse procedimento dentro do jornalismo, procurando entender a notícia como sendo algo oriundo da produção jornalística e sempre tendo em mente que o jornalismo organiza o mundo burocrático. Pensando por esse viés, logo nos vem a mente os seguintes questionamentos: como os jornalistas dão sentido ao cotidiano? Por que essas notícias foram parar no telejornal? Qual a importância dessas notícias que foram ao ar? Quais foram os valores e critérios de elaboração das notícias? Todas essas e mais algumas indagações nos impulsionaram para esclarecer e contribuir para uma melhor compreensão do jornalismo como profissão.

2.3 TELEJORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DO REAL

Na rotina do jornalismo, acreditamos que ele constitui a realidade, dando forma ao mundo social ao mesmo tempo é constituído por essa mesma realidade, formando um processo em que o jornalismo se envolve e é envolvido com a realidade social, tanto no sentido da objetividade como na busca da verdade jornalística. Tuchmann (1983, p.202) acredita que “a reflexividade especifica que, os relatos estão enquadrado na mesma realidade que registram e estruturam.”

Ao estudar a produção da notícia, Tuchmann (1983) defende que suas análises também são aplicadas à sociologia do conhecimento. A notícia para ela é um produto social. “Al buscar disseminar la información que la gente quiere, que la gente necesita y que la gente debería conocer, las organizaciones informativas hacen circular y, al mismo tiempo, dan forma al conocimiento.”⁴ (TUCHMANN, 1983, p.14).

Expandindo a perspectiva das notícias como construções da realidade, Tuchman (1983), baseada em outros sociólogos, acredita que os atores, por um lado, dão forma ao mundo social e as suas instituições como fenômenos compartilhados e construídos por outro, homens e mulheres produzem os fenômenos sociais. Para a autora, cada perspectiva ao trabalharem com os atores sociais, acaba por abordar a notícia de maneira diferente.

⁴ “Ao buscar disseminar a informação que a gente quer, que a gente necessita e que a gente deveria conhecer, as organizações informativas fazem circular e, ao mesmo tempo, dão forma ao conhecimento.” (TUCHMANN, 1983, p. 14) Tradução nossa.

A percepção da notícia como um reflexo da realidade, para Tuchman (1983) corresponde a uma perspectiva tradicional de que a notícia possui impacto social ao mesmo tempo em que se desenvolve juntamente com a estrutura da sociedade. Desse modo, fica-nos claro que Tuchman (1983) defende o ponto de vista de que a notícia não espelha a realidade, mas ajuda a constituí-la como um fenômeno social e compartilhado.

Aprofundando mais nessa reflexão, apreende-se que a produção dos enunciados é construída por fatores pessoais, ideológicos, sociais e fenomenológicos. Conforme Gaye Tuchman (1983) “la noticia no espeja la sociedade. Ayuda a construirla como fenómeno social compartido.” (TUCHMAN, 1983, p. 197). Com isso, os jornalistas constroem a narrativa a partir de ações perceptivas e cognitivas. Na perspectiva de João Carlos Correia (2012) “Os jornalistas não são observadores passivos mas participantes ativos na construção da realidade. [...] A realidade oferecida pelas notícias é envolta pelos modos de conhecer típicos dos jornalistas e pelos modos específicos que estes possuem de estruturar o conhecimento através da linguagem.” (2012, p. 83).

Com isso, tem as notícias que visam à busca objetiva de informar as pessoas, as quais por sua vez, buscam no telejornal local NE1 uma maneira para manterem-se informadas sobre os principais acontecimentos da Região Metropolitana do Recife e do Estado. Paralelamente a isso, o modo como essas práticas acontecem são oriundas da cultura das redações o que leva os jornalistas a obedecerem às normas da empresa, uma vez que esta é regida pela lógica do mercado.

João Carlos Correia (2012) afirma que há duas formas de analisar as notícias como construção da realidade; são elas: a interacionista e estruturalista.

Numa visão interacionista, [...], enfatiza a descrição dos mecanismos pelos quais essa cultura se desenvolve, afirma, legitima e protege. É graças ao processo de profissionalização das pessoas envolvidas na atividade jornalística que é possível a emergência de um campo jornalístico autônomo dotado de autoridade e de legitimidade para adotar critérios de noticiabilidade.

Numa visão estruturalista, a construção da realidade por parte dos media informativos é determinada por dispositivos institucionais e reproduz, ainda que com diversos graus de autonomia, os valores ideológicos dominantes: o jornalismo torna-se um dispositivo do processo de controlo social (CORREIA, 2012, p. 83-84).

O fato do NE1 estar imerso no ambiente social, ele contribui para a construção social da realidade; não agindo como mero reproduzidor do real; o telejornal procura aproximar da veracidade dos fatos. O jornalismo, desta forma, contribui para a construção social da realidade, mas também, é constituído por essa mesma realidade.

A perspectiva construtivista penetra nas investigações de vários pesquisadores que estudam o jornalismo como Tuchman (1983):

[...], los actores dan forma al mundo social y sus instituciones como fenómenos compartidos y contruídos. Se producen simultaneamente dos procesos. Por un lado, la sociedad ayuda a dar forma a la consciencia. Por el otro, mediante su aprehensión intencional de los fenómenos en el mundo social compartido – mediante su trabajo activo -, los hombres y las mujeres construyen y constituyen los fenómenos sociales colectivamente. (TUCHMANN, 1983, p. 196).

Para João Carlos Correia (2012) o jornalismo, assim como, as notícias, não restringe-se a reproduzir a realidade, mas, sobretudo, intervêm na construção social. E nesta perspectiva, o autor defende que os jornalistas são participantes ativos nessa construção da realidade.

Assim sendo, consideramos importante a interpretação de Gadini (2007), para quem “a realidade social cotidianamente construída pelos próprios indivíduos, grupos, movimentos e instituições, que instituem uma contínua dinâmica de relacionalidade.” (GADINI, 2007, p.79).

Todos estes autores que dialogam em defesa do jornalismo como construção do real nos trazem importantes contribuições; pois a mídia é essencial para a sociedade visto que o telejornal em questão, NE1 da Rede Globo Nordeste, tem por função sistematizar, organizar e hierarquizar a realidade, contribuindo para a organização do mundo que nos cerca.

Se o indivíduo está habituado a ler as notícias no jornal impresso, a compreender as notícias que vão ao ar diariamente através do rádio ou da televisão significa que há um mundo socialmente construído.

O NE1 está mergulhado no contexto social, pois no cotidiano da redação, encontramos jornalistas apresentando a realidade. Mas surge um questionamento: que realidade é essa que nos é apresentada diariamente ao meio dia? Muitos irão pensar que cabe ao telejornal nos mostrar as notícias atuais que aconteceram na Região Metropolitana do Recife e do Estado. Entretanto, faz-se necessário uma reflexão mais aprofundada sobre como ocorre a construção das notícias que são levadas ao ar. Para Rodrigo Alsina (2009), “produzir informação é uma atividade complexa” (2009, p. 10), pois sabe-se que para mostrar a realidade, faz-se necessário um exercício cognitivo e de interpretação por parte dos jornalistas, para, a partir daí, produzir a notícia, fazê-la circular e por fim, ser consumida pelos receptores.

3 O MUNDO DOS JORNALISTAS

Abordamos o mundo dos jornalistas, com suas rotinas e práticas. Em seu trabalho, Zelizer (1993) enxerga os jornalistas como comunidade que compartilha os valores-notícia, sendo assim reconhecido por seus colegas de trabalho. Entretanto, não acreditamos que os jornalistas formam uma comunidade, bem como Traquina (2008) enxerga que os jornalistas formam “tribos”, com a justificativa de que as notícias são resultado de uma interação social entre jornalistas e suas fontes, mas e principalmente, entre os próprios jornalistas. No entanto, para contrapor, trouxemos Zygmunt Bauman (2003), para ele comunidade é algo em que os integrantes sentem-se seguros, uma vez que não há a necessidade de questionamentos. Levando para o campo do jornalismo, o que vemos na reunião de pauta são questionamentos, conflitos de ideias até que cheguem a um consenso do que vai ou não entrar no telejornal.

3.1. A ROTINA NA REDAÇÃO

Tendo em vista que a teoria do espelho é a mais antiga e sugere que a prática jornalística reflete a realidade tal como ela seria, Warren Breed (2016), em seu trabalho intitulado, “Controle social na redação: uma análise funcional”, desenvolve a Teoria Organizacional. Breed foi um sociólogo norte-americano que aperfeiçoou-se nos estudos das relações de trabalho e controle nas redações. Para Breed (2016), cabe ao *publisher* (prorietário) e os seus editores do jornal estabelecer a política editorial que deve ser seguida pelos *staffers* (repórteres)

Breed (2016) destaca que os repórteres não aceitam facilmente as políticas editoriais e aponta três razões, são elas: das normas de ética da profissão; o fato dos repórteres serem mais liberais que o diretor e editores e por fim, o tabu ético que impedem o dono e editores de obrigar, aberta e assumidamente, os repórteres a aceitarem às suas exigências.

O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redator no que diz respeito às normas de seu trabalho. Quando o jornalista inexperiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual é a política editorial. Nem nunca lhe será. Isto pode parecer estranho, mas as entrevistas, uma após outra, vieram-no confirmar. A observação mais comum era: “Nunca, nos meus anos de jornal, me disseram como “se orienta” a notícia.” Nenhum dos jornais do inquérito possuía um programa de formação para os novos; alguns distribuíram um livro de “estilo”, mas este trata de estilo literário, não de política editorial. Além disso, os repórteres são pessoas muito ocupadas e têm muito pouco tempo para um “treino de recruta”. No entanto, todos, coma exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem “por osmose”. Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e “aprendem as regras” como um neófito numa subcultura.

Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores (BREED, 2016, p. 216).

O autor nos demonstrou de maneira sutil como ocorre a interiorização desses processos no cotidiano de uma redação que normalmente acontece na interação entre os jornalistas mais antigos com os recém chegados na organização; e dessa forma, os profissionais mais novos enxergam a maneira como texto precisa ser redigido, observam atentamente a edição de texto, para que ajuste-se à política editorial.

Nelson Traquina (2005) nos apresenta a Teoria Organizacional que defende que a organização jornalística influencia nas decisões e ações dos jornalistas no processo de seleção e redação das informações.

Traquina (2005), ressalta que o jornalista sabe que seu trabalho vai passar pelos superiores e que para evitar alterações em seu texto, o profissional precisa estar atento às exigências.

Na teoria organizacional de Breed, Traquina (2005) revela que “a ênfase está num processo de socialização organizacional em que é sublinhada a importância duma *cultura* organizacional, e não uma *cultura profissional*. (TRAQUINA, 2005, p. 153)

Breed (2016) identifica seis razões que proporcionam o conformismo com a política editorial da organização:

1 Autoridade institucional e sanções –o dono do jornal [...] tem o poder de despedir ou impedir alguém de progredir devido a transgressões. No entanto, este poder é, hoje em dia, diminuindo por três fatores. Primeiro, o jornal não é concebido como uma empresa puramente comercial e à tradição do serviço público profissional. [...] Segundo, as demissões são um fenômeno raro nos jornais. [...] Terceiro, existe divisão de cláusulas de pagamento nos contratos. (BREED, 2016, p. 220)

2 Sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores–[...]. Deve-se respeito aos jornalistas mais velhos que tenham servido de modelo aos calouros ou que tenham, de qualquer modo, prestado ajuda. Tais obrigações e sentimentos pessoais calorosos para com os superiores têm um papel estratégico no seu “aliciamento” para o conformismo. (BREED, 2016, p. 220)

3 Aspirações de mobilidade – Na resposta a uma pergunta sobre ambição, todos os *staffers* mais novos mostraram de alcançar uma posição de relevo. Todos concordavam em que lutar contra a orientação política constituía um grande obstáculo para a consecução desse objetivo. (BREED, 2016, p. 220)

4 Ausência de grupos de lealdade em conflito (BREED, 2016, p.221)

5 O prazer da atividade – a) A cooperação na sala de redação. O *staffer* [...] trabalha juntamente com outros executivos, todos cooperam agradavelmente num trabalho que todos respeitam: a busca de informação. b) As tarefas necessárias são interessantes. [...] testemunhar, entrevistar, mediar brevemente no significado dos acontecimentos, verificar fatos, escrever – não são onerosas. (BREED, 2016, p.221)
c) Gratificações não financeiras – Existe a tendência para a exclusividade dentro da classe jornalística [...]; os seus automóveis passam a grande velocidade através da cidade; as suas colunas trazem notícias de lugares importantes e longínquos, com fotografias. [...], o *staffer* sente-se , por vezes, parte integrante de uma empresa em

plena atividade. A sua moral é boa. Muitos jornalistas poderiam concorrer a empregos melhor remunerados, na publicidade e nas relações públicas, mas permanecem no jornal (BREED, 2016, p.222)

6 A notícia torna-se um valor – Uma consequência desta ênfase na notícia enquanto valor central é o afastamento do seu forte interesse na objetividade para evitar o conflito sobre a orientação política do jornal. Em vez de mobilizar os seus esforços para estabelecer a objetividade sobre a política editorial, como o critério para a execução, as suas energias são canalizadas para a obtenção de mais notícias (BREED, 2016, p.222).

A partir desses seis fatores, Breed (2016) defende que eles são os responsáveis pelo conformismo dos jornalistas, que por sua vez não discutem a política editorial e se conformam com ela. Dessa forma, o autor consegue explicar o que seria o aprendizado das regras “por osmose” resposta obtida quando os jornalistas foram questionados (BREED, 2016, p.216). É importante ressaltar que, para o autor, os jornalistas aceitam e interiorizam essas políticas, prova incontestável, é que o “chefe” nunca “ordena; a ordem é mais sutil. (BREED, 2016, p. 218). Para Traquina (2005), “segundo a *teoria da organizacional*, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística (TRAQUINA, 2005, p. 157 – 158).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o *publisher* e o *staffer*, de Breed (2016), exercem papéis sociais na redação do jornal.

Breed (2016), ao entrevistar os jornalistas verificou que as aspirações de mobilidade são uns dos motivos que os levam ao conformismo com a política editorial que lhes é imposta. Em sua conclusão, Breed (2016), argumenta que o espírito do jornalista busca um reconhecimento pelos seus pares, por aqueles que podem elevá-lo de cargo e função. “A fonte de recompensas do jornalista não se localiza entre os leitores, que são manifestamente os seus clientes, mas entre os seus colegas e superiores” (2016, p. 231).

Dessa forma, Breed defende que o papel social que o repórter exerce é o que mantém o conformismo com a política editorial. Segundo Breed (2016), ser jornalista é bom, é um papel exercido com orgulho, cheio, inclusive, de gratificações não financeiras: “Ele ganha, não só recompensas ao nível de estatuto, mas também a aceitação num grupo solidário empenhado num trabalho interessante, variado e, por vezes, importante.” (BREED, 2016, p. 231).

No entanto, o jornalista tem um público que o lê ou o assiste no telejornal e dessa forma, o profissional tem a preocupação em apurar as informações na busca da verdade, em capturar as melhores imagens e a maneira de escrever as reportagens precisa ser didática. Essa atitude do jornalista, vai muito mais além da política editorial pregada por Breed.

Interessante perceber que a teoria organizacional nos remete ao conceito de *habitus* elaborado por Pierre Bourdieu (2011), que também analisou a rotina na redação. Bourdieu nos explica que no decorrer das práticas rotineiras, a ação é estruturante na medida em que gera conhecimento e, estruturadora ao servir de base para novas práticas. Essa é o cerne do conceito de *habitus*, definido da seguinte maneira:

[...] Sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis, que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante (BOURDIEU, 2011, p. 191).

Bourdieu (2011) nos explica que através desse conceito é que o conhecimento pode ser construído por meio de ações, que inclui a existência de uma divisão entre os princípios e sentimentos do sujeito, de um lado, e, do outro, o papel como profissional que o sujeito exerce. Barros Filho e Martino (2003) reforçam o conceito do *habitus*, o qual “pode ser comparado à um maestro que comanda as diversas partes da ação do sujeito nos diversos campos em que está inserido.” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 115). Isso quer dizer que, ao introduzir -se na rotina organizacional, os novatos já encontram o ambiente “pronto”. Para integrar-se, o neófito negocia seus princípios internos, pessoais, com a ideologia do Sistema ao qual está inserido, resultando numa socialização.

E, nesse processo de socialização, ele sofre penalidades como destaca Breed (2016). As condições em que o jovem profissional encontra-se estão sujeitas a um processo de reestruturação, como destaca Bourdieu (2011), e nos cabe atentarmos que isto é esperado: à medida em que o jornalista galga outros caminhos e progride na organização, é inevitável que haja mudanças em sua rotina e no seu comportamento.

3.2. AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Em meados de junho de 2015, a Rede Globo Recife inovou; passou a fazer uso do aplicativo *WhatsApp* como um canal de comunicação entre telejornal e telespectadores. Através desse aplicativo, os telespectadores podem enviar sugestão de pautas, denúncias e reclamações através de vídeos e fotos. Entretanto, a recomendação do apresentador do NE1 é que o vídeo seja gravado na horizontal para a imagem ocupar toda a tela, não podendo esquecer do bairro, rua e sobre qual assunto o vídeo ou foto tratam. Acredita-se que essa

demanda oriunda dos telespectadores seja importante para a produção do jornal porque os jornalistas não conseguem estar presentes em todos os lugares. Um exemplo disso foi no dia 23 de janeiro de 2018, em que o Globocop caiu na praia do Pina, zona sul do Recife. As primeiras imagens que chegaram à redação, foram envidadas pelos moradores que fizeram as imagens do resgate às vítimas através do *WhatsApp*.

Contudo, a inclusão dos telespectadores como colaboradores na produção do NE1 merece destaque, pois abre espaço para refletirmos, também, sobre o telespectador que deixou de ser receptor e passou a influenciar nas pautas do noticiário. Isso acaba gerando mudanças, como as de linguagens e estéticas, por exemplo. É sabido que cabe aos jornalistas a chancela do que vai ou não ao ar, e a partir do momento em que qualquer pessoa munida com um *smartphone* tem a possibilidade de registrar o fato e enviar para a redação, gerou uma liberdade para os telespectadores e essa mudança implica em alterações na rotina produtiva do telejornal.

Fabiana Siqueira (2013) investigou em suas pesquisas para a elaboração da sua tese, pelas redações dos telejornais o impacto causado por essa aproximação entre cidadãos através das mídias digitais. Para a autora, essa relação entre “coprodutores” e os jornalistas, foi um divisor de águas, porque essa aproximação gerou repercussão nos critérios de noticiabilidade empregados na redação dos telejornais analisados pela pesquisadora.

É o que vemos no NE1, telespectador deixando de ser um consumidor passivo e que passa a colaborar com a redação do telejornal ao enviar, por meio do aplicativo *WhatsApp*, seus vídeos relatando os (des)serviços públicos com o objetivo de que sejam solucionados, pois acreditam que ao ganhar visibilidade no noticiário há a possibilidade de ser resolvido, reforçando a ideia defendida por Fabiana Siqueira (2013):

O papel jornalístico de emitir notícias permanece e cremos que não perdeu sua força. O que ocorreu foi a entrada de um novo agente nesse processo, que não divide espaço em termos de igualdade no telejornalismo, pois neste setor a seleção do que será ou não transmitido depende, diretamente, do trabalho desempenhado pelos jornalistas. (SIQUEIRA, 2013, p. 74).

Em seu trabalho, Beatriz Becker (2009) já observava a demanda dos agentes e os impactos causados no telejornalismo com essa relação entre cidadão e jornalistas. Para Becker (2009):

A perspectiva do telespectador-usuário como agente no processo de comunicação, subverte a forma de distribuição unilateral e a recepção passiva de informações, e aponta para uma nova maneira de pensar a relação entre produtores e consumidores,

entre televisão e a sociedade, entre jornalistas e cidadãos, sugerindo uma reconfiguração na mediação jornalística televisiva, novas relações entre o jornalista, os telespectadores-usuários, as fontes e os fatos sociais[...] (BECKER, 2009, p.88).

No entanto, Becker (2009) nesse trabalho, segue um viés de raciocínio que preza mais as mudanças ocorridas pela convergência midiática no jornalismo; diferente de Siqueira (2013) que aprofundou em sua pesquisa os impactos causados nos critérios de noticiabilidade a partir do momento em que o jornalismo abre espaço para que os agentes possam participar dos telejornais como coprodutores.

Targino (2009), saí em defesa do jornalismo cidadão, o cidadão comum que viu no ciberespaço a possibilidade de divulgar suas “matérias noticiosas”. Para a autora, “Independente das questões terminológicas, todas essas novas expressões demarcam as distinções entre a *web* tradicional e este, que se expande como rede social, privilegiando a participação, a colaboração do cidadão e dos grupos sociais à frente da produção de notícias.” (TARGINO, 2009, p. 59).

Salaverría e Negredo (2008) enxergam o processo da convergência midiática nas redações como o responsável pela organização da redação em função dos conteúdos, mas não chega ao ponto de prejudicar a missão do meio, que é pública. E para os autores, com o advento da internet, houve uma melhora na comunicação entre editoriais e repórteres que precisaram adaptar-se para usar as novas ferramentas e os novos formatos para divulgar a notícia.

A partir do momento em que ocorre a convergência dos meios abre-se espaço nos meios de comunicação para que o cidadão comum contribuísse ainda mais, não esquecendo que há muito nos jornais impressos há a sessão onde os cidadãos enviavam suas denúncias ao jornal. De acordo com Salaverría e Negredo (2008), “Os jornalistas não são os únicos que falam no jornal: juntamente com a crescente presença de especialistas, a participação dos leitores é coordenada, estimulada e incentivada pela mídia.”(SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 154 – tradução nossa).

O que observamos nessas obras, é que apesar das modificações tecnológicas que coube ao jornalismo fazer para adaptar-se para acompanhar a tendência e inovar no modo de fazer jornalismo, observamos que os autores referem-se de maneiras diferentes para abordar o cidadão como colaborador do telejornal. Entretanto, podemos concluir que, apesar do cidadão atuar como coprodutor de notícias, ainda assim, cabe aos jornalistas por formação, que são profissionais legitimados e, por isso, têm acesso a fontes que, no caso dos coprodutores, são inacessíveis. Só por isso justifica-se o fato de que, apesar de todas as ferramentas tecnológicas

disponíveis aos coprodutores, cabe ao jornalista decidir o que vai ou não ser exibido, e o coprodutor, não tem poder para isso.

3.3. OS JORNALISTAS E AS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS

A pergunta lançada por Traquina (2005): “por que as notícias são como são?”, diante do que já foi visto, poderia privilegiar os modos e rotinas produtivas na redação, mas isso seria reduzir esse fenômeno que é o jornalismo. Como foi visto anteriormente, as notícias variam de meio de comunicação, de relevância para seu público, da política editorial de cada veículo.

Os jornalistas contribuem para a construção social da realidade, fazem uso dos valores-notícia para que seu público compreenda o mundo que o cerca e o jornalismo é percebido pela sociedade como uma instituição social legitimada, de modo que suas ações interpretativas, ancoram-se em outros agentes sociais e instituições. Isso é facilmente percebido no processo de produção e apropriação dos produtos jornalísticos.

O termo “comunidade interpretativa”, lançado por Barbie Zelizer (1993) que afirma que “os jornalistas possuem enquadramentos de referência partilhado para trabalhar” -, é retomado por Traquina (2008). Essa cultura jornalística, nada mais é que um conjunto de valores que servem de parâmetro para os jornalistas se verem e se perceberem no seu trabalho e na sua relação com o seu público. Para Traquina (2008), “certamente, outra expressão crucial da cultura jornalística é a sua maneira própria de agir, a sua maneira própria de falar , e sua maneira própria de ver o mundo.” (TRAQUINA, 2008, p. 50). Para o autor, em outra obra (2005), as notícias são resultado de uma interação social que ocorre não apenas entre os jornalistas e suas fontes, mas entre os próprios jornalistas.

Tanto na obra de Zelizer (1993) quanto em Traquina (2008), a comunidade interpretativa do jornalismo é composta apenas por jornalistas. Entretanto, o jornalismo dialoga com outras instituições que são concorrentes e as regras do campo jornalístico não ficam restritas a esse grupo de profissionais. Pelo contrário, a ideologia e cultura jornalística podem ser compartilhadas e até mesmo confirmadas por outros.

Em seu trabalho, Zelizer (1993) sai em defesa da ideia de comunidade interpretativa como um enquadramento alternativo ao entendimento do jornalismo como uma profissão. “Propõe que se considere o jornalismo não só como profissão, mas também como uma comunidade interpretativa, unida pelo seu discurso partilhado e pelas interpretações de acontecimentos públicos relevantes.” (ZELIZER, 1993, p. 33). Para a autora, isso permitiu

que enxergasse melhor o funcionamento da atividade, ao separar o que no início era apenas grupos dispersos de escritores. Para a autora, quando o jornalista considera-se como profissional, ele se reconhece exercendo uma tarefa com seus colegas de trabalho, e resulta um sentimento de partilha. Segundo Zelizer (1993), “os jornalistas adquirem assim o seu estatuto devido ao trabalho que efectuam agindo “como profissionais” e exibindo certas características predefinidas de uma comunidade “profissional” (ZELIZER, 1993, p. 34).

Dessa forma estabelecem as condições para que o conjunto de valores na área do jornalismo o profissional vai enveredar, se para a área da política, crônicas, economia, cidades sejam difundidas.

Nesse sentido, Zelizer (1993) levanta o seguinte questionamento: “Como é que “ser profissional” se tornou uma “senha” para ocultar os elaborados mecanismos pelos quais é construída a realidade?” (ZELIZER, 1993, p.35). O reconhecimento da profissão dá sinais de por que os jornalistas raramente admitem recorrer a “construções de realidade”. Isso indica que apenas o enquadramento não é suficiente para dar conta da percepção das dinâmicas textuais. Para Zelizer (1993), é necessário que haja um enquadramento explicativo alternativo, para, dessa forma, surgir a noção de comunidade interpretativa em seu trabalho.

A existência da *rede informal* estabelecida entre os repórteres, permite que os profissionais do jornalismo compartilhem e compreendam as regras que permitem dizer se determinadas ações são ou não próprias para o exercício da profissão. Essa compreensão de comunidade interpretativa está baseada na constatação de que os jornalistas agem coletivamente, Zelizer (1993, p. 36) fala em “jornalismo de matilha” que ultrapasa os muros da organização, uma vez que acontecem encontros profissionais, da pertença a clubes sociais, entre outros. Isso acontece, porque na rotina em uma redação os jornalistas realizam contatos não formais que contribui para estabelecer um discurso sobre sua prática e sobre os acontecimentos.

Para Zelizer (1993), a comunidade interpretativa caracteriza-se menos por códigos éticos, não orientam-se por livros de ensino do jornalismo, não valorizam a sindicatos e dão preferência a credenciais. E isso acaba por enfraquecer os aparatos da profissão. Segundo a autora, “o jornalista moderno *pertence* a uma profissão, mas não *está* numa profissão.” (ZELIZER, 1993, p. 37). “Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa, estão unidos pelas interpelações coletivas de determinados acontecimentos-chave. O discurso compartilhado que produzem é assim um indicador de como se vêem a si próprios como jornalistas.” (ZELIZER, 1993, p. 39).

Entretanto, não nos apropriamos das perspectivas trabalhadas por Traquina (2008) e por Zelizer (1993), por não acreditarmos que os jornalistas formam uma comunidade, mas compartilhamos do esclarecimento acerca do conceito de comunidade, que é concedido por Zygmunt Bauman (2003), “A palavra “comunidade” sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má *companhia*”. (BAUMAN, 2003, p. 07). O autor justifica comunidade como sendo algo em que os integrantes sentem-se seguros, pois esse sentimento é o esperado por eles que compõem determinada comunidade e em contraposição, há a questão: o conflito com a diminuição da liberdade. Prova incontestável dessa discussão, Bauman (2003) afirma, nessa mesma obra que

Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas coisas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos. Isso não é razão para que deixemos de tentar (não deixaríamos nem se fosse uma boa razão). Mas serve para lembrar que nunca devemos acreditar que qualquer das sucessivas soluções transitórias não mereceria mais ponderação nem se beneficiaria de alguma outra correção. O melhor pode ser inimigo do bom, mas certamente o “perfeito” é um inimigo mortal dos dois (BAUMAN, 2003, p. 11).

Dessa forma, Bauman (2003) nos mostra essa contradição no primeiro capítulo do livro, quando nos esclarece que a comunidade é formada a partir “*entendimento compartilhado por todos os seus membros*” (BAUMAN, 2003, p.15), isto é, para o autor, a comunidade se baseia em entendimentos completos e que não há a necessidade de questioná-los. Presenciamos isso em comunidades religiosas, por exemplo. O sentimento de comunidade, desta forma como Bauman traz, passa a sensação de segurança, mas que os que dela fazem parte, têm sua liberdade sacrificada. Mais adiante, o autor afirma que: “A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale a escravidão; e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado.” (BAUMAN, 2003, p. 24).

Nosso raciocínio com os respectivos autores observa-se que os profissionais do jornalismo não enquadram-se em comunidades como Bauman (2003), assim definiu; pelo fato de; no momento de elaboração de um jornal, há a reunião de pauta, onde existem conflitos de ideias e questionamentos, até que cheguem a um consenso do que vai ou não entrar no jornal. Entendemos que eles formam grupos ou “tribos” que, dentro de uma redação, identificam-se por existir a linguagem jornalística, cultura profissional, os critérios de noticiabilidade, o *ethos* jornalístico, entre outros e que ao fim da jornada de trabalho, os profissionais continuam

atentos ao que ocorre nas ruas, acompanham, através dos aparelhos de celular, as atualizações das notícias em *sites*; mas sempre alertas, pois se acontecer algo, possivelmente precise voltar para redação.

4 TELEJORNALISMO E O LUGAR DE REFERÊNCIA

Abordamos as discussões teóricas sobre a construção do lugar de referência no telejornalismo, apoiados no conceito de Vizeu e Correia (2008). Baseados na obra de Roger Silverstone (1994), que observou a televisão como um lugar de familiaridade, Silverstone trabalhou com dois conceitos: segurança ontológica de Anthony Giddens (2009) e objeto transicional e espaço potencial de Donald Winnicott (1975).

A partir dos estudos de Silverstone (1994), Vizeu e Correia (2008) analisam o conceito de “lugar de segurança” e chegam ao conceito de “lugar de referência” uma vez que é no telejornal onde a sociedade busca informações sobre o mundo que a cerca e de certa forma, o noticiário orienta essa sociedade complexa.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE SEGURANÇA NO TELEJORNALISMO: OBJETO TRANSICIONAL E SEGURANÇA ONTOLÓGICA

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM, de 2014; 2015; 2016), que são os mais atualizados e disponíveis a que tive acesso, indicam que, pelo terceiro ano consecutivo, o telejornal continua como a principal fonte de informação do brasileiro, apontando que 63% da população se informa pela televisão sobre o que acontece no país e no mundo.

A partir desses dados, pode-se dizer que a televisão, ao longo dos anos, consolidou-se na sociedade como um meio de comunicação legitimado e, com isso, o telejornalismo tornou-se um lugar de referência para a sociedade que busca informações sobre o mundo que a cerca.

O termo “lugar de referência” do telejornalismo, apoia-se na conceituação de Vizeu e Correia (2008). Eles baseiam-se nos estudos de mídia da tradição dos Estudos Culturais Britânicos de Silverstone (1996). Ao observar que a televisão se constitui num “lugar de familiaridade e de tranquilidade” no cotidiano, Silverstone (1996) o faz a partir de dois arcabouços teóricos: os estudos de Giddens (2003) quando ele delinea o conceito de segurança ontológica, e dos estudos de Donald Winnicott (1975), a partir dos objetos transicionais e espaço potencial. (ALVES, 2019, p. 148)

Figura 1 – A origem do lugar de segurança



Fonte: A autora.

Ainda de acordo com Alves (2019), responsável por alargar o conceito de “lugar de referência”:

Silverstone (1996) movimenta esses dois autores para constituir a interpretação do que ele denomina de “experiência televisiva”. “[...] quiero formular una interpretación de lo que llamaré la *experiencia* televisiva: la experiencia de la televisión en toda su cotidianidad, en toda su factualidad.” (SILVERSTONE, 1996, p. 19, grifo do autor).

No estudo de Giddens (2003), o termo segurança ontológica definido dentro da teoria da estruturação refere-se: “A confiança em que os mundos natural e social são como parecem ser, incluindo os parâmetros existenciais básicos do *self* e da identidade social.” (GIDDENS, 2003, p. 444, grifo do autor). Silverstone (1996) observa que Giddens (2003), nesse estudo, ainda não trata os meios como factores significativos na criação da modernidade, ele fará isso depois em estudos posteriores. (ALVES, 2019, p. 148)

Para Alves (2019), que vai tecendo junto com esses conceitos um novo olhar sobre o “lugar de referência” aprofunda-se, no sentido de nos deixar claro como esse conceito foi construído e continua com Silverstone (1996)

Mi argumento seguirá dos direcciones. La primera retrocede, por así decirlo, hacia las condiciones psicodinámicas para que se establezca un sentido básico de confianza em el niño en desarrollo. Pero al considerar las circunstancias de esos primeros años, me proponho ampliar la perspectiva de Giddens para atender no sólo al desarrollo de la seguridad ontológica en la experiencia de una confianza básica, sino también al desarrollo de un sentir de lo simbólico que comprobadamente la acompaña. Y sostendré que en las teorías del psicoanalista inglés D. W. Winnicott, y en general em la orientación psicoanalítica conocida como teoría de las relaciones objetales, hallamos la semilla de una explicación potencialmente poderosa de le

spacio que ocupa la televisión en la cultura y en la psique del individuo (SILVERSTONE, 1996, p. 27)⁵.

Essa é a ideia de Giddens (2009) sobre segurança ontológica, que se baseia na fé que as pessoas “tem na continuidade de sua identidade própria e na “estabilidade” dos meios circundantes de ação social e material.” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 20). Essa crença “na fidelidade das pessoas e das coisas” é vista por Vizeu e Correia (2008) como básico para a ideia de confiança.

A partir do conceito de segurança ontológica desenvolvido por Giddens (2009), que para ele as pessoas enxergam o mundo como um lugar seguro através das rotinas diárias, Silverstone (1994) articula com os conceitos de objetos transicionais e espaço potencial de Winnicott (1975). Donald Winnicott (1975), ao observar o desenvolvimento humano, investiga o vínculo de bebês com sua mãe a partir de alguns objetos que são tidos como “lugar de segurança”, por exemplo: a mamadeira, a chupeta.

Winnicott (1975) justifica esses objetos como “objetos transicionais” porque incentivam o bebê a acostumar-se com a ausência da mãe; mas isso não é tão simples e fácil. “Y esta aptitud dependerá a su vez de la calidad de los cuidados que se lebrinden, particularmente por la fiabilidad y la consistência de estos (y también por suintensidad). El niño se puede separar de la madre se enel vínculo existen confianza y seguridad suficientes para que él lo haga sin riesgo.”⁶ (SILVERSTONE, 1994, p. 28).

A partir da articulação com esses dois teóricos, Silverstone (1994) conclui que a televisão é um “lugar de segurança” para a sociedade por constituir-se em um “lugar de familiaridade e tranquilidade” no cotidiano. Ao observar a grade de programação da televisão, Silverstone (1994) ver, no telejornalismo, o melhor exemplo para demonstrar como esse gênero jornalístico funciona como objeto transicional a partir da relação de segurança em oposição com a relação de insegurança que resulta na confiança na realidade cotidiana.

⁵ Meu argumento seguirá duas direções. A primeira volta, por assim dizer, as condições psicodinâmicas para que se estabeleça um sentido básico de confiança na criança em desenvolvimento. Mas ao considerar as circunstâncias dos primeiros anos, me proponho a ampliar a perspectiva de Giddens para atender não somente ao desenvolvimento da segurança ontológica na experiência de uma confiança básica, senão também ao desenvolvimento de um sentir simbólico que comprovadamente a acompanha. E sustentar que as teorias do psicanalista inglês D.W. Winnicott, em geral na orientação psicoanalítica conhecida como a teoria das relações objetais, encontramos a semente de uma explicação potencialmente poderosa do espaço que ocupa a televisão na cultura e na psique do indivíduo (tradução de Alves, 2019, p.148).

⁶ E essa aptidão dependerá, por sua vez, da qualidade do atendimento prestado, principalmente pela confiabilidade e consistência dessas (e também pela intensidade). A criança pode ser separada da mãe e no vínculo existe confiança e segurança suficiente para que ela faça sem risco.

Pero creo que el género de los noticiarios es el que nos permite ver, mas claramente que ningún outro, la articulación dialéctica de angustia y seguridad – y la creación de confianza – que sobre determina que la televisión llegue a constituir un objeto transicional, particularmente para los televidentes adultos.”⁷ (SILVERSTONE, 1994, p. 39).

Silverstone (1994) observa que o telejornal tem a função de tranquilizar a sociedade através dessa relação de confiança que foi construída. O autor ressalta que apesar da instabilidade no mundo que nos cerca, o noticiário cria uma dependência para que o “lugar de segurança” seja encontrado na televisão.

El noticiario es adictivo y más lo es cuando el mundo se presenta inestable. El noticiario es una institución clave en la mediación de la amenaza, el riesgo y el peligro y, como diría Giddens, y también Winnicott, esencial para que podamos comprender nuestra capacidad de crear y mantener nuestra seguridad ontológica. Su significación y su función en este sentido son tan importantes como lo es su papel de proveedor de información (un término al que también debe prestarse cuidadosa atención), papel que debemos comprender si pretendemos averiguar el fundamento de la persistente importancia de la televisión en la vida cotidiana.⁸ (SILVERSTONE, 1994, p. 40).

A partir dos estudos de Silverstone (1994), Vizeu e Correia (2008) analisam o conceito de “lugar de segurança” a partir dos estudos e conceitos de “laço social” de Wolton (2004) e “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2005), e chegam ao conceito de “lugar de referência”, visto que os telejornais não mostram apenas notícias, mas, e sobretudo, levam notícias que deixam os telespectadores inseguros. De modo que o telejornal, para Vizeu e Correia (2008), não é um lugar de segurança, mas um lugar de referência. É nele, onde as pessoas buscam entrar em contato com o mundo que as cerca. Isto é, as pessoas acreditam no que está sendo veiculado no telejornal porque é a realidade que está ali. E isso nos remete ao que Alfred Schutz, um sociólogo e profundo conhecedor da filosofia de Husserl, denominou de “atitude natural” (SCHUTZ, 2012, p. 84). Esse conceito de “atitude natural” é um resgate de Schutz ao mundo da experiência e que para ele, está atrelado na atitude do homem comum em não por dúvida e nem questionar a existência do mundo e das coisas; pois os homens e mulheres depositam confiança que é essencial para sua sobrevivência no mundo da vida.

⁷ Mas acho que o gênero dos noticiários é o que nos permite ver, mas claramente que nenhum outro, a articulação dialéctica de angústia e segurança – e a criação de confiança – que determina que a televisão chegue a constituir um objeto transicional, particularmente para espectadores adultos.

⁸ O noticiário é viciante e mais ainda quando o mundo é instável. O noticiário é uma instituição chave na mediação de ameaça, risco e perigo e, como diria Giddens, e também Winnicott, essencial para que possamos compreender nossa capacidade de criar e manter nossa segurança ontológica. Sua significação e sua função nesse sentido são tão importantes quanto é seu papel de provedor de informações (um termo ao qual também deve ser dada atenção cuidadosa), papel que devemos compreender se quisermos investigar o fundamento da persistente importância da televisão na vida cotidiana.

4.2. CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE REFERÊNCIA NO TELEJORNALISMO: LAÇO SOCIAL E COMUNIDADE IMAGINADA

Ao observarem o conceito de Silverstone (1994), que a televisão pode ser um “lugar de segurança”, Vizeu e Correia (2008) avançaram nessa concepção e analisaram a televisão como um “lugar de referência”, partindo do princípio de que é por meio da televisão, mais especificamente, do telejornal que homens e mulheres buscam informações, isto é, entram em contato com o real.

Vizeu e Correia (2008), desenvolveram o conceito de “lugar de referência” no telejornalismo levando em consideração três pontos essenciais: telejornalismo como lugar de construção do real, agindo como um organizador do mundo a partir do momento em que interpreta a realidade através da sua mediação social; o reconhecimento do conhecimento do telejornalismo dentro da sua *práxis* (FREIRE, 2011) e a produção do conhecimento construído pela notícia ao se apresentar numa forma didática durante a mediação dos acontecimentos e as audiências. (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12). Coube ao jornalismo exercer uma forma de conhecimento por meio de duas funções: de informar por “estar em diálogo” durante o processo de construção do real e o faz de modo didático. “Ou seja, operando de uma forma *pedagógica*, a notícia faz uma mediação entre os diversos campos do conhecimento e o público (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 19).

Vizeu e Correia (2008), ao construírem o conceito “lugar de referência”, eles transcendem a ideia de “lugar de segurança” desenvolvida por Silverstone (1994), que para ele a televisão foi identificada como um meio de segurança e de familiarização. Os autores Vizeu e Correia (2008), ampliam esse conceito e seguem por um viés em que o jornalismo é um “lugar de orientação” dentro da sociedade, onde as pessoas “recorrem para o bem e para o mal”,

Refletimos e avaliamos que a ideia de lugar de segurança, mais confundia os nossos propósitos de tratar o jornalismo como um *lugar de referência*, conceito que entendemos dar uma dimensão mais ampla ao jornalismo como uma espécie de lugar de orientação nas sociedades complexas que homens e mulheres recorrem para o bem e para o mal (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 19).

Os autores Vizeu e Correia (2008, p. 12-25) buscam aproximar o “lugar de referência” no telejornalismo como uma “referência de estabilidade e segurança para as pessoas no mundo que as cerca.” Para esse feito, eles baseiam-se em Anthony Giddens (2009) quando

afirma que a confiança na continuidade do mundo objetivo está interligada nas rotinas diárias em que se dá a inter-relação das atividades cotidianas e das instituições da sociedade. Nela os agentes sociais identificam possíveis conexões frente aos cenários em que se constitui o cotidiano.

Vizeu e Correia (2008) concluem o conceito de “lugar de referência” baseados nos conceitos de “laços sociais” de Wolton (2004), de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2005) e das instituições intermediárias de Berger e Luckmann (2012) – essas instituições produzem sentidos, tendo em vista a crise de sentido da modernidade criadas pelas instituições tradicionais. Para exemplificar o conceito, Vizeu e Correia (2008) fizeram uso das pesquisas etnográficas realizadas por Travancas (2011), que prova que as pessoas referenciam-se nos telejornais.

A centralidade da confiança, como mostra Luhmann (2005), é básica para a sobrevivência do homem na contemporaneidade. Segundo o autor, as pessoas de uma forma ou de outra devem assumir que a orientação do outro, de alguma maneira, está relacionada com a verdade. A complexidade faz parte do mundo que vivemos e só podemos ter acesso a ela, compreendê-la, se for simplificada e reduzida. Ou seja, temos que ser capazes de entender e depender da informação de outras pessoas e instituições (PEREIRA JÚNIOR; ROCHA; SIQUEIRA, 2012, p. 05).

Pereira Júnior e Rocha (2012), em outro trabalho sobre telejornalismo, vão associar a importância do telejornalismo na sociedade através do sentimento de segurança que foi gerado da relação de confiança com a audiência. Os autores abordam o termo audiência ativa, audiência comunicativa e público com a mesma significação

Esse lugar de referência do telejornalismo está intimamente ligado à audiência ativa. Um dos motivos principais do noticiário televisivo ocupar esse lugar é a necessidade de as pessoas terem uma segurança, uma referência diante de um mundo cada vez mais complexo. [...] A audiência ativa estabeleceria então com os telejornais não um contrato de leitura, como afirmam alguns autores (Véron, 1980), mas uma relação de confiança. A confiança, a crença e a segurança são centrais para a sobrevivência do homem [...] (PEREIRA JÚNIOR; ROCHA, 2012, p. 95-96).

É na relação de confiança e de desconfiança pré-condicionada pela familiaridade de Luhmann (2005), que os autores Pereira Júnior, Rocha e Siqueira (2012) analisam a questão de segurança e insegurança presente no conceito “lugar de referência” no telejornalismo. Faz-se necessário ressaltar que a referencialidade é reconhecida pelo coletivo, pelo sentimento de pertencimento e identidade nacional que são instigados pelo telejornal, pois sabe-se do seu potencial e alcance. A tevê funciona como um “laço estruturante”, que foi identificado por

Pereira Júnior (2007) – e, posteriormente, retomado por Vizeu e Correia (2008) – para basearem-se na definição de “laços sociais” definido por Wolton (1996).

Para Wolton (2004), “a televisão é atualmente um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa.” (WOLTON, 2004, p. 135). A definição de “laço social”, fez o autor retomar ao conceito das bases de tradição sociológica um pouco distinto da que foi proposta pela escola francesa e da hipótese de Durkheim (1858 – 1917) sobre a religião. Entretanto, o conceito desenvolvido a partir do ponto de vista institucional do que é cultural da escola francesa não é acolhido por Wolton (2004). O autor opta pelos estudos da antropologia que são os que mais se aproximam dos culturais. A televisão, por ser capaz de agregar o grande público “potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente”, consegue estabelecer um “laço invisível” numa “espécie de *common knowledge*, um duplo laço e uma antecipação cruzada.” A noção de grande público está diretamente ligada à de laço social (WOLTON, 1996, p. 123-124).

Essa noção de laço social é incitada pela televisão e encontra-se nas práticas sociais institucionalizadas, mas com aspectos menos institucionais oriundos do crescimento das instituições sociais ao cobrir todos os setores da sociedade (saúde, transportes, educação, família, trabalho, entre outros). “É um laço social tênue, menos forte e menos limitador”. E sua força está “no seu caráter e ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e especular.” Já que a televisão “não é uma instituição como a escola, o exército, a Igreja; porque se trata de uma atividade livre, e em sua maior parte, de lazer.” (WOLTON, 1996, p. 123 -124).

Vizeu (2007), esclarece que os “laços estruturantes” se constituem de um afastamento dos “laços primários” (WOLTON, 1996) devido a fragilidade das relações sociais entre massa/ indivíduo e entre massa/ pessoas.

É nessa ausência de um espaço sociocultural entre a experiência do indivíduo e do coletivo que se situa o interesse pela televisão. Ela funcionaria como um laço estruturante.

Compartilhamos com o esclarecimento do autor que não se trata de afirmar que a televisão cria o laço social, seria cair num determinismo tecnológico, mas que num período de grande mudança, de profundas rupturas sociais e culturais, de falta de referências, a televisão continua sendo um dos laços sociais da modernidade. Com certeza, não é o único, mas tem uma força muito grande em função de sua visibilidade e popularidade (PEREIRA JUNIOR, 2007, p. 13).

Pelo fato da televisão possuir visibilidade e popularidade, podemos associar ao conceito de Bourdieu (2003) de “sistemas simbólicos” dentro de um “campo simbólico.” Esses sistemas são “estruturas estruturadas” de produção de sentido da realidade e legitima a

dominação das relações sociais. Isso ocorre por meio do “sistema simbólico”, dentro do cenário das “lutas simbólicas de classe.” (BOUDIEU, 2003, p. 9 – 11).

Diante de tudo que foi exposto até o momento, podemos adentrar no conceito “lugar de referência” no telejornalismo (VIZEU; CORREIA, 2008), como sendo também um “lugar de legitimação”, construído pela fragilidade das instituições tradicionais. A televisão, mais especificamente o telejornal, vai atuar como uma espécie de lugar onde as pessoas buscam informações para tentar entender o que ocorre no mundo. Isso acontece pelo fato das instituições não terem mais credibilidade, no ponto de vista da população. Vemos isso em um quadro Calendário do NE1, onde as pessoas recorrem à produção do telejornal com o objetivo de que o problema indo parar no noticiário, seja resolvido. É comum acontecer nos telejornais locais do Brasil através do “jornalismo de serviço” (FIGUEIREDO SOBRINHO, 2014, p. 52).

Os noticiários televisivos, para Wolton (1996), funcionam como um laço social. Para o autor, os laços primários dizem respeito à família, à vizinhança e à religião. Esses laços primários tornam-se distantes, por consequência da fragilidade nas relações entre massa e o indivíduo, entre a massa e as pessoas, segundo Wolton (1996). A inexistência de um espaço sócio cultural entre a experiência do indivíduo e do coletivo é onde situa-se o interesse pela televisão e pelo telejornalismo. Ela funciona como um laço estruturante. O país se vê como uma nação, como uma “comunidade política imaginada.” (ANDERSON, 2005)

Anderson (2005, p. 25), em *Comunidades Imaginadas*, propõe o conceito de “nação”, como “uma comunidade política imaginada”, justificando que ela constitui-se soberana e limitada, ao mesmo tempo gerada como uma agremiação horizontal e profunda. “É *imaginada* porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 2005, p. 25).

O telejornal trabalha na construção, produção e circulação de formas simbólicas, a partir de discursos que transpassam as lutas sociais, políticas, econômicas e culturais. O telejornal constroi-se na enunciação do discurso informativo de representação e de uma das formas de construção social da realidade de um mundo possível numa ordem social. Empregamos o conceito de ordem social que está presente na teoria da construção da sociedade de Berger e Luckmann (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 74) “A ordem social existe *unicamente* como produto da atividade humana.”.

Observando a teoria de Berger e Luckmann (2009), Pontes e Silva (2009) percebem a existência de duas realidades. A externa ao homem, tomada como objetiva, e a interna,

definida como subjetiva. As duas realidades esboçam o que de fato é a sociedade. “A força motriz da sociedade estabelece-se desta relação dialética entre cada realidade.” (PONTES; SILVA, 2009, p. 49).

Vale ressaltar que Searle (1997, p.27) analisa a *construção social da realidade*, como sendo “ontologicamente objetiva”, isto é, a realidade existe independente dos agentes sociais e das instituições. Concomitantemente, há a realidade “ontologicamente subjetiva”, onde sua existência depende que seja sentida pelo sujeito. Para Searle (1997, p.27), há uma diferença entre subjetivo e objetivo, pois a partir do sentido epistêmico, a realidade relaciona-se com os julgamentos subjetivos e objetivos de verdade e falsidade. Para Searle (1997), o sentido ontológico não se baseia em julgamentos, mas em entidades e modos de existência.

O sentido ontológico, “objetivo” e “subjetivo” são predicados de entidades e tipos de entidades, e carregam modos de existência. Em sentido ontológico, as dores são entidades subjetivas, porque seu modo de existência depende de que sejam sentidas pelos sujeitos. Mas as montanhas, por exemplo, ao contrário da dor, são ontologicamente objetivas porque seu modo de existência é independente de quaisquer destinatários ou qualquer estado mental. (SEARLE, 1997, p.27, tradução nossa, grifo do autor).

Para Pontes e Silva (2009, p. 46), Searle (2000) baseia-se na mente humana para entender como a realidade social torna-se objetiva. Ela depende da “intencionalidade humana”, que gera o conceito de “intencionalidade coletiva”. Essa é “[...] uma forma de relação da mente com o mundo sob a égide de um “nós”, participante e social. Seria uma disposição de cada homem em pensar o formato de “nós”, diferente de pensar sob o formato “eu” (PONTES; SILVA, 2009, p. 47).

Nos seus estudos, Pontes e Silva (2009), destacam que Searle (2000), ao analisar a construção da realidade institucional leva em consideração a capacidade do homem de conceder funções aos objetos. Essas funções são determinadas pelos agentes sociais que a definem, mas não pela qualidade do objeto. Isto é, as instituições dependem das “funções de status” que são concedidas a partir de regras constituídas. “As regras decorrentes de regras estabelecidas anteriormente são, na visão de Searle, a principal razão da complexificação das normas, da instituição de funções de *status* e da naturalização de uma realidade social.” (PONTES; SILVA, 2009, p. 47).

Os autores, Pontes e Silva (2009), destacam a harmonia entre as obras de Searle (2000) e Berger e Luckmann (2009) ao analisarem a construção social da realidade presente na institucionalização da realidade, partindo do princípio da ontologia subjetiva defendida por

Searle (2000) e o processo de exteriorização e constituição da objetividade em Berger e Luckmann (2009).

O que vale, a título de comparação, é que as obras partem de uma aceitação coletiva de determinada ação que, por sua vez, institui regras transmitidas historicamente e que são complexificadas ao longo dessa mesma história, ou seja, o processo de construção possui a mesma estrutura para os três autores. Além disso, os conceitos de realidade são os mesmos e as atribuições ao social, igualmente referendadas (PONTES; SILVA, 2009, p. 49).

No campo jornalístico, o trabalho acontece a partir do momento em que ele olha e percebe a realidade socialmente construída no cotidiano, a partir dos três mundos que se correlacionam: real, de referência e possível, como bem descreveu Alsina (2009). O autor refere-se ao mundo real como “correspondência do mundo dos acontecimentos”, que serve de base para produção da notícia pelo jornalista. O mundo de referência, por sua vez, é considerado como norteador para o modelo interpretativo no momento da verificação realizada pelo jornalista. E por fim, o mundo de referência é utilizado para construir um mundo possível, que gera uma “versão da realidade descrita” como possível.

No processo de construção da notícia, também ocorre o “processo de intertextualidade” do acontecimento relatado e verificado com outros profissionais da notícia, e a partir desse momento é criada a confirmação da escolha e enquadramento que será dado ao assunto, ou seja, a partir do mundo de referência adotado pelos jornalistas. Com isso, o acontecimento torna-se possível. “O mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador, a partir dos outros dois mundos citados. [...] O enunciador deve fazer com que pareça verdade o mundo possível que ele mesmo constrói.” (ALSINA, 2009, p. 310). Dentro desse processo narrativo devem ser levados em consideração, os critérios de noticiabilidade, as regras, linguagem, cultura profissional, as normas de organização presentes nas redações, que de certa forma influenciam na construção social da realidade de um mundo possível.

5 TELEJORNALISMO E CONHECIMENTO

Abordamos a relação do jornalismo como forma de conhecimento, desde os primeiros estudos do jornalismo como forma de conhecimento com o trabalho de Tobias Peucer, analisado por Sousa (2004) entre outros estudiosos da área. Abordamos também o telejornalismo e sua função pedagógica, tendo como aporte teórico o que foi proposto por Cerqueira (2018). Este capítulo é importante para a compreensão do papel do jornalismo como a profissão que interpreta os acontecimentos do nosso cotidiano.

5.1. JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Diariamente os jornalistas que elaboram o telejornal NE1 mostram para os telespectadores os principais fatos ocorridos na Região Metropolitana do Recife e do Estado. E isso ocorre através das práticas diárias na produção das notícias e da linguagem, que o jornalismo acaba por realizar na interpretação da realidade social. Para Van Dijk (2005, p.14) “Não há notícia sem conhecimento”. Essa afirmação é básica para compreendermos que o estudo do conhecimento no jornalismo é o que faz apreendermos o processo de produção; uma vez que os jornalistas trabalham em busca da apuração dos fatos, isso os torna produtores e reprodutores de conhecimento.

A legitimação e relevância do jornalismo enquanto forma de conhecimento pela comunidade acadêmica, nos remete, historicamente, aos estudos de Tobias Peucer, um pesquisador alemão que apresentou sua tese denominada “*De Relationibus Novellis*”, em 1690, é considerada a primeira tese sobre jornalismo e ele já abordava o que é a essência da notícia. À época de sua defesa, o momento histórico era de efervescência, visto que a Reforma Protestante surgia como uma nova proposta para o catolicismo; a burguesia em plena ascensão e reivindicava mais espaço para discutir os negócios e a política em praça pública e, com tudo isso acontecendo, surgiu, meio que timidamente, a imprensa. Mas, as notícias ficavam restritas aos acontecimentos monárquicos, as batalhas e algumas falsas notícias. Seu trabalho abordava e enfatizava a vertente informativa dos jornais claramente vinculada à comunicação jornalística, servindo essencialmente para informar. Ou seja, mostra a importância do jornalismo em contribuir e situar homens e mulheres no mundo que os cerca. Segundo Sousa (2004):

Peucer valoriza e aborda essencialmente a vertente informativa dos jornais que

relatam acontecimentos, contam novidades, em suma, dão notícias, percebendo, claramente, que a comunicação jornalística, embora possa ter outras finalidades, serve essencialmente para informar (SOUSA, 2004, p. 36).

Neste trabalho, Sousa (2004) mostra que Peucer, já dava início a importância do jornalismo para situar o homem no mundo.

Posteriormente aos estudos do pioneiro das teorias do jornalismo, Peucer, é continuada pelo pesquisador Otto Groth, jornalista alemão que colaborou com o campo do jornalismo. O seu primeiro trabalho, *Die Zeitung* (O jornal) contribuiu para a ciência do jornalismo. Sua obra clássica “O poder cultural do desconhecido” (2011) é a base para perceber a importância do jornalismo como uma ciência que orienta a sociedade. Em 1915, ao concluir seu doutorado, Groth, começou a escrever uma obra em quatro volumes que é considerada uma enciclopédia do jornalismo.

As contribuições de Otto Groth, influenciaram e foram essenciais para termos, hoje, as características centrais a um jornal: a periodicidade, a universalidade, a atualidade e a publicidade. Essas características apontadas por ele são importantes para a elaboração do jornal, seja impresso ou televisivo, visto que é no jornalismo onde homens e mulheres procuram informações. Segundo Groth (2011),

A mente do homem de hoje é comodelada e preenchida em boa parte pelo jornalismo. O jornalismo determina principalmente a direção do pensar e do querer de amplas camadas sociais. E não somente destas: dele depende em grande parte o saber e com isso a capacidade de discernimento do povo como um todo. A influência jornalística se espalha por todas as áreas da vida (GROTH, 2011, p. 31).

No Brasil, Otto Groth influenciou os trabalhos do Professor Luiz Beltrão e Adelmo Genro. O Professor Luiz Beltrão, foi premiado pelo seu trabalho “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” em 1959, onde o Professor Luiz Beltrão apresentou algumas nuances nas características essenciais ao jornalismo, lançadas por Groth, atualidade, periodicidade, variedade (para Groth, universalidade) e popularidade (para Groth, publicidade). Adelmo Genro, por sua vez, reconheceu que seu trabalho era uma complementação ao de Groth, “cujo admirável esforço teórico reafirma a tradição do pensamento abstrato entre os alemães.” (GROTH, 2011, p. 16).

No entanto, para refletirmos mais sobre a questão do jornalismo como forma de conhecimento, um dos primeiros pesquisadores a debruçar-se sobre essa perspectiva, foi Robert Park, em 1940. Ele embasou sua pesquisa no pensador William James, um dos fundadores da psicologia moderna e um dos principais representantes do pragmatismo, que

gerou uma escola de filosofia no final do século XIX; e para Park (1972) há dois tipos de conhecimento; são eles: “conhecimento de”, é a espécie de conhecimento que inevitavelmente adquirimos no curso de nossos encontros pessoais e de primeira mão com o mundo que nos rodeia, e [...] “conhecimento acerca de”, é formal, racional e sistemático. Baseia-se na observação e no fato, mas no fato verificado, rotulado, sistematizado.” (PARK, 1972, p. 169-170).

No Brasil, um dos principais teóricos a trabalhar o jornalismo como conhecimento foi Adelmo Genro Filho. Em sua obra “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista jornalismo” (2012), o autor buscava colocar o jornalismo como uma forma de produção do conhecimento, que envolve questões ideológicas, simbólicas e a apropriação do homem sobre a realidade.

Em seu trabalho intitulado “O jornalismo como forma de conhecimento: os limites da visão funcionalista” (2012), tece críticas a Park, muito embora reconheça sua importância. Para Genro (2012), os pressupostos teóricos de Robert Park não avançaram para além da função orgânica da notícia e da atividade jornalística. Ou seja, Park concebia o conhecimento produzido pelo jornalismo como sendo um reflexo empírico, onde a função do jornalismo ficava restrita ao reforço e reprodução das relações sociais vigentes, integrando os indivíduos na sociedade. Era uma visão reducionista, superficial que Park tinha sobre o jornalismo.

Na mesma perspectiva de Genro, Meditsch (1997, p. 03) mostra que “o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente.” Para o autor, seu ponto de vista, é que o conhecimento do jornalismo é diferente do conhecimento científico, Meditsch enxerga o conhecimento do jornalismo como uma forma de conhecimento do mundo sensível. Ou seja, o jornalismo refere-se aos acontecimentos do cotidiano. Ele afirma (2010) que “O jornalismo, como instituição, e seus agentes participam de produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais. [...]. O jornalismo participa da socialização do conhecimento” (MEDITSCH, 2010, p. 40-41). O que o autor pretende, é nos mostrar que cabe ao jornalismo, como forma de conhecimento, trazer os fatos que ocorreram para uma percepção mais individualista; ou seja, para uma percepção mais próxima do indivíduo.

Nesse sentido, alguns autores como Vizeu e Correia (2008) que trabalham na perspectiva freiriana, por considerar os estudos de Paulo Freire (2001) como sendo uma suposição, que contribuirá, para embasar o jornalismo como forma de conhecimento, pois, a partir do momento em que o homem desenvolve o senso crítico da realidade que o cerca e a

partir daí, tem a conscientização do desvelamento da realidade (FREIRE, 2001, p. 30). O objetivo de trazermos Paulo Freire, serve para dar suporte a hipótese do conhecimento do desvelamento para compreendermos o desenvolvimento do conhecimento no bojo do jornalismo. Para o autor (2011), “O ponto de partida para uma análise da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e *com* o mundo (FREIRE, 2011, p. 107). Para Freire (2011), essa tomada de conscientização é importante porque é através dela que podemos compreender a realidade e, no interior da redação, faz-se mais imprescindível pelo fato dos jornalistas, em seu cotidiano, sempre estarem em busca de desvendar os fatos.

Liriam Sponholz (2009), parte do princípio que o conhecimento no jornalismo transita entre a ciência e o senso comum. Para a autora, o senso comum deve ser entendido como um conhecimento que é compartilhado por um público, ou seja, é naturalizado. Um exemplo típico do senso comum, é a rotina, o óbvio, a naturalidade no agir cotidiano. Simplesmente não há espaço para o questionamento no senso comum.

Este tipo de comportamento nos remete ao que Schutz (2012, p. 85) chama de “atitude natural”, isto é, é o mundo da vida cotidiana onde suspendemos nossas dúvidas para continuarmos com nossa rotina.

Sponholz (2009) aponta semelhanças entre métodos científicos e jornalísticos: “os temas a serem pesquisados ou investigados precisam ser delimitados em ambos, para que a investigação ou pesquisa se torne possível. Os critérios para a delimitação, no entanto, se diferem.” (SPONHOLZ, 2009, p. 114). Para a autora, o método aplicado pelo jornalismo, segue os seguintes critérios: relevância, veracidade e compreensão. O que é importante para o jornalismo, pode não ser para a ciência. No processo de conhecimento no jornalismo, Sponholz (2009) assegura que o jornalismo aproxima-se do senso comum, se a sua função for a de orientar a sociedade no mundo. E, ao mesmo tempo, o jornalismo difere da ciência, visto que o jornalista interessa-se pela singularidade dos acontecimentos. Ainda com Sponholz (2009), ainda ressalta que o jornalista não é especialista, além de não ter tempo, recursos financeiros e liberdade na organização que trabalha. Segundo ela, “pode-se dizer que o jornalismo apresenta diferenças e semelhanças tanto com a ciência quanto como com o senso comum, sendo, portanto, um tipo de conhecimento híbrido.” (SPONHOLZ, 2009, p. 116).

O conhecimento produzido pelo jornalismo, para Vizeu (2014), que baseou-se nos estudos realizados por Paulo Freire, que tem o conhecimento como uma tomada de consciência, consiste no conhecimento do desvelamento. Para Vizeu (2014), isso está vinculado a um conhecimento que torne-se mais acessível; pois para ele o conhecimento

nunca é pleno. Sempre trabalhamos com aproximações. É, de certa forma, o que o ocorre no jornalismo, procuramos nos aproximar dos fatos em busca da verdade do acontecimento. E isso só é possível com um método, com a investigação jornalística.

Para Vizeu (2014), o desvelamento está atrelado à tarefa do jornalista, que é tirar o véu da realidade, mostrando a realidade e, dessa forma, contribuindo para que o cidadão compreenda o mundo que o cerca. O fato do jornalista desvelar a realidade, ocorre em todo o processo de elaboração da notícia, que se inicia no momento da apuração das informações, passando pela interpretação dos fatos e a sua recontextualização. Para Vizeu e Cerqueira (2017):

Na busca pela apreensão da realidade, jornalistas comprometidos com a construção da realidade de maneira ética, precisa, contextual fazem mais que repassar burocraticamente, com a objetividade mecânica, a interpretação dos acontecimentos ou fatos. É a capacidade de apreender a realidade dos fatos em sua completude – ou em seu máximo possível - em meio às limitações determinantes da prática jornalística, que torna o trabalho diferenciado, que o destaca (VIZEU; CERQUEIRA, 2017, p.12).

Estimulados por essa reflexão de Vizeu e Cerqueira (2017), é através dessa busca incessante de apreensão e aproximação da realidade, que o jornalismo se concretiza e contribui para a compreensão do mundo. É dessa forma que o jornalismo, assume, também, uma função educativa, pedagógica no mundo contemporâneo.

5.2. FUNÇÃO PEDAGÓGICA NO TELEJORNALISMO

As notícias que vão ar diariamente nos telejornais consistem no resultado dos trabalhos dos jornalistas que tem a preocupação em contribuir com a compreensão de homens e mulheres do mundo que os cerca, ou seja, os profissionais da comunicação “organizam o mundo”, de forma a reduzir a complexidade. Para Vizeu (2005), “os jornalistas têm uma preocupação *didática*” (VIZEU, 2005, p. 75). A preocupação “didática” que o autor refere-se está atrelada à preocupação que os jornalistas tem constantemente, de forma inconsciente, com o público, o telespectador. Na perspectiva de Verón (1983), o autor vê os jornalistas como um *enunciador pedagógico*, que pré – ordena o universo do discurso (apud Vizeu; Correia, 2008, p. 19).

O discurso jornalístico, para Vizeu (2005), se insinua como uma espécie de *saber explicativo* dos processos sociais (VIZEU, 2005, p. 43). Os jornalistas diariamente esforçam-se nessa organização didática; as matérias precisam ir ao ar com riqueza de detalhes para que sejam compreendidas pelo espectador. Desta forma, observa-se que os jornalistas “organizam

o mundo” pela ordem em que as matérias encontram-se nos respectivos blocos, normalmente o editor-chefe abre o jornal com o factual⁹ e encerra com reportagens mais leves. Vilches (1989), observa que não se pode esquecer que o telejornal estabelece com o espectador (audiência) uma relação pedagógica, pois ensina como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa em que condições deve aprender as características do gênero. Ou seja, operando de uma forma pedagógica, a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público (apud Vizeu; Correia 2008, p. 19).

Para ilustrar a preocupação didática do jornalista, foi ao ar, no NE1 em 17/10/2018, uma matéria em que a pauta era a necessidade do público masculino cuidar da saúde. O repórter foi a um posto de saúde no Morro da Conceição, Zona Norte do Recife, e lá teve a preocupação de perguntar para a Coordenadora de Política da Saúde do Homem da Prefeitura da Cidade do Recife como funcionava o Pré-Natal do Homem. E de forma muito didática e esclarecedora foram explicados os tipos de exames realizados no homem que acompanha a gestante. Exames como: testes rápidos para sífilis, HIV e hepatite B e C, foram alguns exemplos para a importância de o homem cuidar da sua saúde. O Pré-Natal do Homem, existe desde de 2015 mas, que no ano de 2018, teve por objetivo despertar o interesse do homem para além de acompanhar a gestante, cuidar, também, da sua saúde.¹⁰

Nessa demonstração, observou-se a preocupação do repórter em obter o máximo de informações relevantes para que sejam compreendidas visto que a essência do jornalismo é explicar para seu público os acontecimentos de maneira didática. Entretanto, faz-se necessário chamarmos a atenção para um ponto específico: de que não estamos nos referindo que a didática utilizada no telejornal, seja a didática de um professor. Vamos pelo viés da aproximação quando, baseados em estudiosos, afirmamos que a função pedagógica no jornalismo está associada à produção do conhecimento.

Dentro desse contexto, Karam (2009) afirma: Há alguém que precisa, no cotidiano, na atualidade, e em qualquer lugar, buscar alguma informação, saber o que se passa em diferentes esferas do Saber e do Poder, nas ruas e nos gabinetes, onde se decidem a vida dos cidadãos, o futuro das pessoas, o destino de uma Nação. (KARAM, 2009, p.01). Com o exemplo que expomos, percebe-se que o jornalista tem a preocupação e a responsabilidade de contribuir para que seu público, o espectador, compreenda o mundo que o cerca.

⁹ No jornalismo essa expressão refere-se aos fatos do cotidiano, como por exemplo: a Polícia Federal realiza investigação na Prefeitura de alguma cidade do Estado de PE; os professores da rede estadual de ensino fazem protesto na Avenida Agamenon Magalhães reivindicando salários atrasados.

¹⁰ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7094429/programa/> Acesso em: 23 nov. 2018.

Essa preocupação do jornalista em obter o máximo de informações básicas para que sejam compreendidas pelo espectador, deve-se também ao fato de tentar aproximar-se ao máximo da verdade e de certa forma, da ética jornalística. Para Cornu (1994), o jornalista, na sua missão de observador do notável, ele assume a responsabilidade de distinguir o que é verdadeiramente digno de ser relatado; assim como, é responsável pela verdade das informações que relata (CORNU, 1994, p. 320).

Entretanto, essa aproximação entre a verdade e a ética jornalística nos remete à obra de Erving Goffman (2012), *Os Quadros da Experiência Social*(2012), Goffman formula seu pensamento através dos comportamentos humanos em espaços sociais e leva em consideração a experiência de cada indivíduo. Goffman (2012), conduz seu pensamento por meio de *frames* (quadros) através de um questionamento básico, mas essencial: “O que está acontecendo aqui?” (GOFFMAN, 2012, p. 30). Na perspectiva do autor, a busca pela resposta é o que move o pesquisador ou leitor, a procurar entender como se chegou a essa pergunta, identificando quais foram os *frames* (quadros) utilizados para alcançar diferentes definições.

Goffman (2012, p. 18), define *frames* (quadros) como sendo “aquilo que está ocorrendo numa interação e é governado por regras ou princípios em geral não declarados, estabelecidos mais ou menos implicitamente pela natureza de alguma entidade maior”.

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. [...] a expressão “análise de quadros” é um *slogan* para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (GOFFMAN, 2012, p. 34).

Essa perspectiva de Goffman (2012) serviu para que outros autores pudessem fazer uso desse conceito em suas pesquisas. E na perspectiva de Gaye Tuchman (1978) consiste em entender o enquadramento, dentro da proposta do construtivismo onde o homem constrói e é constituído pelos fenômenos sociais. Nessa obra, a autora investiga o enquadramento a partir de observações na redação, nas conversas com os jornalistas com suas fontes e na dinâmica dos jornalistas para elaborar o jornal. Segundo Tuchman (1978, p.1) “A notícia é uma janela ao mundo (...). Mas a vista dessa janela, depende se essa é grande ou pequena, se seu cristal é claro ou opaco, se da rua ou a um pátio. A cena desenvolvida também depende de onde cada um se encontra, longe ou perto, esticando o pescoço ou olhando diretamente, com os olhos paralelos ao muro onde está a janela” (apud Sádaba, 2007, p.86 – tradução nossa).

Para Sádaba (2007), Tuchman usa a metáfora da janela para referir-se ao enquadramento das notícias que organiza o cotidiano, pois esse recurso faz com que os jornalistas enxerguem de maneira diferente a mesma realidade que será escrita com uma variedade de pontos de vista.

Isso nos remete a um trabalho que Vizeu e Cerqueira (2016) elaboraram, que discute a importância do telejornalismo que contribui para a democracia, causando assim, um efeito para o bem da sociedade, em que exerce função pedagógica; mas também abordam o outro lado do telejornalismo, como omissões em reportagens que tinham cunho político.

Vizeu e Cerqueira (2016) analisam o processo de impeachment da ex- Presidente Dilma Rousseff através do telejornal da Rede Globo, o Jornal Nacional, que em muitos momentos houve reportagens que não deram importância ao fato por que o país passava e, desta forma, distorcia a realidade. Os autores observaram que, “Na cobertura do processo de impeachment, identificamos o que podemos denominar de apresentação parcial de uma realidade.” (VIZEU; CERQUEIRA, 2016, p. 02).

Ainda com Vizeu e Cerqueira (2016), foi possível enxergar o outro lado do telejornalismo, o lado em que, mesmo que em poucos momentos, “a ação jornalística tem como preocupação central a busca criteriosa pela ação responsável”. (VIZEU; CERQUEIRA, 2016, p.04). E para que a notícia seja compreendida, faz-se necessário que, conforme Vizeu e Santana (2010) “é preciso apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento.” (VIZEU; SANTANA, 2010, p.46).

5.3. OS DISPOSITIVOS DIDÁTICOS

O fato dos jornalistas possuírem a preocupação em contextualizar homens e mulheres dentro do mundo que os cerca faz com que os profissionais do jornalismo busquem, cada vez mais, uma maneira clara de passar a informação. Fischer (2006) defende que

A TV – poderíamos dizer – opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela. uma vez que de algum modo pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros – ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade (FISCHER, 2006, p. 16).

Nesta obra, Fischer (2006) construiu reflexões sobre como pensar a televisão sob um aspecto da relevância social, política e cultural desse meio de comunicação e vale ressaltar que a autora também analisou a questão da relação entre educação e comunicação. Foi por

esse viés, que agregamos ao nosso trabalho, uma vez que o telejornal tem esse papel educativo.

É notório que há, por parte dos jornalistas, uma preocupação, em transmitir ao público uma realidade que possa ser apreendida, Cerqueira (2018) empenhou-se em analisar como ocorre o processo cognitivo que tornam mais fácil o processo de compreensão. Para o autor “as notícias nos telejornais devem ter a preocupação de contribuir para o entendimento do mundo e o jornalista é o responsável por essa mediação.” (CERQUEIRA, 2018, p. 162). Na sua reflexão, ele destaca três dimensões, sendo elas:

a) **dos saberes**, que estão ligados à formação, atuação e comportamento do jornalista e sua prática diária, através do método de construção social da realidade, saberes que têm como base aqueles descritos por Paulo Freire na construção de uma eficiente prática educativa e estão descritos na teoria pedagógica do educador; b) **da linguagem**, no domínio e adoção de uma forma própria de produzir o conhecimento, utilizando signos e o acervo do conhecimento compartilhável, onde mapas mentais se entrecruzam em entendimento; c) e dos **dispositivos didáticos**, que são operações na produção de uma reportagem que tornam o conteúdo mais compreensível, oriundos de ações individuais ou coletivas internalizadas nas rotinas produtivas (CERQUEIRA, 2018, p. 162).

Para Cerqueira (2018) a função pedagógica no telejornalismo esteja fixada sob esses alicerces, o autor buscou subsídios no educador Paulo Freire, que em sua obra *Pedagogia da autonomia*, reuniu 27 saberes fundamentais para a prática educativa. Foi a partir daí, que Cerqueira (2018), desenvolveu essas dimensões e propõe 14 saberes, que para ele, os jornalistas precisam perceber a importância, visto que esses profissionais são responsáveis pela produção do conhecimento, mas um conhecimento crítico, que condiz com a ética jornalística. Cerqueira (2018, p. 172) justifica sua base teórica em Paulo Freire para propor os saberes, da seguinte forma: “A escolha de 14 saberes [...] se deu porque: a) entendemos que eles contemplam a perspectiva do “protagonismo” da ação do jornalista como contributo na construção de realidades; b) aqueles que, a nosso ver, agregam outros.”. O autor acredita que há uma ligação estreita entre os saberes propostos com o jornalismo, porque constrói um vínculo que ajuda a compreender a importância de Paulo Freire nas investigações jornalísticas.

Cerqueira (2018) considera que sua análise tem por objetivo reforçar a essência do jornalismo, sempre focando a função do profissional como um enunciador pedagógico, que no ato de desvelamento dos fatos, ele transmite o conhecimento que para o público é um conhecimento confiável. O autor nos apresenta um quadro, elaborado por ele, com os saberes da prática jornalística.

Quadro 1 – Os saberes da prática jornalística

Tomada de consciência	Consciência de que a educação e o conhecimento são políticos e transformadores. O jornalismo como atividade política, deve pretender não a neutralidade, impossível diante de atos de fala, diálogo, escolha, comunicabilidade, decisão, verificação, percepção. Deve perseguir, no entanto, a tomada de posição com respeito ao outro, às diferenças, com dialogismo e coerência.
Rigorosidade do método	Por trás do método, ou dentro dele, há confiança do olhar atento, que quer desvendar os fatos escondidos ou alertar para um ponto a ser criticado, repensado, reposicionado; onde a diversidade e a pluralidade são geradas. O enfraquecimento do método enfraquece o jornalismo, seja no que diz respeito à forma de apurar, de narrar, seja na confiança que a sociedade ao longo dos anos depositou na atividade. A busca pela informação correta que instrui, que orienta e gera o debate social, é o início do processo de construção da realidade de maneira responsável e pedagógica.
A exigência da pesquisa	Não há rigor na apuração sem busca, sem investigação. No processo educativo, como no processo de produção do conhecimento do jornalismo, exige-se pesquisa. Ela é contínua sendo exigência para se conhecer o que não está à mostra, o que precisa ser desvelado; para comunicar e anunciar a novidade. Freire (2002) diz que pesquisar é constatar e constatando é possível intervir e, claro, ao intervir se educa.
A criticidade	O telejornalista precisa dessa criticidade, que nasce do olhar de observador, de um ingênuo curioso e germinar em meio ao senso comum. Mas, na produção do conhecimento orientador, transformador precisa ir além. O jornalista com rigor no método e olhar crítico, busca retirar o véu, “descortinar” (Vizeu, 2016), a ação que está na natureza pedagógica da atividade.
Ética e a estética	É o testemunho rigoroso da decência e da pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis que jornalistas são tentados. Na promoção da ingenuidade à criticidade não deve haver uma distância entre o rigor da formação ética e a presença da estética. Não adianta ser apenas belo porque fora da ética os homens e as mulheres são uma transgressão. Porém, agir de maneira atrativa permite a aproximação e repasse eficiente do conhecimento.

Reflexão crítica sobre a prática	Já é conhecida dos meios jornalísticos a indisponibilidade, falta de vontade, medo ou vergonha de jornalistas de refletirem sobre sua prática, sobre o trabalho, o resultado dele na sociedade. Há os que preferem virar as costas para a análise “interior” porque corre o risco de ver sua vaidade rasgada pela verdade dos erros, da maneira irresponsável que tratou os fatos e o reconstruiu para a sociedade. A reflexão crítica ajuda na transparência e melhora a atividade prática.
Reconhecimento de ser condicionado	A consciência das limitações, dos condicionantes faz do jornalista alguém que lembra que o inacabado é construção permanente e que limites ideológicos, políticos, mercadológicos não são impedimentos para realizar um trabalho ético e honesto. Limites, obstáculos e imposições organizacionais são naturais nas relações de interdependência do tecido social, nas instituições sociais, principalmente, entre aquelas que pautam comportamentos, atitudes, olhares e o debate público.
Apreensão da realidade	Na busca pela apreensão da realidade, jornalistas comprometidos com a construção do real de maneira ética, precisa, contextual, devem fazer mais que repassar burocraticamente, com a objetividade mecânica, a interpretação dos acontecimentos ou fatos. É a capacidade de apreender a realidade dos fatos em sua completude – ou em seu máximo possível – em meio às limitações determinantes da prática jornalística, que torna o trabalho diferenciado, que o destaca.
Convicção de mudança	A fé na mudança move outros saberes. Nenhum jornalista age com retidão, com rigor ao método, de maneira ética, preocupa-se com a estética atrativa ou se interessa em apreender a realidade da maneira contextual se não internalizado o desejo de mudar. E mudar significa questionar o que está posto. Refletir criticamente e problematizar.
Curiosidade	É estimulado o ato de perguntar, conhecer, atuar, perguntar mais, reconhecer. De alguma maneira mexe com a capacidade crítica de tomar distância do objeto, de observá-lo, de delimitar, dividir e cercar o objeto ou fazer sua aproximação metódica, com sua capacidade de comparar, de perguntar. Essa é a curiosidade que move o jornalismo. Que pode nascer de maneira ingênua e de simples ato curioso, mas passa disso quando passa a ser metodicamente estimulada, para que respostas sejam recontextualizadas e reformuladas; perguntas refeitas e gerando novas questões. Para o jornalista, assim como, para o educador, o

	exercício da curiosidade chama a imaginação, a intuição e as emoções.
Saber escutar	Saber escutar fortalece o rigor do método, diminui a margem de erros grosseiros e permite enxergar a realidade em contextos mais reais possíveis. Não apenas os que se desenharam numa redação, em meio às tipificações necessárias e estereótipos que nascem ou são reforçados por profissionais do campo. Freire ressalta que a verdadeira escuta não diminui, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de se opor, de se posicionar. Ao contrário, segundo ele, escutando bem que as pessoas se preparam para melhor se colocar, ou melhor, situar-se do ponto de vista das ideias, fundamentais no processo de produção de um conhecimento como o jornalístico, orientador de homens e mulheres.
Disponibilidade para o diálogo	O ato de permitir o movimento de ida e vinda da informação e seus valores evita uma primeira barreira: a suspeita da relação com um ser “maior”, um sabe tudo. Como produtores legitimados de conhecimento, jornalistas podem viver a abertura respeitosa aos outros e quando necessário, tomar razão ética dessa abertura, experiência base de que tem consciência de ser inacabado, mas com obrigação de ajudar na compreensão do mundo.
Rejeição às formas de discriminação	Como intérprete das realidades e de suas complexidades, necessita (e nem sempre é fácil) se livrar dos próprios demônios, de mapas conceituais que tragam qualquer carga de discriminação ao ser humano: negros, índios, mulheres, gays, trabalhadores rurais. Ao lutar por isso, reafirma a democracia porque a prática preconceituosa de raça, de classe e de gênero ofende a substantividade do ser humano, nega radicalmente esse regime.
Educação é uma forma de intervenção no mundo	O conhecimento produzido pelo jornalismo e entregue ao seu público compõe essa forma de intervenção, por isso, jornalistas precisam tanto ter consciência do seu papel de interventor. Ao falar desse saber, Freire (2002) destaca que ele exige assumir a subjetividade em nome das minorias, dos excluídos, daqueles desassistidos pelo poder público e explorado pelas classes dominantes. Deve ser um antídoto para a prática imobilizadora do ponto de vista dos interesses dominantes.

Fonte: CERQUEIRA, 2018, p. 198, 199, 200.

Em sua obra, Cerqueira (2018) observou dois telejornais; o Jornal Nacional, da Rede Globo e o SBT Brasil. Com relação a sua pesquisa no JN, o autor ressalta que “A proposta inicial era fazer uma observação participante na redação do telejornal no Rio de Janeiro, [...]. Mas a adoção do método não foi possível por restrição da empresa.” (CERQUEIRA, 2018, p. 222). Sua análise de conteúdo foi realizada através do site do telejornal disponível na internet.

Entretanto, o autor conseguiu realizar a observação participante no telejornal SBT Brasil. Independente das restrições impostas ao autor, isso não o impossibilitou de realizar as análises de conteúdo e das edições, e com isso, Cerqueira (2018) verificou doze dispositivos didáticos, suas características e desenvolveu o seguinte quadro com os dispositivos. São eles:

Quadro 2 – Dispositivos didáticos e suas características

Dispositivos Didáticos	Principais Características
Contextualização	Ao introduzir um assunto se busca fatos, entrevistas e episódios anteriores que possam contextualizar o acontecimento atual. Facilita a compreensão de quem não está acompanhando os fatos e precisa saber motivos que geraram os desdobramentos. Muitas vezes, é introduzido por uma palavra que destaca a temporalidade: ontem, nas últimas horas, há um mês, por exemplo.
Complementariedade	Trecho de entrevista (sonora) que complementa, confirma, explica brevemente, e complementa o discurso indireto e interpretações do repórter na construção do texto da reportagem. Servem como legitimação do texto referencial do repórter.
Reforço	Recurso parecido com o de complementariedade porque também o é. No caso das sonoras, aparece na escolha de um trecho da fala que apenas repete o que foi dito, mas como forma de legitimação, visto que a força está justamente quando falada da fonte principal. Nos textos em geral, vem com termos, número, expressões repetidas, propositalmente, para fixar informação importante. Não gera, no entanto, um pleonasmo vicioso. É uma redundância proposital. Usada para ampliar a margem de possibilidade de fixação.
Exemplificação	Uso de exemplos hipotéticos, fictícios ou reais para explicar a adoção de mudanças, a aplicação de decisões ou repercussão de fatos. Aproxima-se do processo de personificação quando o personagem é real. Afinal, o uso do personagem também é um exemplo. São usadas expressões como: por exemplo, como é o caso de.
Detalhamento	Quando há uma preocupação explícita de esclarecer com mais detalhes o que foi dito. Sua função é buscar novas palavras, expressões que facilite o entendimento do que foi dito. Jornalistas buscam encontrar códigos, mapas conceituais e um acervo de conhecimento que sejam compartilháveis com sua audiência presumida, permitindo o entendimento de falas e ressignificações. Palavras comumente usadas: que nada mais é, a ideia é, em outras palavras, na prática.
Descrição em arte	Descrição de números, frases, palavras, desenhos na tela para facilitar a compreensão e o entendimento. É usada também quando não há imagem para ilustrar o texto falado pelo repórter. Informação visual com tópicos, frases ou palavras se unem ao texto falado para ajudar na fixação da informação.

Transcrição de fala	Recurso usado quando se tem apenas o áudio de um entrevistado e ele é importante o suficiente para que seja colocado. A fala é escrita na tela e é liberada junto com o áudio.
Interpretação de fala	Quando jornalistas interpretam trechos de entrevistas que foram separados para a reportagem. Responsáveis pela produção entendem que é essencial manter a sonora (discurso direto), mas também precisam explicar com outras palavras o que a fonte em sua fala legitimou. A interpretação pode ser introduzida por expressões como: ou seja, isto é, em outras palavras, é como se, na prática.
Personificação	Uso de personagens, caso concreto, vida real que represente a situação que se deseja explicar. O processo de personificação também é de exemplificação, mas diferente do segundo não há casos hipotéticos. Um exemplo real, que se adequa e se encaixa com a abordagem e que sirva como representação da informação que está sendo repassada.
Dramatização / fundo moral	Uso de recursos dramáticos para recontar a história com os personagens reais. Regravadas cenas, simulações e refazendo fatos que possam representar o que aconteceu de maneira mais próxima. Trechos são contados na mesma ordem que aconteceu e para deixar a lição moral dos contos, personagens deixam uma mensagem forte que “deve” ser seguido como exemplo, pelos telespectadores.
Aproximação	Repórter se inclui nos dramas, fatos e problemas para aproximar-se. Ele é um cidadão e também sente o que a audiência sente. O uso de pronome e verbos na terceira pessoa (nós), por exemplo, provoca o efeito de inclusão da história, permite, na sequência, a abertura para um texto mais dialogado, mas formal, gerando aproximação e na tentativa de “desformalizar” para ajudar na compreensão.
Comparação	Uso de um fato, episódios ou falas do passado para explicar possíveis consequências e efeitos de fatos do presente. Aproxima-se do processo de contextualização, mas não é o mesmo porque por mais que contextualize não tem esse objetivo principal. Quer fazer com que fatos anteriores, com seus efeitos conhecidos e internalizados, ajudem no entendimento do novo ou no enquadramento que o jornalista deseja dar ao novo acontecimento.

Fonte: CERQUEIRA, 2018, p. 313, 314.

Isso posto, o trabalho desenvolvido por Cerqueira (2018), contribuiu para dar subsídios a nossa pesquisa, onde analisamos a construção do lugar de referência no telejornal local NE1, da Rede Globo Nordeste; e com isso, avançamos na perspectiva de Vizeu e Correia (2008).

6 UM OLHAR SOBRE O TELEJORNAL NE1

Comprovamos que os resultados obtidos pela observação participante e entrevistas abertas e semiestruturadas com os três editores de texto do telejornal NE1, provam que os seis dos doze “dispositivos didáticos” (CERQUEIRA, 2018) encontrados nas reportagens que foram ao ar nos dois dias da observação participante, colaboram para a construção do lugar de referência no telejornalismo.

6.1. OS PRIMEIROS PASSOS PARA A METODOLOGIA

O objeto de análise escolhido foi o noticiário televisivo NE1. A escolha desse noticiário como objeto de estudos se deu por alguns fatores que levamos em consideração, tais como: ser um telejornal local e por não ter um estudo acadêmico analisando a construção do lugar de referência no NE1.

Esse noticiário televisivo faz parte de uma estrutura mais ampla, ligada ao departamento de jornalismo da Rede Globo, do Rio de Janeiro e conta com outros dois noticiários: Bom Dia PE e o NE2.

A exemplo dos telejornais locais de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal, o *NETV* estreou em janeiro de 1983, às 19h48, para dar voz ao jornalismo local na programação da Rede Globo. Trazia matérias de serviço e comentários sobre os fatos mais importantes do dia e tinha o objetivo de conferir maior identidade ao noticiário regional, até então incorporado aos principais telejornais da emissora.¹¹

É um telejornal regional, cabeça de rede¹² da Rede Globo e que atinge toda Região Metropolitana do Recife (RMR) que compreende 15 municípios (Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Igarassu, Abreu e Lima, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho, Goiana, São Lourenço da Mata, Araçoiaba, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Moreno, Itapissuma e Recife.) e conta com a colaboração das afiliadas das regiões do agreste (TV Asa Branca, Caruaru) e do sertão (TV Grande Rio, Petrolina) do Estado. Era apresentado por Maria Anunciada.

A editoria do NE1 é composta por uma diretora de jornalismo, um chefe de redação, duas chefes de reportagem, quatro editores, três produtores, um coordenador, um apresentador, dez repórteres. Além dos funcionários da parte técnica e operacional.

¹¹ Disponível no link: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/netv/estreia.html>
Acesso em 06 nov. 2018.

¹² (TV) Emissora responsável pela geração de programas transmitidos por mais de uma estação (v. rede), num sistema de radiodifusão. Dicionário de Comunicação. Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa. 10ª edição.

Atualmente, o telejornal é apresentado por Márcio Bonfim, que desde de 2008 dividia a bancada com Clarissa Góes, que em janeiro de 2017 passou a fazer reportagem de rua.

O jornalismo da Rede Globo Recife, tem a editoria do Bom Dia PE, que dividem o espaço com a editoria do NE1, que em horário diferente, acomoda a equipe do NE2. As editorias da Globo News, do portal G1 Pernambuco e do Globo Esporte PE, possuem seus espaços delimitados. A redação é informatizada e cada profissional trabalha em um terminal de computador.

É exibido de segunda a sexta-feira a partir de 11h55min e aos sábados às 12h25min, tem 45 minutos de duração, é dividido em três blocos de notícias, separados por intervalos comerciais e a abertura com as principais notícias do dia é apresentado, atualmente, por Márcio Bonfim.

O NE1 é feito para o público pertencente as classes D e E, de baixa renda, que são carentes de serviço público e, segundo seus editores¹³, isso é comprovado através do índice de audiência em reportagens voltadas para os problemas das comunidades da Região Metropolitana do Recife (RMR). Diariamente, vão ao ar reportagens com teor comunitário, visto que essa é a característica do noticiário; pois temos que levar em consideração a demanda da população, que insatisfeita com o poder público recorre ao NE1 para mostrar o problema, na esperança de que os responsáveis tomem as devidas providências. Por este fato, observa-se que nas entrevistas realizadas com moradores de um determinado bairro ou comunidade, a principal orientação da editora chefe para o repórter, é deixar que o morador relate o que está acontecendo. Desse modo, o noticiário vai se configurando de forma natural, deixando as pessoas falarem, porque estão desacreditadas do poder público e ao entrarem em contato com a produção do jornal, os profissionais estão dispostos a ouvi-los. Com relação a audiência, segundo eles, é verificada e confirmada por pesquisas internas da emissora.

Sua programação é transmitida para uma parte do Estado de Pernambuco, junto a TV Asa Branca, localizada em Caruaru, região agreste e TV Grande Rio, no sertão, e conta com uma retransmissora na ilha de Fernando de Noronha. A emissora Rede Globo Recife, há mais de 45 anos localizava-se no Morro do Peludo, em Olinda. Em 23 de janeiro de 2018, a emissora mudou de endereço e foi para a Rua da Aurora, no bairro de Santo Amaro, no centro da cidade do Recife.

A mudança não foi apenas de endereço, mas houve uma modificação na identidade visual dos noticiários e ganhou uma nova vinheta de abertura, de modo que o NETV 1ª

¹³ Informação obtida diretamente com os editores do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

Edição, passou a chamar-se NE1; assim como, o noticiário noturno, NETV 2ª Edição, para NE2.

A emissora, atualmente, possui cenários novos para o telejornal NE1 e o Globo Esporte, o estúdio possui uma janela de vidro onde pode-se ver toda a redação durante a exibição dos telejornais. Essas mudanças foram necessárias para a continuidade do padrão Globo, que teve início em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.¹⁴

No entanto, a inauguração da nova sede, localizada na Rua da Aurora no bairro de Santo Amaro, no Recife, foi apagada por um grave acidente com o Globocop, helicóptero que fazia imagens ao vivo, para o Bom Dia Pernambuco, que caiu no mar no bairro de Brasília Teimosa, na zona sul do Recife, não restando sobreviventes. Durante alguns dias essa fatalidade foi pauta nos telejornais do país.

O NE1 integra uma estrutura que está diretamente ligada a Rede Globo do Rio de Janeiro, mais especificamente, ao departamento de jornalismo. A estrutura da redação é composta por uma diretora de jornalismo, uma editora-chefe, um editor e apresentador, 5 editores, 4 produtores, 4 editores de imagens e 2 chefes de reportagem.

Para a elaboração do noticiário televisivo NE1, segundo o Editor 1, “são basicamente algumas reportagens que foram ao ar no NE2 e no Bom Dia PE, que podem ser reeditadas, e os factuais (assuntos policiais, política do Estado de Pernambuco, acidentes, trânsito na cidade, obras em bairros, campanhas educativas, de vacinação, entre outros), o portal G1 Pernambuco e a rádio CBN. Todo o fluxo de informação que circula pelas editorias da Rede Globo Recife pode ser acessado pelos jornalistas a qualquer momento. As afiliadas normalmente enviam para a produção alguma reportagem que possa interessar.”¹⁵

A nova emissora da Rede Globo em Recife é a primeira a contar com uma tecnologia com fluxo em IP. Isso quer dizer que toda a infraestrutura funciona em fibra óptica, o que proporciona a emissora trabalhar com qualquer formato de vídeo que venha a surgir futuramente.

O NE1 faz coberturas em épocas específicas, como o Carnaval de Olinda, Recife Antigo e Bezerros; Semana Santa com a Paixão de Cristo de Nova Jerusalém e as apresentações nos bairros e cidades da região metropolitana; os festejos juninos com a exibição do Festival de Quadrilhas e o São João do Nordeste, são eventos que valorizam as

¹⁴ Globo Nordeste estreia nova sede e reformula identidade de telejornais. IN: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/imagem-e-som/noticia/2018/01/22/globo-nordeste-estreia-nova-sede-e-reformula-identidade-de-telejornais-325012.php> Acesso em: 16 ago. 2018.

¹⁵ Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

tradições e precisam de espaço no jornal e, com isso, costuma-se modificar o jornal porque são períodos que necessitam de cobertura e links ao vivo. Esse tipo de cobertura, destacando os eventos culturais do Estado, foi iniciada pela diretora de jornalismo, Jô Mazzarolo.

Escolhemos o NE1 por alguns fatores que levamos em consideração, tais como: ser um telejornal local, por não ter um estudo acadêmico analisando a construção do lugar de referência nesse noticiário e porque tem audiência ¹⁶no horário do meio dia, atingindo milhões de espectadores diariamente.

Esses profissionais são os responsáveis por apresentar a linha editorial da organização, assim como, as regras determinadas pela direção da empresa no que se refere ao formato, uso das imagens e textos, cabeça da matéria, as escaladas, as chamadas, link ao vivo, as entrevistas, a ilustração visual para colaborar na compreensão da reportagem, a distribuição das matérias dentro blocos, as notas ao vivo, pé e coberta, as passagens e sonoras.

É na pesquisa que buscamos identificar pistas se na prática diária da redação, os jornalistas contribuem para a construção do telejornal NE1 como um “lugar de referência” para sua audiência comunicativa.

6.2 A METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foi necessário visitarmos a redação NE1, nos dias 20 e 21 de novembro de 2018, às 6h50. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com três editores de texto do telejornal. Fizemos anotações em um diário de campo, contendo as observações e falas. Os editores não foram identificados para que eles não se sentissem constrangidos durante a pesquisa. Por este motivo, optamos por usar o termo Editor, com numeração.

No NE1, nós estudamos a rotina de trabalho dos editores e observamos que ela influencia no fortalecimento da relação de confiança do público com o telejornal. É no processo de edição das reportagens que as matérias são recontextualizadas. Isto é, a notícia é produzida de acordo com uma lógica estabelecida pelo tempo e formato do telejornal. É também no processo de edição do telejornal, que verificamos os dispositivos didáticos. Nesse momento, os jornalistas, inconscientemente, fazem uso de alguns dispositivos didáticos com o objetivo de tornar a reportagem mais didática e compreensível.

Realizamos entrevistas abertas semiestruturada, porque, de acordo com Minayo (2016) a entrevista semiestruturada, combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado

¹⁶ Não fomos autorizados a divulgar a audiência

tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2016, p. 59). A autora ainda ressalta que a entrevista pode contribuir com dados primários e secundários. “Os primários são aqueles que dizem respeito as informações que foram construídas no diálogo com o entrevistado e tratam das reflexões construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado.” (MINAYO, 2016, p. 59). Com relação aos secundários, são aqueles dados que podem ser conseguidos através de documentos, livros, estatística.

Para Jorge Duarte (2015), as entrevistas podem ser classificadas em abertas e semi-abertas e ambas possuem uma característica comum, são flexíveis e exploram ao máximo um tema específico. O autor destaca a diferença entres esses tipos de entrevistas, “A diferença entre *abertas* e *semi-abertas* é que as primeiras são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semi-abertas partem de um roteiro base.” (DUARTE, 2015, p. 64).

Com relação a escolha de entrevistados, Jorge Duarte (2015, p. 68), acrescenta que é “preferível poucas fontes, mas de qualidade a ter muitas sem relevo” que possa, de fato, contribuir com o objetivo da pesquisa. Sendo assim, para a correta seleção do entrevistado o autor, aponta duas características: “seleção por conveniência, que ocorre quando as fontes são selecionadas por disponibilidade; e a seleção intencional, o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como o conhecimento do tema” (DUARTE, 2015, p. 69).

Optamos por entrevistar três editores de texto porque entendemos que esses profissionais são importantes na construção da notícia no NE1.

Acreditamos que a observação participante faz-se necessária porque supõe que o pesquisador precise conhecer a rotina de trabalho da redação e, de certa forma, interagir com o editor de texto do noticiário.

Nossa observação participante teve por objetivo focar nas práticas jornalísticas, dentro da redação, para entendermos como ocorre a construção do lugar de referência no NE1. Vizeu (2008) destacou que o processo de observar a rotina produtiva pode ser denominada de *etnojornalismo* (VIZEU, 2008, p. 234) por falta de um conceito mais efetivo. Com esse conceito provisório, entende-se que serve para o momento da observação sobre as práticas jornalísticas dentro da redação que vai resultar em notícias.

Através da etnometodologia, o observador vai entender a realidade na redação. Wolf (2005), ressalta que “o importante é que a fase da observação, da presença do observador em campo, esteja sempre ligada à hipótese de pesquisa, que seja orientada segundo aceitações teóricas precisas.” (WOLF, 2005, p. 192).

Com o intuito de observarmos *in loco* como os jornalistas constroem o lugar de referência no NE1, optamos por além da observação participante, realizar entrevistas semiestruturada com três editores. Para Minayo (2016), a ciência precisa ser dissociada das normas e ser pensada como uma ideia de abstração, pois a ciência é construída e produzida num determinado tempo.

[...]o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E, ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado e construído, portanto passível de mudanças (MINAYO, 2016, p. 12).

Essa hipótese com que estamos trabalhando tem a ver com a conversão do telejornal que não apenas narra os fatos, mas ele atua no espaço político procurando organizar o mundo, ordenando o caos; ou seja, como o lugar de referência é construído no NE1. Para Fausto Neto (1995):

Deslocados de suas tarefas e “papéis originais”, os jornalistas são transformados em especialistas. Contudo, não falam de uma inserção que lhes foi originalmente atribuída, mas de um lugar onde âncoras e especialistas dividem o poder de organizar o “caos da atualidade” em modelos de significação (FAUSTO NETO, 1995, p. 22).

Nessa perspectiva, da construção do lugar de referência no NE1, esse trabalho parte do princípio de que o trabalho científico nasce de questionamentos e observações para que sustentem a hipótese que será investigada e, com isso, faremos uso da observação participante, também conhecida como pesquisa participante e pesquisa-ação. Para Peruzzo (2015), “A pesquisa participante consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* da ocorrência de fenômeno e de sua interação com a situação investigada.” (PERUZZO, 2015, p. 125). Essa influência pode ou não ser premeditada, visto que é uma característica importante para qualquer pesquisa empírica além de ser levada em consideração a subjetividade do pesquisador.

6.3. OS PRIMEIROS PASSOS PARA AS ANÁLISES DAS MATÉRIAS

Iniciamos a análise de conteúdo tentando agregar com as matérias que foram ao ar nos dias 20 e 21 de novembro de 2018 no NE1. As reportagens estão disponíveis na internet¹⁷. Para Bardin (2016), a análise de conteúdo trabalha a fala, quer dizer a prática da língua realizada por emissores identificáveis e leva em consideração o conteúdo, sua forma e distribuição (BARDIN, 2016, p. 49).

A escolha pela análise de conteúdo se deu porque acreditamos que a metodologia serve para estabelecer uma lógica organizacional e de compreensão de como ocorre a construção do lugar de referência no NE1. Bardin (2016) destaca três critérios de categorização, sendo eles: semântico, categorias por temas; o sintático, classifica as palavras de acordo com seu sentido; expressivo, as diversas perturbações da linguagem. Dentre essas, optamos pela categorização semântica.

Demos início ao processo de análise das matérias, selecionando as reportagens que considerávamos ter sido construídas para servirem de referência para os espectadores do jornal através de alguns dispositivos didáticos que foram elaborados por Cerqueira (2018). Fizemos uso de seis dos doze dispositivos didáticos, pois acreditamos que através desses dispositivos as reportagens exibidas orientam as pessoas no mundo, ou seja, os dispositivos contrinuem para a construção do lugar de referência no telejornal NE1. Por meio das reportagens, começamos o processo de conceitualização, interpretação e descrição das características.

Em nossa observação participante, realizada nos dias 20 e 21 de novembro de 2018, onde tivemos a oportunidade de identificar seis dispositivos didáticos nas reportagens que foram exibidas; são eles: **contextualização, personificação, aproximação, descrição em arte, reforço** e o **de interpretação de fala**. Os mais frequentemente encontrados foram os dispositivos didáticos de contextualização, detalhamento e descrição em arte.

Com base no que pesquisamos, para procurar entender a construção do lugar de referência, estabelecemos as seguintes características dos dispositivos didáticos (Cerqueira, 2018, p. 313, 314) encontrados:

¹⁷Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/>

Quadro 3 – Características dos dispositivos encontrados

Dispositivos Didáticos	Características
Contextualização	Ao introduzir um assunto se busca fatos, entrevistas para facilitar a compreensão. No caso da reportagem sobre o mutirão do Procon Recife, a repórter ressaltou os dias e horários de funcionamento. Na matéria sobre a falsa construção do Shopping no Cabo e a mudança no trânsito no bairro da Madalena houve o destaque com relação ao tempo: <i>ontem; sábado passado</i> .
Personificação	Na reportagem do mutirão do Procon Recife, houve a entrevista com dois personagens e uma fonte oficial para confirmar a informação
Aproximação	Repórter se inclui nos dramas, fatos e problemas para aproximar-se. Exemplo disso, foi a matéria sobre um buraco e vazamento d'água em um loteamento.
Descrição em arte	Descrição de números, frases, palavras, desenhos na tela para facilitar a compreensão e o entendimento. Exemplo foi a reportagem sobre o edital lançado pelo Ministério da Saúde.
Reforço	Recurso parecido com o de complementariedade porque também o é. No caso das sonoras, aparece na escolha de um trecho da fala que repete o que foi dito. A reportagem sobre a falsa construção do Shopping é retrata nesse dispositivo.
Interpretação de fala	Quando jornalistas interpretam trechos de entrevistas que foram separados para a reportagem. Expressões como: <i>ou seja, isto é, em outras palavras, é como se, na prática</i> .

Fonte: Cerqueira, 2018, p. 313, 314.

Para essa realização, fizemos uso de procedimentos metodológicos apontados por Gomes (2016), categorização e inferência. Para ele, categorização pode ser realizada previamente, como pode surgir a partir da análise do material de pesquisa. Com relação à inferência, “é uma fase intermediária entre a descrição (enumeração das características do texto, resumida após tratamento analítico) e a interpretação (a significação concedida a essas características).” (GOMES, 2016, p. 81). Nessa mesma linha de raciocínio, Bardin (2016) ressalta que “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).” (BARDIN, 2016, p. 44). Sobre as etapas:

Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (BARDIN, 2016, p. 45).

As amostras selecionadas durante os dias 20 e 21 de novembro de 2018, reforçaram nossa hipótese de que os jornalistas não têm a consciência de que constroem o lugar de referência no NE1; mas são conscientes de que o telejornal NE1 orienta seus telespectadores.

Através de uma análise nas duas edições do NE1, foi possível verificarmos que o espelho do noticiário sofre alteração a todo momento, os profissionais se comunicam constantemente por telefones fixo, móvel e pessoalmente, estão sempre atentos a checagem das informações, material dos repórteres que foram fazer matérias nas ruas chegando para serem realizadas as edições, além de percebermos que muitas ações dos jornalistas já estão naturalizadas na rotina produtiva, o que comprova a nossa hipótese de que esses profissionais não têm consciência de que constroem o lugar de referência.

O espelho é um guia que vai direcionar o que será destaque e, dessa forma, levado para o telejornal. Ao montar o espelho¹⁸ do NE1, a produção vai atrás de mais informações sobre determinada pauta, buscar algum especialista ou documentos que acrescentem e ajudem na compreensão, quando necessário fazem ilustração. O repórter de rua junto com o cinegrafista, vão atrás das melhores imagens e explicação de uma autoridade legitimada a falar sobre o assunto. Ao retornarem para a redação, inicia-se um outro processo, o de construção da notícia, mas é o olhar clínico do editor que prevalece. Wolf (2005) ressalta a importância do editor.

A edição, destina-se, portanto, a dar uma representação sintática, necessariamente breve, visivelmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia: imposta pelas exigências e pelas técnicas de produção, transforma-se em algo diferente e a mais. Torna-se um modo de condensar, de focalizar a atenção em algumas partes do acontecimento e, presumivelmente, traduz-se numa maneira semelhante de receber, decodificar e memorizar as informações recebidas (WOLF, 2005, p. 260).

Vizeu (2005), ressalta que o editor é quem organiza o pré-espelho do jornal e isso acontece através de negociações de matérias fortes e fracas. “É nesse processo, bem como na da edição, que o mundo é recontextualizado. Os fatos que foram retirados do seu contexto na rua agora são reorganizados de acordo com a lógica de produção do jornal” (VIZEU, 2005, p. 100).

¹⁸ Relação das matérias de um telejornal, na sequência em que serão apresentadas. Dicionário de comunicação / Gustavo Barbosa, CarlosAlberto Rabaça. – 2. Ed. rev. e atualizada. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011 – 10ª impressão. p. 280.

6.4 PROCESSO DE CONTRUÇÃO DO LUGAR DE REFERÊNCIA NO NE1

Depois de uma breve apresentação do motivo da pesquisa, o profissional responsável por nos acompanhar durante os dois dias, nos apresentou para a equipe. Observamos o trabalho do Editor 1; pois foi ele quem nos explicou toda a dinâmica de rotina na produção do noticiário e os acontecimentos que seriam noticiados no NE1.

Nesse momento, começamos a buscar os caminhos que nos levasse a compreender o processo de construção do lugar de referência no telejornal. O Editor 1 nos informou que o NE1 começa a ser elaborado às 7h30min quando acontece a reunião de pauta com a editora-chefe, que já está com o pré-espelho elaborado, os demais editores e a produção do telejornal. Ela é responsável pela leitura do NE2 e do Bom Dia PE, além de acompanhar o *site* G1Pernambuco, verifica se há *releases* das assessorias dos órgãos públicos do Estado, se há algum evento na Região Metropolitana do Recife programado para o dia e junto com as chefes de reportagem, organiza as equipes de repórteres. Nesse momento começa a ser definido o que deve entrar ou ficar fora. Observa-se os *gatekeepers* (WOLF, 2005; WHITE, 2016) do NE1 em ação. Para Robinson:

As decisões do *gatekeeper* são realizadas menos em uma base de avaliação individual de noticiabilidade do que em relação a um conjunto de valores que incluem critérios tanto profissionais quanto organizacionais, como a eficiência, a produção de notícias, a velocidade (ROBINSON, 1981, p. 97 apud WOLF, 2005, p. 186).

No NE1, observamos a rotina do trabalho dos editores de texto e dessa forma, fomos analisando como os jornalistas vão distribuindo as reportagens nos blocos, como as reportagens vão ao ar, e de certa forma, observamos como eles produzem esse lugar que orienta os moradores da Região Metropolitana do Recife.

Vejamos como a “ação didática” contribui para que os jornalistas, sem perceberem, trabalham as informações de modo que contextualiza homens e mulheres no mundo que os cerca e, com isso, vão fortalecendo o vínculo de confiança com seu público.

Começamos com uma matéria sobre a renegociação de vários tipos de dívidas com bancos, Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), pendências com empresas responsáveis pelo abastecimento de água e energia¹⁹ que foi ao ar no dia 20 de novembro de 2018. “Olá!

¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7174424/programa/> Acesso em 22 de novembro de 2018.

Bom dia para você! Seja muito bem-vindo ao NE1 de hoje! Vai chegando o fim de ano, muita gente recebe o décimo terceiro e aproveita o dinheiro extra para pagar contas atrasadas. De hoje até sexta-feira tem mutirão do Procon Recife para renegociação de dívidas.”²⁰ (BONFIM, informação oral de reportagem, 2018).

Nessa reportagem, o Editor 1 achou melhor fazer um link ao vivo, com duas entradas, em blocos distintos, para mostrar o funcionamento do mutirão de quitação de dívidas no Compaz de Santa Terezinha.²¹ Para o Editor 1: “Notícia, é aquilo que é de interesse pro público, é o que tá acontecendo. São os fatos do dia a dia, então a gente acaba sendo jornalista intermediário pra que o público tenha acesso à aquela informação.” (Editor 1, entrevista realizada em 27/12/2018).

Para o Editor 3, o “Editor 1 é quem traduz o que há de importante para as pessoas e para o tempo do jornal. Se o assunto for relevante, como essa reportagem dos endividados, teve duas entradas.” (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018).

Esse fato deve-se também ao que Arias (2017) afirma que a televisão tem uma função pública de informar. Para o autor: “decidiendo qué acontecimientos son noticia o no, qué hechos entrarán o no el telediário, con qué imágenes y sonido se contarán esos hechos” (ARIAS, 2017, p. 57). Cabe ao editor-chefe fazer esse filtro, além de decidir o tempo para cada reportagem, fato que o Editor 3 nos informou que é a editora-chefe “dá tempos imaginários, pressupostos. Por exemplo: a reportagem tal vai ter 2 min 30seg, quando vai pra ilha pensando nesse tempo, chega lá e descobre que não rendeu tanto assim, rendeu 1min 10seg.” (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018).

Nesse caso da reportagem com a retranca²² Dívidas/Mutirão Pro, devemos destacar que foram duas entradas; a primeira com pouco mais de 4 min e a segunda, com mais de 2 min. para o Editor 3, “Como esse é um assunto com grande apelo, pela quantidade de pessoas que estão endividadas. Então é interessante que a gente tenha duas entradas. A primeira para explicar o assunto e a segunda, pra uma pessoa que por ventura não tenha visto completo, ou se ficou com alguma dúvida, pra alguém em casa ter uma segunda oportunidade de ver.” (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018).

²⁰ Parte da reportagem na qual o apresentador lê o texto escrito por ele ou por um editor, faz link ao vivo com a repórter.

²¹ Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

²² Retranca: nome usado para identificar uma matéria.

Figura 2 - Entrada ao vivo: Compaz Santa Terezinha²³



Fonte: *Print Screen* da reportagem no site do Globoplay.

Na sequência, a repórter explica, de maneira didática, como ocorre o procedimento para a negociação. Mostra alguns representantes das instituições, dentro de suas respectivas salas, frente a frente com o devedor e o representante do Procon/ Recife. E muitas vezes a negociação é realizada com sucesso no mesmo instante. Isso é espécie de *lead*, para introduzir o telespectador no ambiente antes de chegar ao ponto principal.

Figura 3 - Sala onde encontram-se o devedor, representantes do Procon/ Recife e da instituição que está disposta a negociar.



Fonte: *Print Screen* da reportagem no site do Globoplay.

Prosseguindo com a mesma reportagem temos a repórter que entrevista um devedor que conseguiu quitar seu débito através desse mutirão, mas que não saiu muito satisfeito com o desconto de 50% que recebeu, mas quitou a dívida. Em seguida, a repórter entrevista uma fonte oficial, o secretário-executivo do Procon/Recife que promoveu esse mutirão. Na entrevista, a repórter faz perguntas essenciais, tais como: “como a prefeitura tá vendo esse

²³ Não fomos autorizados a tirar fotos da redação e do estúdio, por isso, o uso dos *prints screen*.

mutirão? O secretário-executivo do Procon responde “o mutirão já faz parte do calendário da prefeitura e é semestral.” E justifica que o desconto dado para quem está devendo o IPTU, “por uma questão legal, a gente fica limitado a determinado desconto”. A repórter descreve o ambiente “Cada salinha está sendo usada por uma equipe diferente. E cada equipe tá negociando um tipo de dívida. É isso? Então, tem uma sala pra Celpe, uma sala pra Compesa, uma sala pra prefeitura. Tem sala também pros bancos. É isso?”²⁴ (SILVEIRA, informação oral da reportagem, 2018). E o secretário-executivo do Procon/Recife responde, de modo muito simples, que “são dezesseis instituições financeira e a prefeitura vem aqui para dar exemplo. Exatamente para dar desconto de 50% na correção e 50% dos juros, já é um grande desconto. Que poucas entidades dão.” (NEVES, informação oral da reportagem, 2018).

E a repórter segue explicando que os bancos têm suas salas, a Compesa, Celpe e prefeitura também. E o secretário-executivo acrescenta “que não estava tumultuado porque as pessoas são atendidas no horário que é de 9h às 14h. Tudo isso com o objetivo de conseguir o máximo de informações esclarecedoras para que outros devedores aproveitem a oportunidade. O apresentador, no estúdio, pergunta para o secretário-executivo “se a pessoa, de repente consegue essa negociação, o nome que de repente estava no SPC, sai automaticamente fazendo essa negociação nesse mutirão?” A repórter ressalta a importância da pergunta do apresentador e passa para o secretário-executivo, que por sua vez responde “só mostrando duas para você agora. Um devia três e seiscentos à Compesa, pagou duzentos e oitenta; o outro devia quarenta e três e pagou quinze. De imediato, em cinco dias contando a data de pagamento, retira o nome do consumidor do SPC e das instituições protetoras de crédito.” E o secretário-executivo do Procon finaliza sua participação com a importância dos devedores, após o pagamento, ter sua cidadania resgatada e na época de final de ano.

²⁴ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7174424/programa/?s=04m48s>. Acesso em 22 de novembro de 2018.

Figura 4 - Repórter entrevistando o secretário- executivo do Procon/Recife.



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Nessa reportagem, temos o que Cerqueira (2018) chamou de “dispositivos didáticos do telejornalismo”. Para ele, “A dimensão da função pedagógica do telejornalismo, perpassa ainda pelo da linguagem e consolida-se no que chamamos de dispositivos didáticos” (2018, p. 178). Continuando com o autor, “os dispositivos didáticos se materializam na construção textual, na imagem e nas suas relações, com recursos gráficos e sonoros” (2018, p. 181).

Nessa matéria temos o que Cerqueira (2018) denominou de dispositivo didático de contextualização e um outro, o de personificação. Temos a repórter que explicou os dias, horários e como funciona o mutirão além das imagens. Temos também, um personagem, que foi até o local para quitar a sua dívida com a prefeitura e uma fonte oficial para dar maiores explicações a respeito. Conforme Cerqueira (2018)

os **dispositivos didáticos de contextualização**, deve-se ao fato de introduzir um assunto se busca fatos, entrevista e episódios anteriores que possam contextualizar o acontecimento atual. Facilita a compreensão de quem não está acompanhando os fatos e precisa saber motivos que geraram os desdobramentos. Muitos vezes, é introduzido por uma palavra que destaca a temporalidade: *ontem, nas últimas horas, há um mês*, por exemplo. E com relação ao **dispositivo didático de personificação**, Uso de personagem, caso concreto, da vida real que represente a situação que se deseja explicitar. O processo de personificação também é de exemplificação. Um exemplo real, que se adequa e de encaixe com a abordagem e que sirva como representação da informação que está sendo repassada (CERQUEIRA, 2018, p. 313, 314).

Nessa reportagem, tivemos o uso das imagens e entrevistas com o objetivo de facilitar a compreensão do telespectador, além da fala do secretário-executivo do Procon/ Recife para confirmar e legitimar o que a repórter havia falado. Analisando essa matéria, foi possível verificarmos que a maneira como foi elaborada, mesmo sendo um link ao vivo; ou seja, sem sofrer o processo de edição, a repórter passou, de maneira muito didática todas as informações

necessárias para um público que encontra-se endividado, nos dando o entendimento que é uma reportagem que orienta uma parcela da população que mora na região metropolitana. O que vemos, é um telejornal, que de forma relevante contribui para a construção da realidade, da realidade da população moradora da região metropolitana (BERGER; LUCKMANN, 2009).

A contextualização, fez uso de entrevista com um personagem para saber dele o que achou do desconto negociado para quitar a dívida, permitindo, dessa forma, ao telespectador que não sabia desse mutirão e que, por ventura tenha alguma dívida e queira quitar, ir até o local para negociar e assim tirar seu nome da empresa de proteção ao crédito.

Arias (2017) categorizou os acontecimentos para que sejam possíveis tornarem-se notícias, são necessários cinco valores, sendo eles: a novidade, a relevância, o interesse, o audiovisual e a instantaneidade.

Em outra reportagem, também exibida no dia 20 de novembro de 2018, identificamos outro dispositivo didático. A matéria tratava de um buraco enorme, na Rua São Bernardo, que foi aberto pela Compesa (Companhia Pernambucana de Saneamento), há um mês, no Loteamento São João e São Paulo, localizado em São Lourenço da Mata, Região Metropolitana do Recife. Os moradores reclamavam da falta de abastecimento de água, a dificuldade para os pedestres andar na rua e a linha de ônibus que deixou de passar nesse local.

O Editor 1 confirma com a produção, que informa ao telespectador que enviou o vídeo do buraco, através do aplicativo *WhatsApp*, sobre a ida de uma equipe de reportagem até São Lourenço. O Editor 1 pede para o repórter ressaltar, durante a reportagem ao vivo, os riscos de doenças e de afogamento que alguns moradores correm ao pularem dentro do buraco.²⁵ O aplicativo na redação é visto com uma forma do telespectador contribuir com o jornal. O Editor 1: “Eu não consigo imaginar fazer o jornalismo sem o *WhatsApp*, porque o público ajuda muito a gente a fazer e a gente tá a todo tempo falando “olha gente, a gente faz o jornal com a sua ajuda. Manda pra nós, nos informa o que tá acontecendo na sua comunidade” (Editor 1, entrevista realizada em 27/12/2018).

Ao receber um vídeo pelo aplicativo, devemos levar em consideração que as imagens captadas pelo telespectador, são registros de um testemunho e que já faz parte da cultura da produção do NE1. Segundo Traquina (2008, p. 96):

²⁵ Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

existe um encanto por parte dos membros da comunidade jornalística pelo inesperado. Embora o jornalismo inclua muita rotina, o inesperado é o momento mágico incontornável de qualquer filme de Hollywood sobre os jornalistas; os jornalistas entram em ação, num ritmo frenético de luta heroica contra o tempo e em dedicação ao imperativo de informar os cidadãos (TRAQUINA, 2008, p. 96-97).

O fato de a produção do jornal ter feito uso da imagem realizada pelo telespectador, justifica-se, não apenas porque há a facilidade de manuseio por parte do público de aparelhos celular, mas, sobretudo, porque o noticiário percebeu que é uma realidade e ajustou-se a nova demanda.

Podemos perceber que o telespectador munido dos dispositivos móveis, acaba por participar do processo de produção do telejornal. Assim como vimos à época em que o Jornal Nacional lançou a campanha “O Brasil que eu quero”, os apresentadores de todos os telejornais da Rede Globo passaram a solicitar vídeos e, de certa forma, ensinavam nos noticiários como o telespectador deveria gravar (celular deitado, com uma imagem que representasse a cidade e o tempo de duração do vídeo). Essa atitude do jornalismo, acabou por incentivar, ainda mais, o público a ser um co-produtor de notícias. Para João Carlos Correia (1998):

Uma das ambições inerentes à ideologia e à ética dos *media* é conseguir uma interação perfeita com os seus públicos, recuperando uma espécie de arquétipo de uma comunidade ideal de fala onde todos teriam um acesso totalmente transparente ao poder simbólico. Assim, a relação entre o jornalista e os membros do público seria quase uma espécie de encontro eivado de uma certa reciprocidade e transparência ideais (CORREIA, 1998, p. 121).

O que temos são as tecnologias digitais possibilitando a produção de material para a produção, de um lado; e do outro, temos um desafio que os jornalistas têm enfrentado no sentido de manter o rigor ético (CORNU, 1994). E também, observamos que o público do NE1, acabou por desempenhar um papel de cidadão repórter ao fazer uso dos recursos disponíveis em seu celular.

Concomitantemente, o que vimos foi o jornalismo também assumir uma função de fiscalizador dos órgãos públicos. Para que o repórter retratasse fielmente o problema enfrentado pelos moradores, ele fez uso de uma linguagem fácil e acessível para a população. Realizou entrevista com alguns moradores e motoristas que, com muita dificuldade, passavam na rua. O Editor 2 entende que o jornalismo assume uma posição de fiscalizador dos órgãos públicos, pelo seguinte aspecto “o poder público não tá lá. Se o poder público olhasse com mais profundidade, com mais respeito, ele conseguiria atender uma lacuna gigantesca. Eu vejo da seguinte maneira: a pessoa para tudo que tá fazendo, tira uma foto do bairro onde

mora ou então se preocupa em saber qual que é o telefone, que alguém vai poder escutá-lo. Porque ele liga pra prefeitura e a prefeitura bota naquele telefone, aquela ligação em espera e ninguém fala com ele. Quando ele liga pra cá, a gente tá aberto a ouvir o que ele quer dizer” (Editor 2, entrevista realizada em 04/12/2018).

Essa reportagem foi para o quadro Calendário, que há quase dez anos está no jornal, e pelo o que observamos a demanda é enorme, diminuindo, dessa forma, a possibilidade de saída do telejornal. Esse quadro, especificamente, nos fez acreditar que o jornalista chama pra si a reponsabilidade de defensor da população e de fiscalizador dos órgãos públicos. Para Moretzsohn (2007), “Essa naturalização do “quarto poder” assenta-se numa simplificação do princípio da objetividade, traduzido na corriqueira ideia de que “os fatos falam por si” (MORETZSOHN, 2007, p. 119).

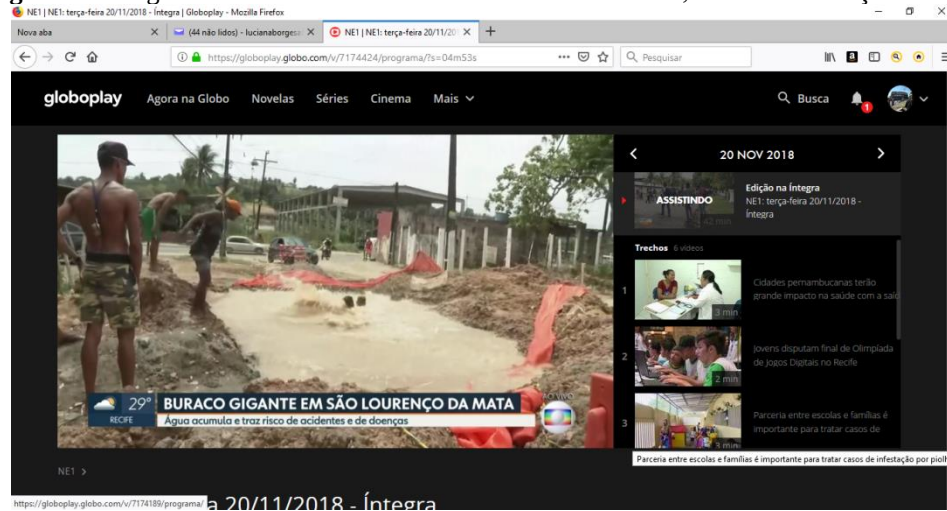
Para o Editor 3, a relevância dessa reportagem ter ido parar no quadro Calendário, deve-se “a quantidade de pessoas impactadas, quanto mais pessoas afetadas mais relevância” (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018).

A todo momento, observamos nessa reportagem que não houve interferência da editora-chefe, pois o objetivo é deixar os moradores do loteamento exporem os problemas e uma busca incessante da produção do jornal por resposta dos órgãos responsáveis. A produção do telejornal NE1, teve como resposta do Grande Recife Consórcio, empresa responsável pelo consórcio no setor de transporte público, uma resposta por meio de nota, “que há uma semana o ônibus da linha Loteamento São João-São Paulo / T.I. Camaragibe, os ônibus estão fazendo o itinerário alternativo por conta da interdição.” A Compesa, por sua vez, também por meio de nota, informou: “o buraco foi aberto no dia 14 de novembro para um conserto de um cano. O serviço terminou numa sexta-feira, dia 16. Mas, por se tratar de uma tubulação antiga, o cano rompeu em outro ponto. Os técnicos da Companhia vão ao local para fazer o conserto.”²⁶ Ou seja, sem previsão para o conserto do cano e consequentemente, sem data de retorno da linha de ônibus voltar a fazer seu itinerário corretamente.

Quando perguntado sobre o aplicativo *WhatsApp* como uma ferramenta indispensável, nos dias de hoje, como um recurso para a população enviar suas queixas, reclamações, denúncias, o Editor 2 diz que: “a demanda de informações que chegam a produção através do aplicativo *WhatsApp*, é enorme!” (Editor 2, entrevista realizada em 04/12/2018).

²⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7174352/programa/> Acesso: 22 de novembro de 2018.

Figura 5 - Imagem do buraco no loteamento São João/São Pedro, em São Lourenço da Mata.



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Nessa matéria, ressaltamos a relevância desse aplicativo dentro da redação do telejornal. O Editor 3 destaca que “a gente não consegue mais trabalhar sem o *WhatsApp*. São os milhares de olhos que a gente tem pelas comunidades. Infelizmente, a gente não consegue ter acesso a todas as comunidades.” (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018).

Na apresentação da mais recente obra de Pollyana Ferrari (2018), Martha Gabriel aborda a importância da tecnologia em nossas vidas, visto que somos impactados a todo momento por rápidas e constantes transformações, seja nas dimensões primordiais, tais como: o social, a economia e ambiental. Mas também, os desafios, pois temos a dificuldade de compreendermos as causas dos impactos que a mudança e da velocidade que a tecnologia altera nosso ritmo de vida diariamente.

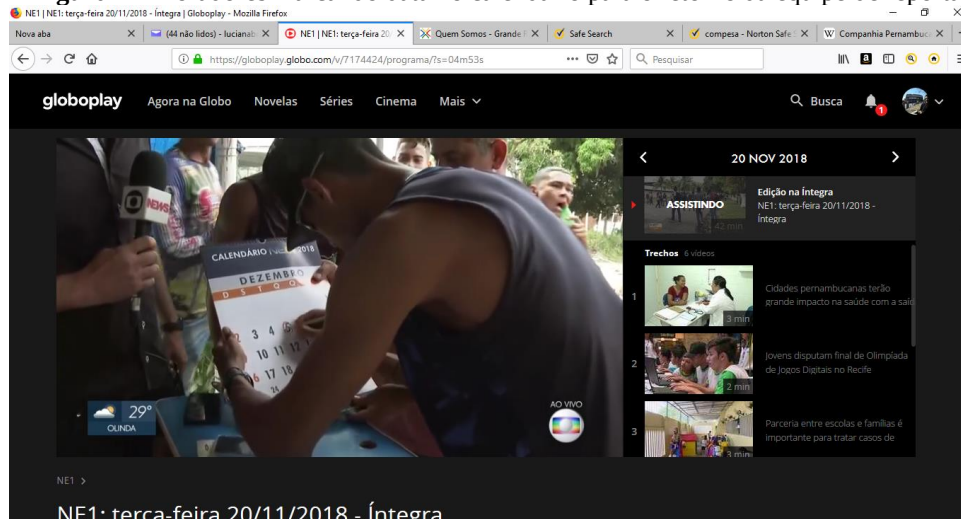
E na redação do telejornal NE1, não há mais como elaborar o jornal e não ter acesso à demanda no *WhatsApp*; pois há muito a pauta origina-se no aplicativo. O que observamos foi um exercício de checagem muito grande a partir do momento em que a editora- chefe resolve noticiar algo que vem do público. O exercício da checagem, pelo o que foi observado, é baseado em mais de uma fonte de informação que possa ser verificada e confiável. Isso tornou-se primordial, a partir do momento em que os aparelhos de telefonia móvel e as redes sociais tornaram-se populares.

Figura 6 - Repórter entrevistando morador do loteamento



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Figura 7 - Moradores marcando data no calendário para o retorno da equipe de reportagem



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Nesse caso, foi possível identificarmos o **dispositivo didático de aproximação**. Nele verificou-se que o repórter solidarizou-se com a comunidade, aconselhou alguns moradores a não mergulharem no buraco para não se ferirem e leu as notas enviadas pelas instituições. Para Cerqueira (2018):

Repórter se inclui nos dramas, fatos e problemas para aproximar-se. Ele é um cidadão e também sente o que a audiência sente. O uso de pronome e verbos na terceira pessoa (nós), por exemplo, provoca o efeito de inclusão na história. Permite, na sequência, a abertura para um texto mais dialogado, mas informal, gerando a aproximação e na tentativa de “desformalizar” para ajudar na compreensão (CERQUEIRA, 2018, p. 314).

Em outra reportagem, foi possível verificarmos um outro tipo de dispositivo didático, o de **descrição em arte**; para Cerqueira (2018) “Descrição de números, frases, palavras, desenhos na tela para facilitar a compreensão e o entendimento” (CERQUEIRA, 2018, p. 314).

Através de uma matéria em que a pauta foi a saída dos médicos cubanos do Programa Mais Médico; onde Cuba enviava, desde de 2003, médicos para o Brasil para fazerem parte do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na semana anterior, o presidente eleito, Jair Bolsonaro, propôs mudanças contratuais, que implicou no fim do acordo entre Brasil e Cuba e que os 414 médicos que atendiam nas regiões do agreste e do sertão do Estado, incluindo comunidade indígena, estão sobreaviso e que até o final do mês de novembro de 2018 receberão as passagens aéreas. Fato que deixou os pacientes preocupados.

Para essa reportagem, fizeram uso de uma cabeça de matéria bem elaborada, houve o texto em *off*, a sonora com o presidente da AMUPE, passagens da repórter e da médica cubana, o povo fala e a sonora com a secretaria de saúde de Serra Talhada/PE, informando que não vai deixar a população desassistida com a saída dos médicos, que atendem quatro mil pacientes/mês.

Salvaguardando que o NE1 funciona como uma espécie de lugar de segurança no “mundo da vida” (SCHUTZ, 2012) e nos baseando que a televisão assume um “lugar de familiaridade” (SILVERSTONE, 1994), observamos nessa reportagem o uso de recursos para facilitar a compreensão do telespectador. Diante disto, compartilhamos a afirmação de Gomis (1991) e levamos em consideração que a mídia não apenas transmite a informação, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas do campo jornalístico.

O Editor 2 entende que a arte serve para resumir a informação em um curto espaço de tempo, uma vez que tempo é primordial para o telejornal, “Então, a arte é um resumo de muita coisa que a gente tem que falar. Assim, o edital tem 80 páginas, você resume numa arte, numa ilustração de 20 segundos, 30 segundos, dando o site, as informações, os documentos pessoais, e o que mais, o salário” (Editor 2, entrevista realizada no dia 04/12/2018).

Compartilhando da mesma ideia do Editor 2, entendemos que o recurso da arte é utilizado sempre que houver a necessidade de maiores informações, detalhes, com o objetivo de tornar as informações compreendidas. Foi possível notar que os editores estão atentos para não ocultar informações. Para o Editor 3: “Todo tipo de informação dada, ela tem uma forma de ser ilustrada e acaba que a arte, ela veio de uma forma quase como uma aula. A informação

precisa ser ilustrada para que se tenha a captação do olhar do telespectador” (Editor 3, entrevista realizada no dia 18/12/2018).

O apresentador destaca o edital lançado pelo Ministério da Saúde, com mais de oito mil vagas para o Programa Mais Médicos e faz uso do recurso utilizado para fazer com que os telespectadores compreendessem melhor, foi o uso de desenho na tela.

Percebemos que é através das práticas diárias de produção da notícia que os editores de texto e a editora-chefe, de forma inconsciente, acabam assumindo um papel de sujeitos cognoscentes, visto que estão sempre em busca de informações. Cornu (1994) defende que o método jornalístico deve ser trabalhado com rigor.

Figura 8 - Apresentador lendo a cabeça de matéria sobre a saída dos médicos cubanos das regiões do agreste e sertão do Estado



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Figura 9 - Arte informando sobre a quantidade de vagas no edital lançado pelo Ministério da Saúde



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Figura 10 - Arte informando o salário e período de inscrições



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Figura 11 - Arte informando quem pode candidatar-se



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Figura 12 - Arte informando a segunda convocação



Fonte: Print Screen da reportagem no site do Globoplay.

Em uma outra reportagem, também exibida na edição do dia 20 de novembro de 2018, sobre um anúncio para a seleção de 520 vagas para várias áreas (eletricista, encanador, pedreiro, entre outras) foi divulgado nas redes sociais, para a construção de um Shopping na cidade do Cabo de Santo Agostinho.

O apresentador abre da seguinte maneira: “A esperança de conseguir um emprego, levou centenas de pessoas hoje, a um conjunto de galpões lá no município do Cabo de Santo Agostinho, que fica aqui na região metropolitana.”²⁷

Observamos, que após uma checagem, o Editor 1 solicitou para um repórter “investigativo” ir até o local para fazer imagens, confirmar o número de vagas e sobre as entrevistas para a seleção. Em conversa com o Editor 1, nos revela que: “É importante fazer o povo fala. Perguntar sobre o último emprego, quanto tempo encontra-se desempregado, como ficou sabendo da seleção, ou seja, fazer uma matéria humanizada.”²⁸

Entretanto, a produção descobriu que a informação era falsa; pois esse empreendimento não tinha projeto e nem licença para a construção registrado na Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente do município e não tinha inscrição na Junta Comercial do Estado de Pernambuco (JUCEPE). O Editor 1 nos revela: “É muito importante checarmos as informações! Ainda mais hoje, com as redes sociais.”²⁹ Ainda com o Editor 1, nos relatou que: “A gente tem que ter muito cuidado! Você vê, com tanto cuidado às vezes a gente caí. A gente deu na medida? Deu. Mas a gente ficou assim ... talvez eu nem tivesse, sei lá, talvez eu nem mandaria o repórter se soubesse que o cara era um louco, mas também tinha que mandar, por outro lado, porque movimentou demais aquele lugar. A gente tinha que explicar o que era aquilo. Não podia passar batido!” (Editor 1, entrevista realizada em 27/12/2018).

A partir do momento em que analisamos essa reportagem é interessante ressaltar que Sponholz (2009) nos apresenta um método de investigação jornalística e que foi naturalizado pelos jornalistas para garantir essa operacionalização tanto na teoria como na prática.

A princípio, ao escolher o assunto para ir ao ar o jornalista leva em consideração os valores-notícia. Nessa reportagem, observamos um grande número de pessoas que foram atraídas até o local para deixarem seus currículos, por causa do enorme número de vagas e para várias áreas. Compartilhamos com Wolf (2005), ao afirmar que os valores-notícia seguem algumas variáveis, a importância do acontecimento; o impacto na população e a disponibilidade do material.

²⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7174324/programa/> . Acesso: 22 de novembro de 2018.

²⁸ Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas do trabalho de campo.

²⁹ Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

Sponholz (2009) demonstra, em um primeiro momento, que há a pré-investigação, que define o que quer esclarecer ou descobrir. E para isso, faz-se necessário montar um roteiro; e esse processo envolve, sobretudo, fontes não diretamente envolvidas, como material de arquivos e bibliotecas, entrevistas com *experts* e testemunhas, etc.

Num segundo momento, são as formulações das hipóteses. São levantadas na pré-investigação e procuram encontrar explicações para casos isolados. “Elas são suspeitas que o jornalista quer averiguar e não são testadas rigorosamente como na ciência, mas sim através da confrontação de informações, de versões, avaliações e explicações obtidas em entrevistas.” (SPONHOLZ, 2009, p. 144).

Ainda com Sponholz (2009), a fase seguinte é o teste das hipóteses e redação. Nesse momento, o jornalista busca reconhecer as ligações entre as informações levantadas tendo em vista responder ao problema investigado. Nesse momento ocorre o enquadramento e a seleção de informações que serão utilizadas na produção da notícia. Segundo a autora, “para que este profissional produza conhecimentos válidos, precisa de um método que o permita entender e mediar informações de áreas diferentes em níveis distintos vindas de fontes diversas em um prazo curto.” (SPONHOLZ, 2009, p. 147). É dessa forma que o jornalista vai entrelaçando a realidade.

Como acrescenta Tuchman (1983) o método e a investigação jornalística vão construindo uma “trama da faticidade.” No caso dessa reportagem, sobre a falsa informação da construção de um shopping, o que vimos foi enfatizar nas imagens o grande número de pessoas que foram atraídas pela oferta de emprego, o sentimento de pessoas que faziam parte da equipe para recrutar funcionários e lojistas, um jovem “empreendedor” que sofre distúrbio mental, passando para um caso de polícia e não como *fake news*. Isto é, a partir do momento em que estabelecem-se enquadramentos, o jornalismo contribui para a construção da realidade social. Não esquecendo que o jornalismo constitui a realidade e é constituído por ela. E essa realidade é constituída por homens e mulheres.

Gomis (1991, p. 35) complementa dizendo que o jornalismo pode considerar-se como um método de interpretação da realidade. O jornalismo não tem por objetivo interpretar o que ocorre na intimidade das consciências e nem no inconsciente; mas sim, pela realidade, que no caso do jornalismo, é a realidade social.

Figura 13 - Print da rede social que informou a seleção e vagas disponíveis

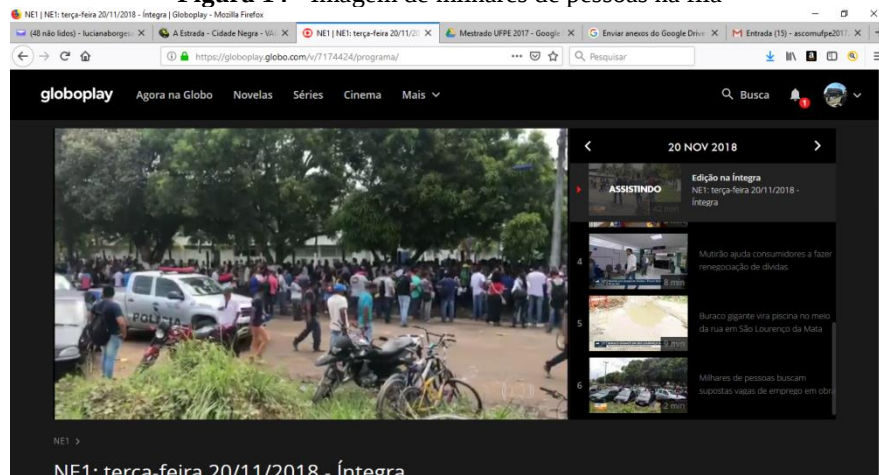


Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

A partir do momento em que foi confirmada que essa informação era falsa, achamos relevante trazermos, porque vivenciamos uma nova era no jornalismo, onde as notícias envelhecem rapidamente, onde as pessoas munidas com um aparelho de celular, podem gravar imagens e enviar para a emissora fotos com denúncias, enfim, e as redes sociais. Para o Editor 3, “o *WhatsApp* é a nossa rede social mais ligada ao povo e é em tempo real. Todo dia a gente recebe esse tipo de informação falsa. Só que essa chamou nossa atenção por causa do volume de pessoas” (Editor 3, entrevista realizada no dia 18/12/2018).

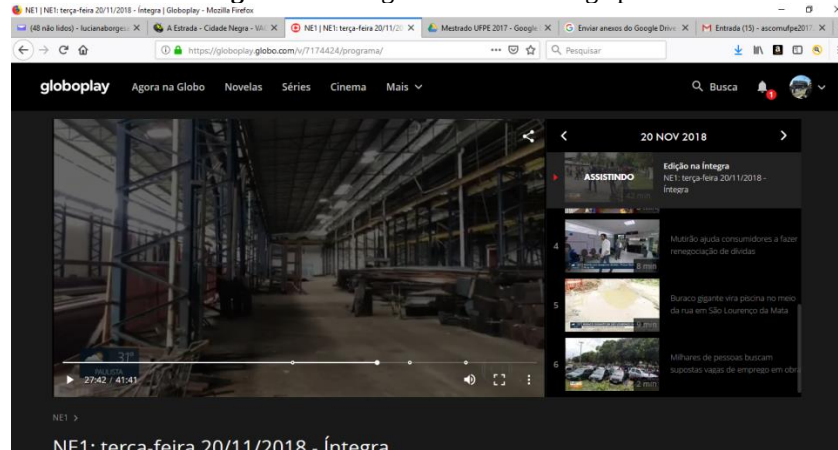
Para o Editor 1: “Hoje em dia, temos cada vez mais notícia. No *WhatsApp* da Globo não para, no pessoal também, é *Twitter*, é *Instagram*, é tudo. E é muita coisa! As pessoas divulgam o tempo todo, tanto que hoje em dia tá cada vez mais difícil um furo de reportagem. É muito raro, porque tudo tá acontecendo e as pessoas já estão divulgando. Então tem que ter muito critério! O cuidado com a notícia falsa é a checagem” (Editor 1, entrevista realizada em 27/12/2018).

Figura 14 - Imagem de milhares de pessoas na fila



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

Figura 15 - Imagem do interior do galpão



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

Figura 16 - Print da rede social com a equipe responsável pela contratação



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay

O Editor 2 reconhece a importância da checagem no jornalismo, uma vez que torna-se mais fácil as pessoas acreditarem e replicarem as informações recebidas por meios das redes

socais. “Olha, o princípio básico do jornalismo é checagem. Não imaginar apenas uma fonte de informação, e sim, sempre desconfiar. Nesse aspecto, eu acho que estamos vivendo numa época em que hoje as pessoas acabam sabendo muito mais dos boatos e fatos e as notícias falsas, elas vão multiplicando por conta dos aplicativos” (Editor 2, em entrevista concedida no dia 04/12/2018).

Em sua obra, *O filtro invisível*, Eli Pariser (2012, p. 57) afirma que com o advento da internet foi crucial para que houvesse a “desintermediação” das notícias. No ponto de vista do autor, a desintermediação é caracterizada pela exclusão das mídias tradicionais como intermediárias entre a informação e o público; que por sua vez pode acessar diretamente da fonte, confrontando o princípio da mídia. E para o autor, o *Google*, *Amazon* e *Facebook*, que guardadas as diferentes proporções, foram responsáveis por criações de bolhas de informações, e que se situam diante de nós e de nossas escolhas. Ainda com Pariser, “E essas plataformas detêm um enorme poder – tanto poder, em muitos sentidos, quanto os editores de jornais, os selos de gravadoras e outros intermediários que os precederam.” (PARISER, 2012, p. 58).

Analisando um pouco mais sobre esse “efeito bolha” de Pariser (2012), pode-se acreditar que a partir do momento em que essas plataformas digitais, *Facebook* e *Google*, por exemplo, geraram um ambiente único para cada usuário, passaram a alterar a forma como lidamos com as informações.

Essa seleção que recebemos pelas plataformas digitais impactou na eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016, em que Donald Trump saiu vencedor. Segundo Nelson de Sá (2017, p. 40) “no Google, o caso símbolo foram as buscas sobre a “contagem final” do pleito, que destacaram um site obscuro que afirmava que Trump havia vencido no voto popular, quando na verdade ele perdeu. No Facebook, foi a disseminação do suposto apoio do papa Francisco a Trump.”

Diante do que presenciamos no primeiro dia de análise na redação da Rede Globo Recife, juntamente com o “efeito bolha” das plataformas digitais e do impacto causado na eleição presidencial dos EUA, podemos afirmar que a produção do NE1, de fato é comprometida com o trabalho e é primordial a veracidade dos fatos, como prega o bom jornalismo. Schudson (2010), apontou três indicadores de qualidade; são eles: 1) a disposição que o meio de comunicação tem de retratar-se, de corrigir seus erros publicamente; 2) prezar pela ética profissional e por fim, 3) os jornalistas também adotam recursos confiáveis, por exemplo, identificar suas fontes.

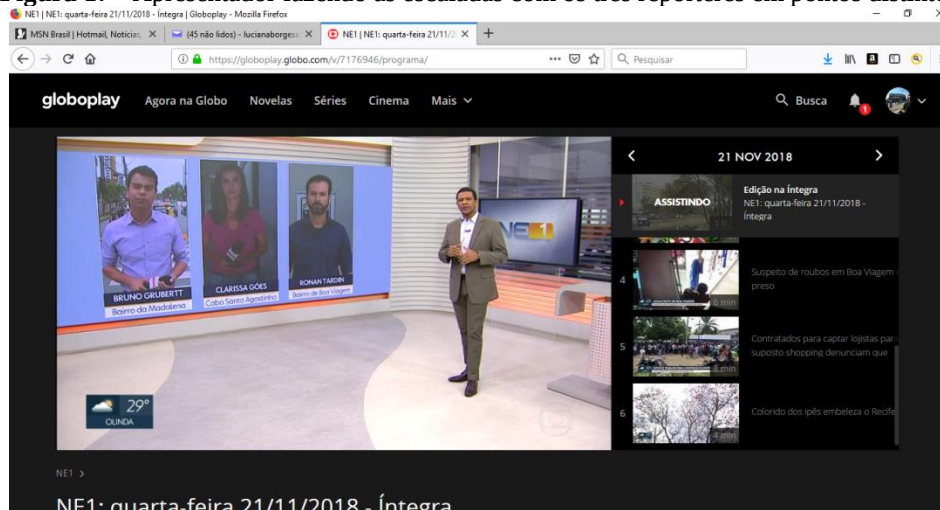
Egle Spinelli e Jéssica Santos (2018), em seu trabalho ressaltam a importância da checagem das informações por parte dos jornalistas

Portanto, as iniciativas de *fact-checking* são fundamentais para que a imprensa crie consciência – e parta para ações efetivas - de que para enfrentar a disseminação de notícias falsas, o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias e deixar transparente os métodos de apuração para que os leitores entendam como as notícias foram checadas. Na era da pós-verdade, em que fatos objetivos são menos relevantes que emoções e crenças pessoais, o jornalismo precisa apostar na sua essência: o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos. O jornalismo precisa criar impacto, amplificar vozes e conquistar uma audiência que, estão cada mais vez mais descrentes nos veículos de mídia (SPINELLI; SANTOS, 2018, p. 778).

Isso posto, percebe-se que as redes sociais transformaram o jornalismo no sentido em que os telespectadores tanto produzem material que pode ser aproveitado no telejornal como, nesse caso que foi de *fake news*, tivemos a oportunidade de verificarmos a importância da checagem.

Em nosso segundo dia de análise de campo, 21 de novembro de 2018, o apresentador abriu da seguinte forma: “Olá! Bom dia pra você! Seja bem-vindo ao NE1! E a gente começa a edição de hoje, fazendo um giro com os nossos repórteres ao vivo em pontos diferentes aqui da região metropolitana. Eles que vão trazer as principais notícias pra você.” (BONFIM, informação oral da reportagem, 2018)³⁰.

Figura 17 - Apresentador fazendo as escaladas com os três repórteres em pontos distintos.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

³⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7176782/> Acesso em: 24 nov. 2018.

Após apresentar os repórteres, o apresentador faz as escaladas junto com eles e a vinheta do jornal vai ao ar. O apresentador abre da seguinte maneira: “A gente começa o NE1 falando de uma mudança no trânsito numa das áreas mais movimentadas do Recife. As alterações começaram a valer no sábado passado, durante o feriadão da proclamação da república, no bairro da Madalena. Mas, com a movimentação de um dia normal de trânsito, tem como saber, como estão repercutindo as alterações na circulação dos veículos na região. Quem tá lá e vai explicar essa história pra gente é o Bruno Grubertt, porque essa é uma alternativa pra quem está aí cruzando a avenida Beira Rio pra chegar aos outros bairros da zona norte do Recife. Grubertt.” (BONFIM, informação oral da reportagem, 2018)³¹

Nessa reportagem, o Editor 1 solicitou a um repórter “investigativo” ir até o local junto com um cinegrafista, mais cedo, para fazer imagens do trânsito e o povo-fala. Mas decidiu fazer um ao vivo com outro repórter no sinal, mostrando as mudanças e aproveitando as imagens realizadas mais cedo.³²

Figura 18 - Entrada ao vivo no bairro da Madalena.



Fonte: *Print Screen* da informação no Globoplay.

Na sequência temos: “É isso, Márcio. O que a gente percebeu aqui hoje, é que o pessoal que passa por aqui ainda tá um pouco confuso com essa mudança. Deixa eu explicar por que: esse trecho da Beira Rio é de quem vem de lá do Clube Internacional prá cá, ficou mão única. Os carros só podem seguir agora na direção dos bairros da zona norte do Recife. Só que nesse trecho, veja só: eles instalaram essa faixa de pedestre e o semáforo. O semáforo, só serve para os motoristas que vão seguir em frente, na Avenida Beira Rio. Quem vai pegar a

³¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7176946/programa/> Acesso em 24 nov. 2018.

³² Informação obtida diretamente com o Editor 1 do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

direita, na José Osório ou a esquerda na Ponte da Capunga, tem o acesso livre. Pode entrar aqui sem esperar o semáforo abrir. Isso tá gerando uma confusão entre os motoristas! Porque muitos param mesmo quando não tem pedestre para atravessar na faixa. Quando tem pedestre, tem essa faixa aqui embaixo que tá explicando justamente isso: precisa parar pra esperar o pedestre atravessar. Mas não precisa esperar o semáforo abrir, porque pra essas laterais não têm semáforo, não tem sinal. Isso tá confundindo um pouco os motoristas” (GRUBERTT, informação oral de reportagem, 2018).

Mesmo sendo um link ao vivo, em tempo real, observamos que o tempo dessa reportagem, submete-se ao tempo do noticiário. O tempo do telejornal, não é um tempo do fato; mas um tempo abstrato, no sentido de que o tempo da reportagem dura o necessário para que as principais informações possam ser passadas para o telespectador. Para o Editor 3: “a editora-chefe é quem traduz o tempo do jornal. Ela dá tempos imaginários”. (Editor 3, entrevista realizada em 18/12/2018). E a narrativa do repórter organizou o presente da enunciação. Vizeu (2005) nos apresentou cinco operações enunciativas mobilizadas pelos jornalistas. “*operadores de atualidade, operadores de objetividade, operadores de interpretação, operadores de leituras e operadores didáticos*” (VIZEU, 2005, p. 107).

O repórter fez uso de um discurso atual visto que houve um vínculo entre o jornal e a audiência; foi objetivo, pois retratou tal como as mudanças estavam ocorrendo; fez uso da gramática, no sentido de construir um elo, uma conexão ao dizer que “*o que a gente percebeu*”, “*deixa eu explicar*”; ele instruiu o telespectador sobre as mudanças no trânsito naquela localidade e teve a preocupação didática com relação a audiência.

Figura 19 - Repórter explicando as mudanças no trânsito.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

No início da reportagem, o que temos é o que Cerqueira (2018) chamou de **dispositivo didático de contextualização**. O apresentador ao abrir o jornal com essa reportagem, ele fez a demarcação temporal ao afirmar que a mudança no trânsito foi realizada “no *sábado passado*, durante o feriadão da proclamação da república”; isso foi primordial para dar sentido a contextualização. Ao explicar a mudança no trânsito no bairro da Madalena, o repórter teve a preocupação de explicar, com riqueza de detalhes, as alterações realizadas, o que nos remete a um outro dispositivo didático que é detalhamento.

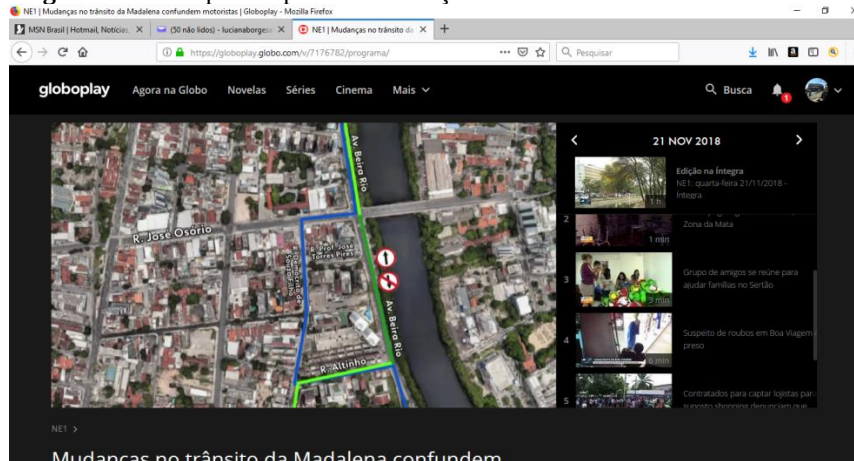
Quando há uma preocupação explícita de esclarecer com mais detalhes o que foi dito. Sua função é buscar novas palavras, expressões que facilite o entendimento do que foi dito. Jornalistas buscam encontrar códigos, mapas conceituais e um acervo de conhecimento que sejam compartilháveis com sua audiência presumida, permitindo o entendimento de falas e ressignificações (CERQUEIRA, 2018, p. 313).

A produção do telejornal entrou em contato com a assessoria da Autarquia de Trânsito e Transportes Urbanos do Recife (CTTU) para que um representante fosse até o local para explicar melhor as alterações, não aceitaram mas, enviaram uma nota. Que foi ao ar como uma nota pé onde o repórter leu, ao vivo, a resposta da CTTU.

Nesse caso, fizeram o uso da arte com um texto em *off*³³, para explicar as mudanças no trânsito da Madalena. Para Cerqueira a arte, “é usada também quando não há imagem para ilustrar o texto falado pelo repórter. Informação visual com tópicos, frases ou palavras se unem ao texto falado para ajudar na fixação da informação.” (CERQUEIRA, 2018, p. 314). Depois do texto em *off*, para explicar a arte, volta a imagem com o repórter ao vivo para ele entrevistar pedestres que moram na localidade.

³³ Texto gravado pelo jornalista, narrando a informação e que vai ao ar durante a exibição da reportagem.

Figura 20 - Arte para explicar as alterações no trânsito do bairro da Madalena.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay

Figura 21 - Repórter entrevistando um morador.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

É importante destacar a contribuição dos dispositivos didáticos (Cerqueira, 2018) para a construção do NE1 como um lugar de referência. Na reportagem sobre a suposta contratação e construção de um shopping na cidade do Cabo de Santo Agostinho, os editores acharam melhor reeditá-la e mostrá-la mais de uma vez, porque o caso foi parar na delegacia do município. Editor 1 conversa com a chefe de reportagem e decidem por enviar uma equipe até a delegacia pra fazer um ao vivo, a repórter entrevistou algumas pessoas que faziam parte da equipe do jovem “empreendedor”, a mãe do rapaz e o delegado.³⁴

Em uma outra reportagem³⁵, enquanto o apresentador lia a cabeça da matéria: “Vamos falar agora sobre a promessa de emprego que levou centenas de pessoas ao Cabo de Santo Agostinho *ontem* pela manhã. Os desempregados foram em busca de uma proposta de

³⁴ Informação obtida diretamente com o Editor 1 e a chefe de reportagem do telejornal, durante as conversas no trabalho de campo.

³⁵ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7176873/programa/> Acesso em 24 nov. 2018.

trabalho para a construção de um suposto shopping lá no município do Cabo de Santo Agostinho. O responsável por essa suposta seleção chegou a dizer que a construção da obra levaria apenas um dia. (BONFIM, informação oral de reportagem, 2018). Na tela estava sendo mostrada imagens do dia anterior, quando as pessoas foram até o local para entregar os currículos.

Observa-se que o apresentador fez uso do dispositivo didático de contextualização (CERQUEIRA, 2018), que já analisamos em outra reportagem. Foi necessário buscar imagens do dia anterior, para explicar o fato.

Figura 22 - Apresentador lendo a cabeça da matéria.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

Em seguida, o apresentador chama a repórter ao vivo da delegacia do município do Cabo de Santo Agostinho, onde ela reforça que não há seleção para as vagas de emprego que foram divulgadas na rede social, os currículos que foram depositados em caixas de papelão não estão sendo analisados, ou seja, a construção do shopping não existe. Para Cerqueira (2018), o **dispositivo didático de reforço**, “é um recurso que no caso das sonoras, aparece na escolha de um trecho da fala que apenas repete o que foi dito, mas como forma de legitimação”. (CERQUEIRA, 2018, p. 313).

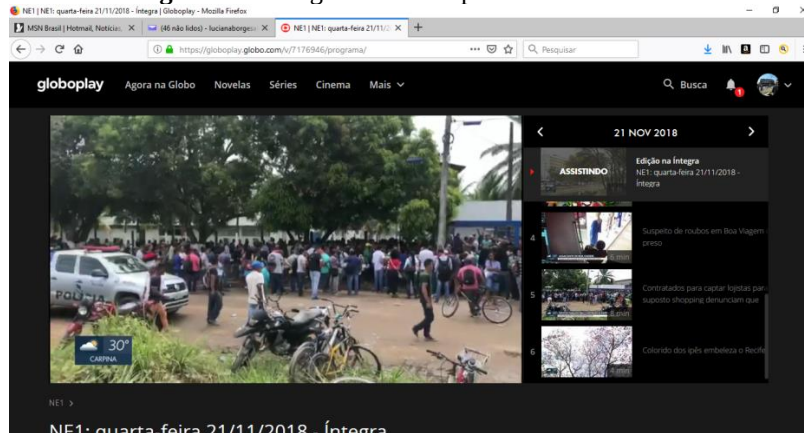
Figura 23 - Apresentador chamando a repórter.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

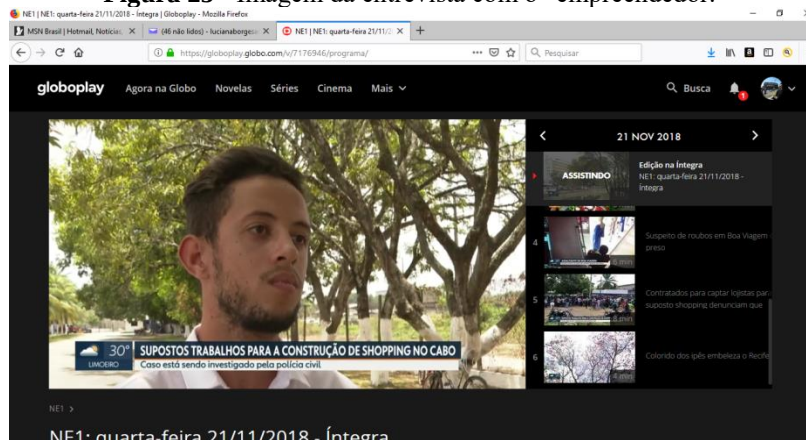
Na sequência, faz um resgate do dia anterior, também com auxílio de imagens, e dessa forma, recontextualiza o fato. Observamos que a linguagem é de fácil compreensão e não houve recurso gráfico porque o fato era recente. Ela conversou no dia anterior com o jovem “empreendedor” e responsável pela falsa contratação das 520 vagas ofertadas.

Figura 24 - Imagem utilizada para recontextualizar.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay

Figura 25 - Imagem da entrevista com o “empreendedor.”



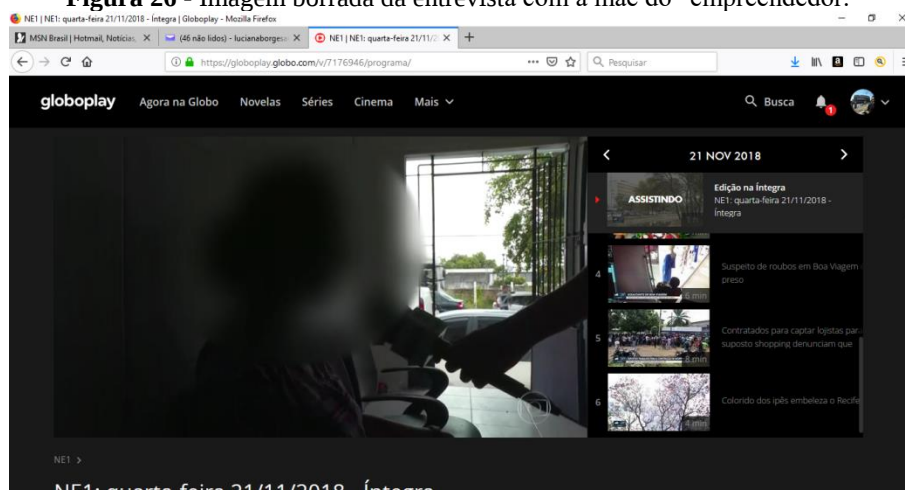
Fonte: *Print Screen* da informação no Globoplay.

A repórter gravou uma entrevista com a mãe do jovem “empreendedor”, que foi até a delegacia com laudos médicos que atestavam que o rapaz tem distúrbio mental; mas respeitou a vontade dela de não ser identificada, de modo que a imagem da mãe está borrada e o efeito da voz robotizada. Para Cerqueira (2018) refere-se a um **dispositivo didático de interpretação de fala**, uma vez que a repórter, antes da entrevista ir ao ar, antecipa o que a mãe do jovem “empreendedor” falou.

Quando os jornalistas interpretam trechos de entrevistas que foram separados para reportagem. Responsáveis pela produção entendem que é essencial manter a sonora (discurso direto), mas também precisam explicar com outras palavras o que a fonte em sua fala legitimou. A interpretação pode ser introduzida por expressões como, *ou seja, isto é, em outras palavras, é como se, na prática* (CERQUEIRA, 2018, p. 314).

Essa notícia foi relatada numa sequência em que foi necessário buscar imagens do dia anterior, para recontextualizar os fatos atuais e para o telespectador entender melhor, entre uma imagem e outra, a repórter voltava ao apresentador para relatar mais coisas. O Editor 2, entende que o suíte de matéria, falas de personagens são necessárias para contextualizar o telespectador que está assistindo ao jornal em busca de mais informações como sendo a primeira vez em que está assistindo. “Quando o repórter tá ao vivo, ele grava uma passagem. Ele consegue, ali explicar para o telespectador de uma forma muito clara, narrar, fazer uma narrativa muito clara do que tava acontecendo. a gente está no local pra poder contar, como foi tudo aquilo. Então a gente vai narrando. Então pelo aspecto pedagógico, o jornalismo é pedagógico” (Entrevista concedida em 04/12/2018).

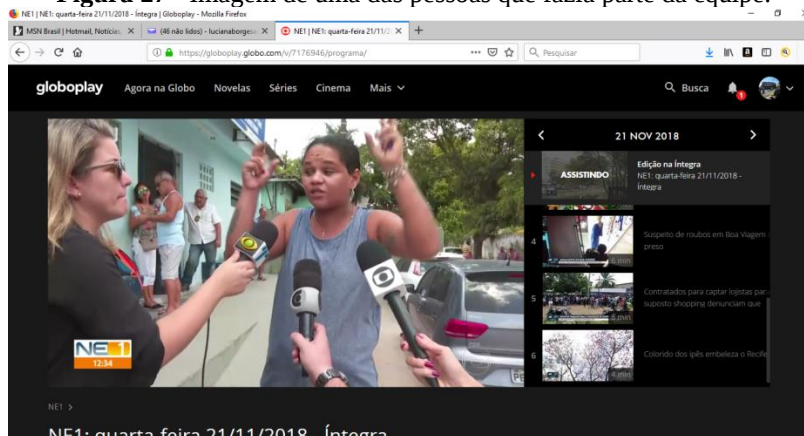
Figura 26 - Imagem borrada da entrevista com a mãe do “empreendedor.”



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay

Em seguida, a repórter mostra imagens das entrevistas de duas pessoas, que foram até a delegacia e fariam parte da equipe contratada pelo jovem “empreendedor” para fazer a divulgação do shopping com o objetivo de mostrar o outro lado desse fato, que foram tão vítimas quanto as pessoas que foram até o local entregar os currículos, uma vez que estavam trabalhando por uma coisa que não tinha a menor possibilidade de tornar-se realidade. E uma entrevista com o delegado do município, que esclareceu que não há indícios de que seja crime.

Figura 27 - Imagem de uma das pessoas que fazia parte da equipe.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

Figura 28 - Imagem de uma das pessoas que fazia parte da equipe.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

Figura 29 - Imagem da entrevista do delegado do município.



Fonte: Print Screen da informação no Globoplay.

No NE1, observamos a rotina de trabalho dos editores de texto, mas sempre buscando entender como a construção da notícia, através das reportagens que chegavam na redação, edição de imagens, a escolha por reportagem que precisava ser ao vivo, personagens para entrevistas, opção por notas peladas ou cobertas, por exemplo, e a disposição das reportagens nos blocos colaboram para a construção do lugar de referência.

Foi através da observação participante que conseguimos entender todo esse processo de relações estabelecidas entre os jornalistas e a organização, assim como, os mecanismos que mantêm a política editorial organizacional. Para Traquina (2016) “as notícias registram os constrangimentos organizacionais que condicionam o processo produtivo” (TRAQUINA, 2016, p. 192).

7 CONCLUSÃO

A observação participante indicou que os jornalistas constroem o lugar de referência no telejornal NE1, inconscientemente, uma vez que eles fazem uso de recursos, como por exemplo: uso de artes, descrição de fala, se solidarizam com os problemas da comunidade, para que o telespectador compreenda a reportagem. Foi através da investigação, que tivemos a oportunidade de acompanhar a elaboração do telejornal e, dessa forma, compreender os critérios utilizados pelos jornalistas para a produção das reportagens e sua distribuição nos blocos.

No momento em que compreendemos o arcabouço teórico, a metodologia, a observação participante foi nos proporcionando trilhar por caminhos onde percebemos que além do jornalismo ser central para a sociedade democrática, foi possível compreender a necessidade de enxergar o jornalismo atuando com didatismo.

Com base nos estudos dos dispositivos didáticos de Cerqueira (2018), nossa pretensão foi elaborar um dos primeiros estudos que nos possibilitou analisar, na prática, como os dispositivos didáticos colaboram para a construção do lugar de referência no telejornal local NE1, da Rede Globo Recife.

Os dispositivos didáticos desenvolvidos por Cerqueira (2018) foram relevantes por avançarmos no conceito lugar de referência no telejornalismo, pois os jornalistas os utilizam sem terem a consciência. Como foram demonstrados nas reportagens. Para Cerqueira (2018), os dispositivos nascem da necessidade de quem está envolvido, de experiências pessoais, do nível de conhecimento e capacidade de reinterpretação, por meio da projeção sobre o perfil do telespectador (CERQUEIRA, 2018, p. 218).

Esses elementos fomentaram nosso percurso na investigação que realizamos durante a dissertação. O caminho percorrido pelos teóricos do jornalismo, do telejornalismo e o campo da sociologia nos guiaram e instruíram nossa trajetória durante o árduo e longo percurso, mas satisfatório a partir do momento em que temos algumas convicções e dúvidas que são provenientes da pesquisa.

O estudo nos mostrou que a busca pelo didatismo está naturalizada; nos procedimentos e processos de apuração, seleção e apresentação (WOLF, 2005). Foi possível observar que os jornalistas reconhecem que o telejornal NE1 orienta seus telespectadores a partir do momento em que eles acompanham, minuto a minuto, a audiência. Os profissionais fazem uso da linguagem mais acessível para que o telespectador compreenda as informações. Para o Editor 3: “o didatismo começa na hora que o repórter vai fazer o texto. Ele tem que falar de uma

forma super simples, de assuntos muitas vezes muito complicado. Então o repórter começa esse didatismo na hora de fazer as perguntas, de forma muito acessível para as pessoas entenderem e participarem da reportagem” (Editor 3, entrevista concedida em 18/12/2018).

É nesse contexto que pode-se explicar a preocupação didática que os jornalistas possuem ao elaborar uma reportagem. É notório o esforço em buscar as melhores imagens e o uso de uma linguagem de fácil compreensão, pois o jornalista tem também a responsabilidade de fazer com que seu público compreenda o mundo que o cerca. É dessa maneira que o jornalismo consegue intermediar os diversos campos de conhecimento.

A preocupação do jornalista em contextualizar homens e mulheres no mundo que os cerca, fez com que percebemos que esses profissionais, diariamente, trabalham para construir o noticiário como sendo um lugar de referência. Para isso, os jornalistas utilizam recursos na produção da reportagem para que o conteúdo seja compreendido. E os dispositivos didáticos utilizados são os responsáveis.

É importante ressaltar que dos doze dispositivos didáticos que Cerqueira (2018) nos apresentou, foram baseados nas práticas jornalísticas, e nós destacamos seis dispositivos nesse trabalho que apareceram nas reportagens exibidas nos dois dias em que estivemos na emissora realizando a observação participante.

Uma outra questão bastante significativa e que vem contribuindo para a elaboração do noticiário consiste na demanda, por parte do cidadão comum, do envio de fotos e vídeos através do aplicativo *WhatsApp*, denunciando o (des)serviço público. Essa abertura e aproximação, mudou o modo de fazer jornalismo.

Devido a velocidade com que os fatos acontecem nas ruas, o uso do aplicativo *WhatsApp* na redação, não apenas aproximou o público dos jornalistas como também, tornou-se um canal fundamental para o envio de vídeos e fotos sobre os problemas enfrentados pelos moradores de uma comunidade, por exemplo. Na elaboração das pautas, oriundas desse aplicativo ou até mesmo das redes sociais, tais como: *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, destacamos a importância da apuração dos fatos, sempre trabalhada de maneira crítica e responsável pelo jornalista; mesmo que a inclusão dos telespectadores como coprodutores, a chancela continua sendo dos profissionais do jornalismo.

Os jornalistas não podem criar as notícias do nada. Eles são dependentes de fontes confiáveis, materiais específicos, dados, pesquisas que são fornecidos por instituições credíveis, como as fontes do Estado que geram material para matérias. Molotch e Lester (2016), levam em consideração que as atividades cotidianas geram os acontecimentos e “existem interesses na promoção de certas ocorrências para utilidade pública, assim como

interesses na prevenção de certas ocorrências se tornarem acontecimentos públicos” (MOLOTCH; LESTER, 2016, p. 66). Dentre os vários assuntos que são levados à população diariamente, as pessoas demonstram diferentes interesses. Para os autores, os acontecimentos são construídos por três tipos de agentes; os promotores de notícia (*news promoters*), são os que dão e identificam um fato que é importante para os outros; em segundo, os *news assemblers* composto pelos profissionais do jornalismo que transformam os materiais recebidos pelos promotores e os tornam públicos; e por fim, os consumidores (*news consumers*), que criam uma compreensão de tempo público a partir das notícias veiculadas.

Um outro ponto que também merece destaque consiste na reportagem sobre a falsa informação da construção de um shopping, que foi divulgada em uma rede social. O número elevado para a contratação em várias áreas fez uma multidão de pessoas desempregadas irem até o local, fato que chamou atenção da produção do telejornal. Isso nos faz pensar que a população precisa ainda mais do telejornal como um lugar de referência, um lugar onde se busca informações que são confiáveis até mesmo pela credibilidade dos profissionais.

Isso nos fez pensar sobre o que vivenciamos na atualidade no jornalismo, que é o fenômeno das *fake news*; que nos remete a eleição presidencial nos Estados Unidos em 2016. Para Kakutani (2018), “o ataque à razão e à verdade atingiu seu ápice nos Estados Unidos durante o primeiro ano de mandato do presidente Trump, [...]” (KAKUTANI, 2018, p. 28). Nesta obra, a autora tece severas críticas ao descaso pelos fatos e da razão, descreditando a verdade. É sabido que Donald Trump perdeu a eleição no voto popular, mas ganhou a eleição dentro das regras do país.

Episódio bastante parecido com esse, foram as eleições no Brasil em 2018. Durante todo o período e agravou-se no segundo turno, as redes sociais foram palcos para enxurradas de informações desconstruídas e mentirosas publicadas pelo então Presidente Jair Bolsonaro ao seu opositor, Fernando Haddad.

A facilidade de acesso à informação contribui para que nós possamos formar nossas opiniões e fazermos nossas escolhas. No entanto, na outra ponta, o jornalista tem que estar envolvido pela ética profissional. Karam (2014), diferencia ética, moral e deontologia; de modo que o autor tem a ideia de ética como sendo um “movimento de desalienação e da redefinição tanto do comportamento moral quanto dos princípios deontológicos” (KARAM, 2014, p. 35). Cabe ao jornalista, no rigor da sua função, desalienar a sociedade, modificando, transformando o indivíduo em um sujeito que reflete os acontecimentos em sua volta. Bucci (2000) defende que “o jornalismo é conflito, [...]. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é lugar de conflito” (BUCCI, 2000, p. 11). Nos baseamos nesses autores,

para reforçarmos que o jornalismo não está assentado na mentira; ele contribui para a construção da realidade social e a credibilidade é um fator determinante para estabelecer uma relação de confiança com o telespectador.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que apesar das mudanças tecnológicas dentro da redação, as modificações no modo de fazer jornalismo, a inserção do cidadão comum como coprodutor de notícias ainda assim, cabe ao profissional do campo do jornalismo decidir o que vai ou não ser divulgado, pela justificativa dos jornalistas serem legitimados e por possuírem contatos com fontes confiáveis.

O conceito “comunidade interpretativa” de Zelizer (1993) reforça a chancela dos jornalistas, visto que para a autora, essa comunidade é composta apenas por jornalistas, pois só eles fazem uso de uma maneira própria da cultura da profissão para a interpretação dos acontecimentos públicos. Os jornalistas reconhecem esse mecanismo quando estão entre seus colegas de trabalho.

Mas vale ressaltar, que nós não levamos em consideração que os jornalistas formem uma comunidade, pois comungamos do conceito de comunidade de Bauman (2003); para ele a comunidade é algo que dar a entender como algo bom e que os integrantes estão seguros e compartilham de todos os conhecimentos e decisões indiscutíveis. Entretanto, o autor aponta que estar em comunidade é também perder a liberdade. E levando esse modo de raciocínio de Bauman (2003) para o jornalismo, vamos perceber que na reunião de pauta para a elaboração do noticiário, há divergências entre os participantes, há conflitos de ideias e questionamentos. Para nós, os jornalistas estão mais para “tribos” que indentificam-se por possuírem linguagem jornalística, cultura profissional, os critérios de noticiabilidade e a ética da profissão.

Dentro desse contexto, em que ocorre a construção da notícia com os critérios de noticiabilidade, as regras, as normas da organização e a política editorial, é que o jornalista vai desvelando a realidade e, dessa forma, produz conhecimento.

A partir do momento em que o jornalista revela a realidade, os acontecimentos do cotidiano, seguimos a perspectiva freiriana para justificar que o jornalismo é uma forma de conhecimento, visto que através dele, homens e mulheres desenvolvem a conscientização e o senso crítico.

Isso posto, procuramos apresentar a construção do lugar de referência no telejornal local, o NE1, na tentativa de mostrar como esse lugar de referência consiste numa dimensão ampla no jornalismo que serve para orientar a sociedade que recorem à ele para o bem ou para o mal; visto que o jornalismo funciona como um lugar central na democracia, pois interpreta a realidade e paralelo a isso, torna o cotidiano mais compreensível para as pessoas.

Sem dúvida que o noticiário é a fonte de informação onde a maioria da população brasileira procura para manter-se informada e como foi visto, os jornalistas despendem esforços na busca pelas melhores imagens, enquadramentos, edição, artes, uso de arquivos para possibilitar que a matéria seja apreendida pelo público.

Concluimos este trabalho com a convicção de que o telejornal NE1 é um lugar de referência para os moradores da Região Metropolitana do Recife. É através desse noticiário que acompanhamos os principais fatos, estabelecendo dessa forma um sentimento de pertencimento de uma comunidade, de um Estado.

Em momento algum defendemos ou presenciamos um jornalismo confabulando irrealidades; mas sim, um jornal que contribui com a construção da realidade e com a democracia.

Desejamos que essa pesquisa contribua para futuras investigações, pois acreditamos que esse estudo trouxe uma possibilidade de continuidade sobre a discussão dos dispositivos didáticos e o lugar de referência, tendo em vista que ainda há outros dispositivos didáticos que Cerqueira (2018) nos apresentou; mas que nesse trabalho foram detectados alguns. E que há possibilidade de serem analisados e fazer uma análise mais profunda. Esse foi apenas o primeiro passo nesse tipo de análise e que traz essa contribuição para pensarmos nessas relações. Pretendemos que essa investigação incentive todos que trabalham por um jornalismo mais justo e ético.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Kellyane Carvalho. **A Audiência ativa no Brasil e Espanha: telejornalismo e colaboração.** (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2019.
- ARIAS, Rafael Diaz. **La información periodística en televisión. La construcción del mundo en imágenes y sonidos.** Editorial Síntesis, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS FILHO, Clóvis de. MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação.** – São Paulo: Paulus, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BECKER, Beatriz. **Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo.** IN: 40 Anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos. Alfredo Vizeu, Flávio Porcello, Iluska Coutinho (orgs.) – Florianópolis: Insular, 2009. P.81 – 104.
- BENEDICT, Anderson. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo.** Edições 70, Ltda. Lisboa; Portugal, 2005.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis, Vozes, 2009
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: orientação do homem moderno.** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BONFIM, Márcio. **Mutirão para renegociar dívidas / Procon Recife. De hoje até sexta, no Compaz de Santa Terezinha.** NE1- Rede Globo Recife, 20 de novembro de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7174424/programa/?s=04m48s> . Acesso em: 22 nov. 2018.
- BONFIM, Márcio. **Mudança no trânsito da Madalena / Veja como ficou a circulação de veículos na área.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7176782/>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- BONFIM, Márcio. **Supostos trabalhos para a construção de shopping no Cabo / Caso está sendo investigado pela polícia civil.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7176873/programa/>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 7. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª. ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

BREED, Warren. **Controle social na redação. Uma análise funcional**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (org.). Florianópolis, 2016. P. 213 – 231.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASTAÑON, Gustavo Arja. **Construtivismo e ciências humana**. IN: **Ciência & Cognição**. 2005. Vol.05:36-49. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/523/293>. Acesso em 17 mai. 2018.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica no telejornalismo – e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística**. Insular: Florianópolis, 2018.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CORREIA, João Carlos. **Jornalismo e espaço público**. Covilhã, 1998. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/correia_jornalismo_espacopublico.pdf Acesso em: 20 dez. 2018.

CORREIA, João Carlos; VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Junior. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. IN: **A sociedade do telejornalismo**. Alfredo Vizeu (organizador). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 11- 28.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade. Para uma ética da informação**. Instituto Piaget, 1994. Lisboa.

DIJK, Van. Notícias e conhecimentos. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. II, nº 2 – 2º semestre de 2005, 2005, p.13-29.

D.W. WINNICOTT. **O brincar & a realidade**. Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1975.

EDWARD S. Herman; Noam Chomsky. **A manipulação do público**. São Paulo: Futura, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. **O impeachment da televisão. Como se cassa um presidente**. Diadorim Editora Ltda. Gávea – Rio de Janeiro – RJ. 1995.

FIGUEIREDO SOBRINHO, Carlos Peres. **Jornalismo de serviço: Política, discurso, representação e participação em disputa**. Tese. 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fluir e pensar a TV**. 3.ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção Temas & Educação, 1)

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14.ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

GADINI, Sérgio Luiz. **Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade**. Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 33. Agosto de 2007. P. 79 – 88.

GENRO Filho, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2002.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo: como se forma el presente**. Paidós, 1991.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. IN: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. P.72 – 95.

GROTH, Otto. **O poder cultural do desconhecido: fundamento da Ciência dos jornais**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GRUBERTT, Bruno. **Mudança no trânsito da Madalena / Veja como ficou a circulação de veículos na área**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7176782/> Acesso em 24 de novembro de 2018.

HALL, Stuart; Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts. **A produção social das notícias: o muggin nos media**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (org.). Florianópolis: Insular, 2016. P. 309 – 341.

JOÃO CARLOS CORREIA. **A construção social da realidade e o jornalismo como profissão especializada**. IN: **Pesquisa em Media e Jornalismo – Homenagem a Nelson Traquina**. Isabel Ferin Cunha, Ana Cabrera, Jorge Pedro Sousa (Orgs.) – Covilhã, Portugal, 2012. P. 80 – 103.

JOÃO PISSARRA ESTEVES. **Sociologia da comunicação**. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2011.

JORGE DUARTE, Antônio Barros. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. – 8. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A moral profissional e a ética jornalística**. Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://monitorando.files.wordpress.com/2009/09/moral-profissional-e-etica-jornalistica.pdf> Acesso em: 29/10/2018.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4. Ed. – São Paulo: Summus, 2014.

LUHMANN, Niklas. **Confianza. Introducción de Dario Rodriguez Mansilla**. – 1ª reimpressão – Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Iberoamericana; Santiago de Chile: Instituto de Sociología. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2005.

MAR de Fontcuberta. **A Notícia. Pistas para compreender o mundo**. Casa das Letras. 3ª edição, 2010.

MARTHA Gabriel. **Apresentação**. IN: Como sair das bolhas. Pollyana Ferrari. – São Paulo: EDUC/ Fortaleza: Armazém de Cultura, 2018.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Setembro de 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. IN: **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. / Márcia Benetti e Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca (orgs.). Florianópolis: Insular, 2010. P. 19 – 42.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta**. IN: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. P. 56- 71.

MOLOTCH, Harvey; Lesters, Marilyn. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (org.). Florianópolis: Insular. 2016. P. 61 – 81.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NELSON De Sá. **Antes tarde do que nunca: o duopólio Google – Facebook começa a agir para desmascarar posts e conteúdos no mínimo duvidosos que confundem usuários e plataformas digitais**. IN: **Revista Jornalismo ESPM** Jan/ Jun 2017. Nº 19/ Ano 6. P. 39-41

NEVES, JOSÉ. **Mutirão para renegociar dívidas / Procon Recife. De hoje até sexta, no Compaz de Santa Terezinha**. NE1- Rede Globo Recife, 20 de novembro de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7174424/programa/?s=04m48s> . Acesso em 22 de novembro de 2018.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento.** IN: **Meios de comunicação de massa.** Charles S. Steinberg. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972. P. 168 – 185.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA, Fábio Henrique, MOURA, Dione Oliveira, ADGHIRNI, Zélia Leal (org) **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias.** Florianópolis: Insular, 2012.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** 4. Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **As cidades do telejornalismo: algumas considerações.** E-Compós (Brasília), V. 10, P. 01-16, 2007. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/201/202>. Acesso em: 05 fev. 2019.

PEREIRA JÚNIOR, A.E.V.; ROCHA, Heitor. **Telejornalismo, ciência e ideologia: A dificuldade de reconhecimento do estatuto científico da comunicação.** IN: **O Brasil (é) ditado.** Flávio Percello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho (orgs.). Coleção Jornalismo Audiovisual. V.1. Florianópolis: Insular. 2012. P. 89 – 111.

PEREIRA JÚNIOR, A.E.V.; ROCHA, Heitor; SIQUEIRA, Fabiana. **Telejornalismo e Comunicação Dialógica: A Possibilidade do Exercício da Cidadania em Grande Escala.** IN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Disponível em: https://jornalismocontemporaneo.files.wordpress.com/2012/11/intercom_alfredo_heitor_fabiana.pdf. Acesso em: 05 fev. 2019.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação.** IN: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** Jorge Duarte, Antônio Barros – organizadores. – 2. Ed. – 8. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015. P.125 – 145.

PONTES, F. S.; SILVA, G. **Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia.** In: **Revista Galáxia**, n. 18, São Paulo, 2009. p. 44-55. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2638>>. Acesso nov. 2018.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2001 - 10ª reimpressão.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado. Convergencia de medios y reorganización de redacciones.** Editorial Sol 90. Barcelona, diciembre, 2008.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento.** IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Nelson Traquina (org.). Florianópolis: Insular, 2016. P. 51 – 59.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el encuadre de las noticias. El binômio terrorismo-medios** – 1ª ed. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

- SEARLE, J. R. **La construcción de la realidad social**. Barcelona: Paidós, 1997.
- SEARLE, J. R. **Mente, linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 2000.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. **Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news**. IN: **Revista Observatório**, Palmas, v.4, n.3, p. 759-782, maio. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4629/13090> Acesso em: 26/11/2018.
- SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Série Jornalismo a Rigor. V. 4. Florianópolis: Insular, 2009.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. IN: **Estudo em Jornalismo e Mídia**. Vol. II, Nº1 – 1º Semestre de 2005. P. 95 – 107.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. IN: **Críticas de Noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Gislene Silva, Marcos Paulo e Mário Luiz Fernandes (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2014. P. 51-69.
- SILVEIRA, Mônica. **Mutirão para renegociar dívidas / Procon Recife. De hoje até sexta, no Compaz de Santa Terezinha**. NE1- Rede Globo Recife, 20 de novembro de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7174424/programa/?s=04m48s> . Acesso em: 22 nov. 2018.
- SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia: o flagrante único de coprodução no telejornalismo**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Comunicação, 2013.
- SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Amorrortu editores: Buenos Aires. 1994.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Tobia Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo**. IN: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. I; Nº 2- 2º Semestre de 2004. P. 31 – 46. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071>. Acesso em: 22 dez. 2018.
- TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: Ibict: UNESCO, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2005. Vol I
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Introdução**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (ORG.). Florianópolis: Insular, 2016. P. 189 – 199.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4. Ed. revista. São Paulo: Summus, 2011.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**. Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 1983.

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (ORG.) Florianópolis: Insular, 2016. P. 111 – 131.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **Saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística**. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. ECA/USP – São Paulo – Novembro, 2017.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **Telejornalismo: efeitos para o bem e para o mal**. IN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo – SP. de 05 a 09/09/2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2925-1.pdf> Acesso em: 22 dez. 2018.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. IN: **A sociedade do telejornalismo**. Alfredo Vizeu (organizador) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 11 – 28.

VIZEU, Alfredo; SANTANA, Adriana. **O lugar de referência e o rigor do método no jornalismo: algumas considerações**. Revista Intertexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 22, p. 38 -48, janeiro / junho 2010.

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento**. Revista Famecos. Porto Alegre, v.21, n.3, p.880 – 877. Set. – dez. 2014.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O newsmaking e o trabalho de campo**. IN: **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (org.) – 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 223 – 236.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZELIZER, Barbie. **Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa**. IN: *Critical Studies in Mass Communication*, 1993.

WHITE, David Manning. **O gatekeeper: uma análise de caso na seleção das notícias**. IN: **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Nelson Traquina (org.). Florianópolis: Insular, 2016. P. 201 – 211.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público. Uma teoria crítica da televisão. Uma teoria crítica da televisão**. Trad. José Rubens Siqueira - São Paulo: Ática, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Como você enxerga a notícia falsa no jornalismo? Fala um pouco sobre a importância da checagem.
- 2) Me fala a importância do resgate dos fatos, das falas, do pensamento dos personagens envolvidos.
- 3) Você acredita que na redação há uma preocupação pedagógica quando edita uma reportagem?
- 4) Quais recursos você utiliza para que a reportagem torne-se compreensiva para o telespectador?
- 5) Na reportagem sobre a saída dos 414 médicos das regiões do agreste e sertão do Estado, do Programa Mais Médicos, houve o povo fala, teve duas fontes oficiais e a arte para explicar o edital divulgado pelo Ministério da Saúde. Por que se recorre a personagens e fontes? E por que você fez uso da arte?
- 6) E quando a imagem não é esclarecedora o suficiente, o que fazer?
- 7) Sobre o aplicativo *WhatsApp* da emissora, como você o enxerga na redação? Como acontece a seleção do que merece ir para o quadro Calendário?
- 8) Você acha que essa interação e *feedback* do público interfere no modo de produção do jornalismo?
- 9) Você concorda que o jornalismo assume uma função de fiscalizador dos órgãos públicos?
- 10) Você segue alguma orientação da Globo ao fazer uma reportagem ou mesmo ao editá-la?
- 11) No momento em que você produz o jornal, você acredita que está construindo um lugar onde o telespectador se contextualiza no mundo que o cerca?
- 12) Para você, o NE1 orienta seu público?

APÊNDICE B- ENTREVISTA DO EDITOR 1 DO NE1

- 1) O que é notícia?
- 2) Hoje eu vi uma matéria em que o repórter fez na farmácia do Estado sobre a falta de remédios para os portadores de epilepsia entre outras doenças, e essa matéria tem um impacto muito grande a partir do momento que atinge várias pessoas. Foi uma denúncia feita pelos pacientes. Nesse caso, o jornalismo agiu como um intermediário. Você acredita que o jornalismo age como um fiscalizador dos órgãos públicos?
- 3) Quais são os critérios utilizados para vocês definirem o que é noticiável?
- 4) No caso da reportagem sobre a falsa construção de um Shopping no Cabo de Santo Agostinho, que foi divulgada através de uma rede social, eu vi toda a movimentação e esforço da equipe para saber se realmente era verdade. Foi uma equipe até o local para fazer as imagens e entrevistar alguns desempregados que foram lá na esperança de voltarem a trabalhar. Como você enxerga as notícias falsas no jornalismo? E me fala sobre a checagem.
- 5) Vocês seguem algum critério ou manual de redação?
- 6) Quais os critérios que vocês usam para editar uma reportagem?
- 7) Uma coisa que achei interessante foi a questão da audiência porque você acompanha e vê quando está ganhando ou perdendo. E isso não altera o entendimento do telespectador?
- 8) E a questão do tempo pra cada reportagem? Eu observei que você estabelece o tempo, mas que está sujeito a mudanças. Tu diz: “ah, fulano tua entrada ao vivo vai durar 2, 3 minutos.”
- 9) Por falar em fiscalizar, tem o quadro Calendário que eu considero com viés político. Mas, você considera que o jornalismo tem a função de fiscalizar os órgãos públicos?
- 10) Com relação a audiência, qual a preocupação que há com ela na seleção das falas e imagens?
- 11) E tem que ter a preocupação didática. Precisa ser educativo. E aí vem a linguagem, que tem que ser.
- 12) E dessa forma que vocês fazem o jornal, com uma linguagem fácil, uma forma didática e educativa, para que o telespectador em casa entenda tudo, vocês acham que dessa forma vocês criam uma relação de confiança entre o jornal e o telespectador?
- 13) Ao redigir um texto, vocês se preocupam em torna-lo o mais compreensível?
- 14) Quais são os recursos pra tornar a reportagem mais compreensiva?

- 15) Vocês recebem muitos vídeos e denúncias via WhatsApp. Como você enxerga esse aplicativo no jornalismo?
- 16) Teve um dia em que o repórter estava ao vivo no bairro da Madalena para mostrar as mudanças feitas no trânsito e falou com alguns moradores e motoristas. No intervalo do NE1, esse mesmo repórter deslocou-se para um outro ponto, no mesmo bairro, para mostrar uma obra da Compesa.

APÊNDICE C- ENTREVISTA DO EDITOR 2 DO NE1

- 1) Vamos começar pelo meu primeiro dia de análise. Houve uma informação falsa sobre a construção de uma Shopping na cidade do Cabo de Santo Agostinho. Como é pra você lidar com esse tipo de informação? E fala sobre a importância da checagem.
- 2) Ainda com esse tema: a falsa informação; no dia seguinte vocês fizeram suíte da matéria do Shopping no Cabo de Santo Agostinho. Me fala sobre a importância do resgate dos fatos, das falas dos personagens envolvidos.
- 3) Você tem a preocupação em ser pedagógico ao editar as reportagens?
- 4) Quais procedimentos você usa para tornar a reportagem compreensiva?
- 5) Na reportagem sobre a saída dos 414 médicos das regiões do agreste e sertão do Estado, do Programa Mais Médicos. Houve o povo fala, teve duas fontes oficiais (o Presidente da AMUPE e a Secretaria de Saúde de Serra Talhada) e a arte para explicar o edital divulgado pelo Ministério da Saúde. Por que se recorre ao personagem e fontes? Quando e por que essa matéria pediu uma arte?
- 6) E quando ocorre a falta de imagem ou quando a imagem não é clara o suficiente?
- 7) Sobre o WhatsApp da emissora. A demanda é enorme. Como você enxerga esse aplicativo na redação? Como acontece a seleção, a escolha do que merecer ir para o quadro Calendário?
- 8) Ainda sobra o WhatsApp, com a possibilidade de interação e *feedback* do público, você acha que isso interfere no modo de produção do jornalismo?
- 9) Mas a chancela continua com vocês?
- 10) Ao receber o vídeo pelo WhatsApp, sobre o buraco do loteamento em São Lourenço, você concorda que o jornalismo assume uma função de fiscalizador dos órgãos públicos?
- 11) Me fala sobre as instruções quando vai fazer reportagem. Você segue alguma orientação da Globo ou manual de redação?
- 12) No momento em que vocês produzem o jornal (tempo para cada matéria, se vai ser ou não nota coberta, acertam as imagens de cada reportagem, mudança de pauta, o número de entradas ao vivo) você acredita que está construindo um lugar onde o telespectador se contextualiza no mundo que o cerca?
- 13) Então pra você o NE1 orienta seu público?

APÊNDICE D- ENTREVISTA DO EDITOR 3 DO NE1

- 1) Sobre o Mutirão do Procon para renegociação das dívidas, que aconteceu no Compaz de Santa Terezinha. Como vocês determinam a quantidade de entradas ao vivo? E o tempo para cada reportagem?
- 2) Para você, qual a importância de colocar a fonte oficial, o povo fala numa reportagem?
- 3) Teve o Calendário: o buraco no loteamento em São Lourenço. Como você enxerga o WhatsApp na redação? Como acontece a escolha do que vai ou não para o Calendário? Vocês seguem alguma orientação da Globo de como deve ser esse tipo de matéria?
- 4) Você concorda que o jornalismo assume a função de fiscalizador dos órgãos públicos?
- 5) Na reportagem sobre a saída dos 414 médicos das regiões do agreste e sertão. Qual a importância do povo fala, das fontes oficiais e da descrição em arte?
- 6) Quais os recursos que você faz uso para prender o telespectador e segurar a audiência?
- 7) Quando vocês editam, você tem a preocupação pedagógica?
- 8) Quais procedimentos usados para tornar a reportagem compreensiva? Vocês entram em um consenso?
- 9) Você acredita que consegue construir uma relação de confiança com o telespectador?
- 10) Como é que acontece a coisa do ibope? Como acontece essa aferição? Como é que vocês sabem quantas televisões estão ligadas em vocês? É algum aparelho que vem nessas televisões digitais?
- 11) Me deu a impressão de que a audiência é quem manda no jornal porque teve um momento em que quando ela viu que estava perdendo audiência aí ela puxou, avisou a ele que ia acabasse aquela reportagem ia entrar outra matéria em seguida.
- 12) Sobre a falsa informação da construção do shopping no Cabo. Como você enxerga as notícias falsas no jornalismo? Fala sobre a importância da checagem.
- 13) Como o editor molda para deixar mais compreensível?
- 14) No dia 21 de novembro de 2018, teve ao vivo com Grubertt, Ronan e Clarissa. Foram pouco mais de 8 minutos com Grubertt. Como você explica o tempo só para essa matéria? Como é determinado o tempo em que a informação aparece na tela?
- 15) Como vocês determinam o tempo para cada reportagem?
- 16) Qual a importância da contextualização?

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO PARA REDE GLOBO NORDESTE

À Jô Mazzarolo

Diretora de Jornalismo da Rede Globo Nordeste

Eu, Professor Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior, CPF 23873868091, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE) declaro para os devidos fins que a aluna de mestrado, regularmente vinculada a esta Instituição, Luciana Cristina Borges de Araújo, pretende realizar pesquisa de observação de campo na Rede Globo Nordeste, durante o telejornal NE 1ª edição, com o intuito de contribuir para a análise da sua dissertação, que tem como tema central a investigação NE1 como construção do lugar de referência. O período de observação pretendido são os dias 20 e 21 de novembro de 2018, totalizando dois dias de trabalho de campo.

O estudo que está sendo desenvolvido tem como objetivo central analisar como os jornalistas constroem o lugar de referência no NE1, observando as rotinas produtivas da redação.

Cordialmente,

Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior
Coord. do Núcleo Jornalismo e Contemporaneidade